

AGITAÇÃO

II-III

FEVEREIRO

1932

EDIÇÃO DO GRUPO AGITACIONISTA

PROTEJA O SEU LAR COM O TELEPHONE



INFORMAÇÕES NA

Telephone Company
of Pernambuco Ltd.

Rua Joaquim Tavora, 106

TELEF. 4

Casa Nicoláo

NICOLÁO MUSSA ZARZAR & Cia.

IMPORTADORES E EXPORTADORES

DE MIUDEZAS, PERFUMARIAS, BIJOUTERIAS, ETC.

VENDAS EM GROSSO E A RETALHO

PREÇOS MODICOS

Rua Visconde de Inhaúma n. 123

(ANTIGA DO RANGEL)

RECIFE — PERNAMBUCO

End. Telegráfico: "MUSSA"

AGITAÇÃO

II-III

FEVEREIRO

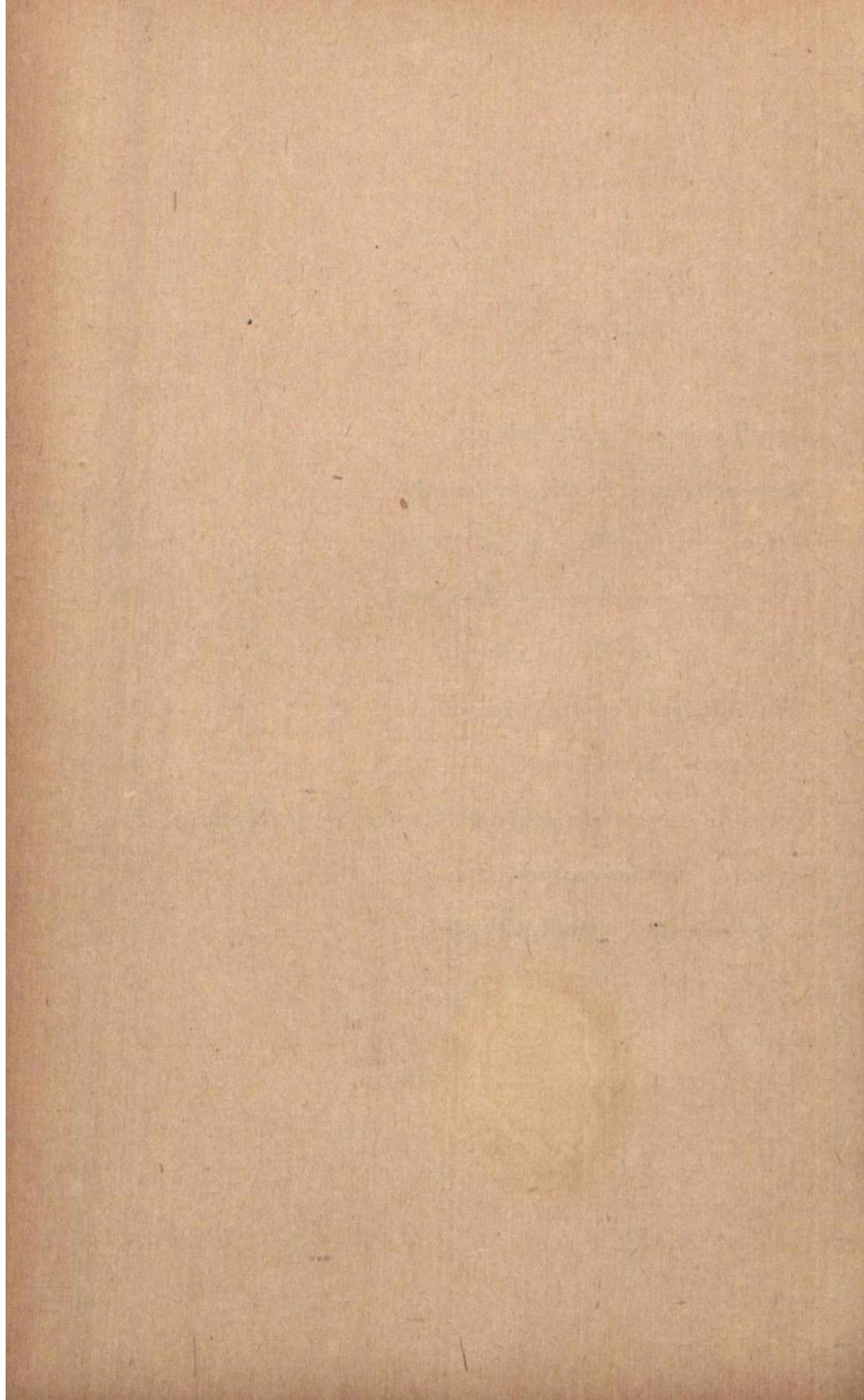
1932

EDIÇÃO DO GRUPO AGITACIONISTA

No. 378344
En. 8924445

INDICE

	Paginas
A realidade do Agitacionismo	5
Idéas sobre um Recife de amanhã	7
A Doutrina de Monroe e o Brasil	15
Ensaio sobre a These de Machiavel	19
Juillet, 1914, de Emil Ludwig	34
A familia e o Regime communista	38
O Homem Chapliniano	44
Notas de um estudo sobre D. Pedro II e a Abolição	50
Aspectos da musica moderna	57
Como eu comprehendo Chaplin	61
Geração nova	68
Notas	72



A REALIDADE DO AGITACIONISMO

No Brasil em geral os movimentos de cultura surgem e desaparecem como por encanto.

Deixam apenas o material necessario á risada dos scepticos.

Entre nós, porém, o Grupo Agitacionista está fugindo a essa pratica tão brasileira.

Em oito mezes de actuação elle póde apresentar um stock consideravel de realizações em funcção do seu plano de acção cultural.

Com uma revista de estudos que escapa ás possibilidades communs, o Grupo tem vivido em agitação permanente.

Corollario de sua primeira phase está ahi entregue á publicidade um livro serio que o Grupo editou. Referim-nos ao livro "O Estado e a Egreja" do sr. Nehemias Gueiros, um dos agitacionistas mais destacados.

Livro de cultura mesmo, o autor responde ao plano de sociologia **finalista** do pensador brasileiro sr. Tristão de Athayde, ampliando a resposta com um ensaio em torno das relações politico-religiosas entre o Estado e a Egreja.

Edição do Grupo Agitacionista, que tem para isso

um cuidado especial, vulgarizando os estudos dos seus pares no sentido de melhor projectar as suas realizações, o livro do sr. Nehemias Gueiros está destinado a marcar epoca em nossa vida universitaria e nos circulos da moderna cultura brasileira.

O livro está precedido de um brilhante ensaio do sr. Octacilio Alecrym, elemento do Grupo, fixando a posição do Agitacionismo.

IDÉAS SOBRE UM RECIFE DE AMANHÃ

DR. BEZERRA COUTINHO

Volta-se a agitar a questão de dotar Recife de um plano urbanístico que ponha termo á desordem atual e possa transforma-la de vila crescida ao acaso, que tem sido, em realização a um tempo tecnica e artistica.

Salvo rarissimas excepções nunca as cidades conheceram outros ordenadores alem do acaso. E é sempre difficil, muitas vezes impossivel corrigir o que o acaso realizou em pedra. O caso de Paris é tipico. Cidade fortificada desde o inicio da Idade Media, rodeada de muros nos diferentes periodos de sua evolução, foi obrigada a conter sue expansão num circulo inextensivel, que a condenou ás viélas, aos bécos, ao apinhamento. Quando um Haussmann surge, não se pode mais senão remediar com estas ou aquellas demolições, puramente aleatorias, enquanto a congestão, o "engarrafamento" do tranzito, campeam como males cronicos, para os quaes nenhuma medicação é eficaz.

Ha, em verdade, o plano "Voisin", fruto da audacia sem limite de Le Corbusier, mas desde a Exposição de Artes Decorativas de 1925 que o plano dorme em "maquette" e em gravura apesar de sua viabilidade. O plano "Voisin" continua sendo apenas uma muito bela aspiração que não será nunca realisado. Porque para empreende-lo "precisa-se um Colbert" declara seu proprio autor Le Corbusier.

Um Colbert — homem de visão exata das realidades economicas e tecnicas. Um Colbert — um poder forte inquebrantavel e prolongado.

Si hoje é difficil encontrar o Colbert necessario, amanhã será praticamente impossivel, porque a valorizazção crescente do solo e os capitães imobilizados, crescendo em progressão geometrica, anulam toda chance para qualquer tentativa mais radical de ordenação.

Em poucos anos Paris estará submetida a situação irresoluvel de Nova York, cidade doente de gigantismo desharmonico, incuravel, porque nunca se se demolirá um Empire State Building com a finalidade de permitir uma distribuição rasoavel de espaços e massas de edificação. Nova York é uma cidade que despertou tarde, quando já não era mais possivel concertar, e onde as posturas municipais de regulamentação fazem o efeito de inaparentes retoques, um eufemismo sob a forma de lei. A afirmação novayorkina do arranha-céu é a negação do individuo, sufocado no fundo do "cañon" das edificações, anulação da rua, da perspectiva, usurpação da luz. A cidade tentacular está porem ferida de morte, não porque as atualmente existente estejam fadadas á destruição, certamente adicionarão outros milhões de habitantes aos que já possuem, mas porque esgotam-se as possibilidades, as rasões de ser, de sua propria aspiração.

Compreende-se facilmente o mecanismo dessa diminuição de possibilidades, quando se pondéra que a rasão mesmo de ser das cidades está na esfera dos fatos economicos. E o que hoje se observa nesse dominio é a crescente tendencia á racionalização estrita da produção. Com a concentração das industrias junto ás reservas de materia prima ou ás fontes naturais de energia, tende a população da Terra a se distribuir em nucleos em certo numero de centros onde se consagram ás atividades de acordo com as possibilidades locais. O valor numerico da população de cada centro será portanto condicionada pela quantidade de trabalho a realizar. E' o que se verifica nos Estados Unidos com as cidades do petroleo, do ferro e do carvão para não falar nas efemerias cidades do ouro, as "mushrcorn-city", nascidas em uma noite, extintas ao mesmo tempo que os filões; é o

que se verifica na Russia onde o plano quinquenal propõe e edifica cidades industriais de centenas de milhares de habitantes junto a empreendimentos como Dnieprostroi, centro de produção e distribuição de energia elétrica, Magnitostroi consagrada exclusivamente à mineração e trabalho do ferro, enquanto cidades como Nijni-Novgorod, dedicada por uma tradição de séculos ao comércio, torna-se num centro industriais químicas e de produções mecânicas.

Recife, tem sido e continuará a ser por muito tempo ainda cidade dos transportes, ponto de contacto entre as vias de comunicação do interior e as linhas marítimas.

Esta simples verificação torna-a homologável a uma Hamburgo, uma Portsmouth, uma Nova-Orleans, uma Marselha, uma Odessa, trazendo como resultado imediato a dependência entre a população e o valor económico da região que ela centraliza, só podendo portanto assumir as proporções grandiosas de Hamburgo quando eventualmente, o nordeste puder ser equiparado em importância à Alemanha, Recife será a cidade das alfândegas, dos armazéns, dos depósitos. (1)

Esta sua finalidade será tanto melhor realizada quanto mais estreitamente se solidarizarem as comunicações marítimas com as terrestres. Esta peculiaridade ao mesmo tempo geográfica e económica vai condicionar todo plano razoável de renovação da cidade. A solidarização entre as diferentes vias de comunicação que convergem para Recife confunde-se com a própria grande questão interna de todo centro urbano: a orga-

(1) A população das cidades que dependem do comércio é relativamente pouco numerosa.

Portsmouth (1927)	232.100
Odessa	411.416
Nova Orleans (1928)	429.400
S. Francisco (1928)	585.300
Marselha (1926)	652.196
Hamburgo	1.079.426

Por este quadro vê-se que a população das cidades escolhidas como termo de comparação com Recife oscila em torno da cifra 400 a 500 mil habitantes, mesmo quando se trata de cidades como S. Francisco, ponto de convergência do comércio do Pacífico do Norte, ou Nova Orleans na foz do Mississipi entreposto comercial do sul do vale central dos Estados Unidos, ou Marselha a porta da França no Mediterraneo.

O caso de Hamburgo, verdadeira anomalia, compreende-se facilmente, se se considera que é também uma grande cidade industrial.

Os fatores políticos pouco influem no desenvolvimento das cidades. Baton Rouge, capital do estado de Louisiana, conta com a exigua população de 21.782 habitantes, tanto quanto um só arrabalde de Nova Orleans, no mesmo estado.

Pode-se portanto concluir que a população de Recife que orça por perto dos 400.000, deve ter atingido o numero de equilibrio, e que as variações futuras serão meras flutuações de pouco valor.

Com efeito, a unica probabilidade séria de aumento seria a eventualidade de um desenvolvimento industrial como succedeu em S. Paulo. Dadas porem as peculiaridades da geografia economica do estado é de pouco esperar tal acontecimento. Pelo contrario, o que se verifica é o progressivo equipamento industrial do interior com as instalações dos beneficiamentos das materias primas nos proprios lugares em que são produzidas.

nização racional do tráfego. (2) E o tráfego de Recife consiste no transporte das mercadorias e demais valores de exportação, das estações e das estradas para o porto e trajecto inverso dos valores importados. O eixo de uma organização urbana lógica e racional neste caso é portanto a execução de ligações mais rápidas e directas possíveis, entre os diferentes desembarcadouros, estações e caes.

A solução do problema "central" entre nós coincide, em linhas geraes, com o mesmo problema em outras cidades. Hoje a vida comercial se estira através de três bairros num alongamento delgado de mocinha hética, acaba de invadir a rua do Hospício e a praça Maciel Pinheiro e ameaça seguir ao longo das linhas dos bondes evitando as estreitezas das vias transversaes. Em virtude mesmo desta paradoxal distribuição linear de actividades esboça-se uma angustiosa crise de congestão de tráfego, reforçada pela ausencia de espaços de estacionamento, que obriga os automoveis a se enfileirarem ao longo das calçadas, entulhando as praças, roubando largura útil ao leito das poucas ruas transversaes praticaveis. A superposição dos trajetos de automoveis ao dos bondes agrava o malestar com o prejuizo mutuo que decorre da diferença de velocidades.

O simples traçado de uma rede de avenidas, virtuosidade de esquadro e tiralinhas, nada mais é que uma traição á realidade, um adiamento de solução, descarga sobre a sgerações vindouras, preguiça ou pavor da ideia audaz. O problema do transito é um problema de espaço que não se resolve com as migalhas das demoliçõeszinhas e sim com a recuperação larga da superficie a custa da altura. (3) E' o principio mesmo do plano "Voi-

(2) — A preocupação de racionalizar o tráfego obstando de vez todos os inconvenientes da congestão têm preocupado de um modo incrível, todos os urbanistas que se ocupam de projetar traçados para as cidades de amanhã.

E' assim que Le Corbusier propõe, no plano Voisin, a separação do transito não só em superficie como também em sentido vertical, discriminando varios planos com direcção em um unico sentido de modo a evitar os cruzamentos.

Hilberseimer suprime praticamente o transporte de pessoas, pela superposição da "cidade de residencia" sobre a "cidade de trabalho" de modo que o trabalhador resida sobre o proprio local de trabalho, devendo chegar até o atelier ou escritorio por uma simples descida de elevador. A Ventre desloca o proprio transporte, das ruas e espaços livres, reservados á jardinagem e aos pedestres, para verdadeiros tuneis realizados no interior mesmo das massas de edificações.

Qualquer que possa ser o valor pratico dessas audazes antecipações, nós em Recife estamos longe ainda de necessitar meios tão radicaes. Uma simples e judiciosa discriminação de vias, com tráfego classificado, dará conta das urgencias.

(3) — Um edificio somente do tamanho do Empire State Building ou do Chrysler Building, as duas maiores construções de Nova York, pode perfeitamente abrigar dentro de si todo comercio de Recife. Evidentemente será um despropósito propor a condensação de todo nosso comercio dessa maneira, mas nada impede e os fatos exigem a erecção de blocos que realizarão a finalidade referida no texto e que serão possiveis tecnicamente no leito aluvionario das nossas ilhas. Um Empire, ou mesmo um Chaminé, exigiriam alicerces proibitivos.

A' objecção de ordem economica que seria o custo das demolições e das edificações, contrapõe-se a verificações de Le Corbusier na brochura *Vers un Paris Nouveau* quando assinala que, edificar uma cidade racionalizada, substituindo o esforço dispersado e por isso mesmo desperdiçador, em um esforço de conjunto "não é despendar dinheiro e sim ganhar dinheiro" pela valorização consecutiva da obra realizada.

sin". Supressão da rua, garganta comprimida entre paredões, afirmação dos "buildings" esplendidamente isolados, livres de toda compressão e afogo, distribuídos no sentido da melhor utilização de luz, de ar e de espaço e de terrenos em torno cortados de vias onde os diferentes meios de transporte seriam separados conforme sua velocidade e natureza abolindo toda possibilidade de congestão, enquanto as áreas livres ajardinadas ostentariam a magnificência verde da flora tropical.

Na edificação da zona comercial as razões de utilitarismo econômico prevalecendo sobre os motivos de ordem puramente estética, imprimem uma feição material de standardização absoluta: adaptação completa do edifício-instrumento a sua utilidade. E sua beleza será a beleza das massas grandiosas e monumentais, das superfícies, do equilíbrio magestoso dos volumes, da luta, do conflito ritmado dos planos que realizam sua finalidade. Melodia austera das grandes estruturas e das grandes realizações.

Guiado pelo critério da honestidade arquitetônica, o plano da cidade dos negócios se confunde com o plano da cidade monumental, dos teatros das diversões e dos edifícios públicos, prédios por natureza de suas funções, grandes.

Se as razões de ordem puramente estética têm sua importância diminuída em face dos motivos técnicos e econômicos na parte central, em cambio vêm a predominar na zona residencial, porque a casa é o meio humano por excelência e a vida requer um ambiente de beleza, equilíbrio e bem-estar. Não se pode portanto divorciar a habitação da paisagem que integra o espaço visível através de olhos via de regra situados a 1 metro e 70 do solo.

O problema talvez mais crítico da urbanização em Recife é precisamente a questão da paisagem.

Numa cidade como Rio de Janeiro onde a feição da natureza supera toda obra humana, o erro é tolerável porque não chega a ser percebido. Em frente a montanhas de 700 a 1000 metros de altitude, as miseráveis obras humanas desaparecerem na eclipsação das cousas mínimas. O que o homem poderia fazer de notável seria apenas sublinhar com um grifo de cimento a enquadração magnífica das montanhas e dos penhascos mediante a horizontal audaz que propõe Le Corbusier "par dilettantisme, par gout, de l'invention, par épicurisme de l'idée"... (4)

Mas na planície, tal e qual aqui, a menor empreza humana avulta como uma fabricação de horizonte, e o menor erro cresce proporcionalmente à saliência que faz. Não se pode edificar levianamente. O urbanista da planície necessita um instinto seguro das espacialidades, uma intuição poderosa das perspectivas como poucas vezes tem se encarnado. Uma vez que a questão não é mais adaptar a cidade a uma paisagem, e sim realizar a própria paisagem, uma vez que o espaço torna-se uma substância plástica a ser moldada, o urbanista da planície precisa ser um Corot ou um Ingres. É este espírito de paisagista, esta faculdade instintiva de solidarizar num todo harmônico a casa e os arredores que caracteriza a arte de Frank Lloyd Wright e de Tony Garnier. É o espírito que pulsa através das páginas de "La Cité Industrielle", o desejo de incorporar o homem na identificação quase panteísta com a natureza cósmica.

A "construção da paisagem" encontrará facilmente os seus elementos inspirados na perscrutação da nossa natureza, no estudo das formas da nossa vegetação, na auscultação do ritmo, na apreensão do módulo da terra.

A paisagem deverá exprimir em magníficas linhas, contrastes, o espírito

(4) — O ensaio de Le Corbusier a que o texto se refere foi publicado pelo número 5 da revista *Grand-Route* sob o título — *Corollaire Brésilien* e depois reproduzido com ligeiras modificações nos primeiros números da revista carioca *Forma*.

rito que a terra fala. Como logica ilação, o problema da cidade residencial deverá receber a solução das cidades-jardins. Quem diz cidade jardim, diz síntese da oposição entre a casa e o ambiente pela solidarização em uma unidade maior. Este espirito encontra sua corporificação nas obras dos architectos de vanguarda que seguem as ideias de Tony Garnier e Frank Lloyd Wright, e sua pratica entre nós deveria se caracterizar pela desapareição das ruas de residencias, ordenadoras da monotonia linear do máo gosto das "vilas" burguezas, e pela afirmação do grupo de habitações, pequeno nucleo de população realizando numa escala ampliada a ideia das cidades-satelites.

A primeira consequencia da adoção desse principio seria a desapareição completa das ruas de residencia, onde as casas se colam umas as outras, roubando mutuamente a luz e o ar. Como segunda consequencia viria a separação completa da cidade central dos negocios das muitas cidadinhas residenciaes.

O fato de cada grupo de casas, podendo sua população alcançar cerca de 2000 a 5000 habitantes, estar envolvido por uma cintura de parques e jardins realizará a profilaxia das mais perigosas consequencias da vida urbana, a "surmenage" o esgotamento nervozo. Quando cada individuo tiver, proximo a sua habitação, um parque onde desentorpecer os membros, terá também o reino de tranquilidade onde distender o sistema nervoso das repetidas excitações do diario viver.

Outra consequencia não menos notavel da repartição da cidade em nucleos de população, é a possibilidade de racionalizar, com bastante vantagem economica, a questão dos transportes, das distribuições de agua e esgotos e demais serviços publicos, os transportes de passageiros ganharão em velocidade pela supressão dos pontos de paragem, que se vêm multiplicados ao infinito ao longo das longas ruas que começam a ser habituaes.

Aliás esta ideia de repartir a população em nucleos, "cidades satelites" seria apenas a consagração do que se tem verificado espontaneamente no desenvolver da cidade.

Com efeito ainda hoje se pode verificar que a partir de curta distancia do centro urbano começam grandes sitios, chacaras particulares ou terrenos baldios a separarem povoações, muitas qas quaes ainda perfeitamente individualizadas. E' o caso das povoações de Apipucos, Monteiro na linha de Dois Irmãos, Caxangá, Varzea, Cordeiro, na linha de Varzea, Sto. Amaro, Salgadinho, Duarte Coelho, na linha de Olinda, etc. Até bem pouco tempo Capunga éra isolada do resto da cidade pelo anel de terrenos não edificados que formava a campina do Derby com a chacara do Colegio Americano e outras a direita do Parque Amorim. Hoje com as edificações do novo bairro do Derby, já a Capunga começa a perder o privilegio do isolamento que ha bem pouco tempo desfrutava.

A unica modificação a empreender seria portanto a transformação dos terrenos vagos ou pantanosos e das chacaras, via de regra mal tratadas, ou arborizadas sem nenhum criterio artistico, em parques onde se distribuiriam nos logares adequados abrigos, pavilhões, teátros da natureza, jogos, praças de esportes diversos, até mesmo pequenos edificios para escolas, principalmente jardins de infancia. Não haveria evidentemente, nenhuma introdução de elementos extranhos á fisionomia da cidade, e sim confirmação do que, por felicidade, o acaso da construção realizou de bom.

Ao lado da questão das cidades residenciaes surge o problema da habitação operaria onde o lado economico da questão dá uma face toda especial no caso. E' a questão da "casa minimum", que tem sido no estrangeiro objeto de peculiar atenção nos diversos congressos de higiene e da habitação, como de varias tentativas de execução, mas que entre nós tem dado lugar apenas a tentativas de pequeno vulto, animadas mais pela preocupação de humanitarismo verbal, do que pelo interesse pratico da reso-

lução racional de um magno problema, como as "vilas operarias" de Araraial, Jiquiá, ou, mais recentemente, na Torre.

O que é preciso de antemão frizar é a pouca utilidade de tentativas esparsas e mal estudadas que invariavelmente redundam em onus aos cofres publicos, sem se veja o resultado que é de esperar. A questão só poderá ser resolvida quando se decidir a ataca-la totalmente.

Para isto, torna-se necessaria de inicio uma avaliação cuidadosa da população operaria que atualmente vegeta á margem dos alagadiços em baiucas inadmissíveis, calculo do numero de pessoas medio de cada familia proletaria e sua capacidade economica. Desde já pode-se prevêr a que lamentaveis cifras chegará a ultima averiguação.

O problema consistirá em dar alojamento satisfatorio a uma grande massa de população que praticamente não póde pagar aluguel por pequeno que seja. Uma impasse absoluta, porque talvez estejamos muito longe do progresso social que seria atender a uma reivindicação como esta: a fabrica o atelier ou empresa onde o operario trabalha, deve aloja-lo. Neste caso poder-se-ia preconizar a execução de um texto de lei regulamentando a obrigação por parte das diferentes empresas neste sentido para com seus operarios.

Em Saxe, por exemplo, quem edifica vinte metros quadrados de estabelecimentos industriaes ou comerciaes, é obrigado a edificar um metro cubico de habitação nova ou depositar na prefeitura, uma importancia no valor de dois terços do custo destas habitações. Compreende-se facilmente como a obediencia a um despositivo legal dessa ordem permite a criação de massas consideraveis de residencias. Do mesmo modo poder-se-ia cogitar de obrigar cada empresa que ocupe numero de operarios acima de certo limite a edificar em praso determinado improrogavel, um numero de habitações proporcional, de acordo com plantas e disposições previstas pela prefeitura devendo sua exploração ser controlada pelos poderes publicos. Uma taxação moderada sobre imoveis, por exemplo, forneceria fundos para a edificação de casas, por conta do Estado, necessarias, visto nem todas empresas estarem no caso previsto anteriormente.

Se a questão da casa "minimum" avulta pelo aspêto economico e social, não menos importante é a sua feição tecnica e urbanista, porque aqui tem lugar a entrada da standardização "à outrance", da especificação das menores utilidades, dos mais pequenos detalhes. Compreende-se pois, que os diferentes espiritos que se preocuparam da questão da cidade, não tenham se esquecido de trazer sua contribuição ao bom termo do assunto. Assim Le Corbusier através de seus diversos escritos chegou a ultimar uma concepção estudada até os mais minimos particulares, a dos "Immeubles-Villas", imensos edificios resultantes da superposição em cinco ou seis planos de casas apartamentos de dois andares, cuja justaposição pode ser efetuada segundo combinações variaveis, tendo mesmo chegado a edificar em Bordéus um quarteirão de cidade jardim onde se repetia muitas vezes, um tipo de casa cujas qualidades haviam sido rigorosamente estudadas e fixadas.

Em tempo em que a architectura não passava das reproduções, (5), copias, deturpações dos modelos antigos havidos como "classicos", Tony Garnier em sua "Cité Industrielle", propõe a criação de cidades jardins proprias para a moradia dos operarios industriaes já acenando com a aceitação das novas tecnicas de construção e com a especificação das funções de cada parte da casa.

A André Lurçat deve-se um dos mais completos e notaveis estudos

(5) — O livro de Tony Garnier, "La Cité Industrielle" data de 1904, nesta ocasião ainda estava em inicio a tecnica das construções em beton armado e na America acabavam Root e Sullivan de lançarem as bases do movimento chamado "Funcionalista".

sobre o assunto. Nos artigos intitulados, "La Maison Minimum", após encarar a feição social do caso, especifica os varios tipos de casa, geralmente unidades, tal e qual como os "Immeubles-Villas" de Le Corbusier, susceptíveis de serem agrupados, quer em superficie quer em altura, realizando a maior economia possivel na edificação. As proprias habitações unidades podem ser concebidas como agrupamento de elementos feitas em uztina, em grande serie e por isto mesmo, de menor custo. Começam mesmo a apparecer no commercio as primeiras tentativas de solução com o surgimento de placas de cimento armado ou de aço, elementos de parede, etc.

E' porem na Russia Sovietica onde o problema da habitação tem recebido outra contribuição alem do esforço isolado dos architectos ou de lá uma ou outra realização por parte de particulares. No plano quinquenal de edificação socialista está comprehendido o investimento de consideraveis somas, cuja applicação fará surgir do solo cidades completamente novas, como as que foram referidas a proposito da influencia dos factores economicos locais sobre o apparecimento e o desenvolvimento das cidades, como tambem a renovação sob bases socialistas de cidades antigas como Moscova, Kiev, Eriuan etc.

O problema urbano em Recife apresenta portanto, ao lado de factores puramente locais, determinadores de soluções especiaes, factores perfeitamente comparaveis aos que se deparam em todas outras cidades de relativa importancia. Ao lado de um centro onde as expropriações resultam onerosas, um sistema fluvial caracteristico exige o estudo de obras d'arte adequadas, enquanto o pouco valor da terra nos arredores e a existencia de extensões invadidas pelos pantanaes tornam facil a conversão em cidade jardim, solução a mais adequada possivel num clima tropical.

A parte que se afigura mais difficil é precisamente o centro, onde a valorização da terra, acresce uma, retrogada noção da necessidade indispensavel da rua, de modo que com toda probabilidade, o plano official trará, sob forma de planta, uma bela rede em xadrez, de ruas proprias para terem o nome de homens mais ou menos notaveis, mas que alem de acarretarem a estase de transito e outros inconvenientes classicos da rua, impossibilitarão, pelo valor do capital immobilizado, qualquer tentativa futura de ordenação racional. (6)

E' preciso, principalmente, ter em mira não crear dificuldades e problemas irresoluveis para as gerações futuras, urbanizar é servir o futuro e não, prejudica-lo.

Que não suceda em Recife, a dolorosa experiencia da plano de Karlsruhe, que, sobre o papel, ostenta a magnificencia de uma enorme estrela irradiando braços longuissimos tendo no centro o castelo do senhor feudal. Mas a obra do architecto é para ser vista "por dois olhos a um metro e setenta do solo" e não para a perspectiva dos urubús. De cada rua de Karlsruhe, atesta Le Corbusier, vê-se apenas duas janelas do castelo, de tal forma que, todas parecem uma só; fracasso completo do urbanista que não quiz submeter o tiralinhas á logica suprema da realidade.

A responsabilidade do urbanista de Recife só tem igual o valor de uma obra perfeita.

(6) — Uma outra vantagem inestimavel da concepção moderna do centro urbano é permitir a conservação total do patrimonio artistico e monumental da cidade. Com efeito nas concepções urbanistas ditas "classicas" o plano em xadrez e o plano radioconcentrico, a rigidez dos traçados acarretam a supressão de todos os edificios que não caibam nos alinhamentos. E' o que se viu por ocasião da reforma do bairro do Recife onde a igreja do Corpo Santo succumbiu á demolição, fato lamentavel numa cidade como a nossa, de reduzidissimo patrimonio artistico.

No entanto a plasticidade consideravel da cidade concebida dentro das normas do "plano Voisin" evita radicalmente taes vandalismos.

É enorme, porque não basta ser o tecnico, precisa ser principalmente o homem de sensibilidade refinada, e senso artistico pouco vulgar. Como creador de beleza, demiurgo de uma paizagem a ser engendrada em seus menores detalhes, necessita visão aguda como a dos maiores impressionistas. O urbanizador de Recife precisa ser no minimo um COROT.

Recife nasceu com um plano. Um espirito alevantado animava esta criação. Era o espirito de Nassau e dos irmãos Post. Depois desertou, e não tem podido voltar. Tanto quanto possivel este pequeno escrito procurou refletir a essencia da obra dos irmãos Post e de Mauricio de Nassau.

A DOCTRINA DE MONROE E O BRASIL

NEHEMIAS GUEIROS

No dia em que se quiser definir, em rapido esboço, o que tem sido a acção internacional dos Estados Unidos, nada terá mais força de synthese, no historico dessa actividade, do que a Doutrina de Monroe. Falar na historia da politica internacional norte-americana, implica em falar, necessariamente, no conteúdo da Mensagem de 2 de dezembro de 1823.

O Monroismo não é apenas a expressão da politica continental da America do Norte. Assumiu, já hoje, uma feição internacional em todas as modalidades de applicação da politica exterior estadunidense, e, de uma orientação continental porventura estreita, pasou a um caracter ecumenico, cuja extensão preocupa, em nossos dias, todas as grandes potencias do velho-mundo.

O sentido americano que o particularismo da Doutrina de Monroe consagrou, acompanha, assim, toda a politica internacional norte-americana. E nada é mais demonstrativo disso do que a historia do pacto da Sociedade das Nações, com a actualização do presidente Woodrow Wilson na discussão dos artigos 10 e 12 do "Covenant". Forçado pela politica interna dos Estados Unidos, e pelas injuncções do Senado, o universalismo de Wilson teve de se restringir a uma orientação puramente monroista. Perdeu todo o seu poder como força de coordenação internacional. Defendendo a inclusão da Doutrina no pacto — o que, effectivado, veio annullar, de certo modo, o sentido internacional da acção da Sociedade das Nações — Wilson golpeou os seus proprios principios, deslustrando aquella admiravel orientação que o fizera conceber a idéa de uma sociedade internacional. E nem mesmo assim, quizeram os Estados Unidos subscrever o pacto. Ainda ahi, o extremismo monroista mostraria a que exaggero de exclusivismo havia de levar a grande republica do Norte.

Sobe de valôr, portanto, cada dia, a Doutrina formulada por James Monroe para uma applicação simplesmente transitória, em face da situação de independencia das republicas americanas, naquelles dias, mas que o particularismo americano estendeu até nós e pretende perpetuar como norma de orientação na politica exterior dos Estados Unidos.

Não ha, de certo, nenhum principio de acção internacional mais discutido do que esse. E apesar disso, nenhuma norma de

direito internacional assume a sua importancia, nem possui o seu valôr historico — no melhor sentido.

A Doutrina de Monroe desenvolveu-se tanto na sua applicação — pese embora, aos demolidores, o arbitrio que presidiu, numerosas vezes, a sua invocação — que veio a servir de base á criação de um novo Direito: o Direito Internacional Americano.

E só isso, não fosse o seu valôr intrinseco como expressão de harmonia e integridade continentaes, dar-lhe-ia o valôr a que faz jús como principio de direito internacional para garantia da independencia dos Estados americanos.

* * *

E' precisamente em virtude da sua posição como principio assecuratorio da independencia dos Estados americanos, que a Doutrina de Monroe assume certo valôr historico em face do Brasil.

Rio Branco affirmou certa vez que o primeiro Governo que acceitou a Doutrina de Monroe neste continente foi o Governo Imperial do Brasil.

Com effeito, segundo o proprio Rio Branco, a 31 de janeiro de 1824, menos de dois meses após a publicação da Mensagem com que o Presidente James Monroe lançou a Doutrina, o nosso Ministro dos Negocios Estrangeiros, Carvalho e Mello, assignava as Instrucções do Governo Imperial para o Encarregado de Negocios do Brasil nos Estados Unidos, onde se faziam referencias lisonjeiras á Mensagem, e cujo paragrapho 15 rezava:

"Sondará a disposição desse Governo para uma liga offensiva e defensiva com este Imperio, como parte do Continente Americano, contanto que semelhante liga não tenha por base concessões algumas de parte a parte, mas que deduza tão sómente do principio geral da conveniencia mutua proveniente da mesma liga."

Essa idéa de uma alliança com os Estados Unidos, que um anno após, a 6 de abril de 1825, José Silvestre Rebello confirma por escripto ao Governo Americano, era fruto da interpretação que então se deu á Doutrina de Monroe. Desde que os Estados Unidos se apresentavam como fiadores da independencia americana, era viavel ao Brasil, em face da sua recente independencia e dos temores de uma tentativa de recolonização por parte de Portugal, propôr uma alliança com a grande

Republica do Norte. Mas essa alliança, já áquelle tempo, repugnava á politica internacional norte-americana. E na nota de 16 de abril de 1825, com que o Secretario de Estado John Quincey Adams — evidentemente o inspirador da Doutrina, através das idéas de Jefferson — respondeu á proposta do Governo Imperial do Brasil, lia-se este trecho significativo:

“Um semelhante Tratado viria contrariar a politica que os Estados Unidos, até aqui, se prescreveram.”

O Brasil, que então fôra o primeiro a acceitar a Doutrina, de certo não foi o primeiro a comprehendel-a. A affirmação de garantia da independencia dos Estados da America não poderia suppôr uma alliança determinada, com qualquer desses mesmos Estados.

Isso implicaria numa restricção ao panamericanismo já então delineado no programma da politica internacional estadunidense, porque era admittir u'a maior protecção a um Estado, em detrimento dos demais. E mesmo não consummada a alliança, no caso de se realizar aquillo que tantos temores inspirava a D. Pedro I — a tentativa de recolonização, por parte de Portugal, com a ajuda de outras nações européas — de certo que o auxilio dos Estados Unidos, em virtude da propria doutrina firmada através da Mensagem de 2 de dezembro de 1823, não se faria esperar, na defesa da manutenção da independencia brasileira. Era uma consequencia logica do principio estabelecido.

* * *

Joaquim Nabuco, como Rio Branco, Ruy Barbosa e Oliveira Lima, faz parte dessa elite que, no Brasil, soube comprehender o sentido da Doutrina de Monroe, desprendendo-o de todas as suas applicações porventura arbitrarías.

Além do memoravel discurso pronunciado em 1908 na Universidade de Chicago, em que defendeu o “instincto continental” dos principios de Monroe, deixou elle, na historia do direito internacional americano, aquella discutida proposta de reconhecimento colectivo da Doutrina de Monroe, por parte de toda a America Latina.

Morto Nabuco, Saldanha da Gama, na IV Conferencia Panamericana de Buenos Ayres, em 1910, apresentou a proposta por elle redigida, que ficou conhecida com o seu nome, e é do teor seguinte:

"O largo periodo transcorrido desde a declaração da Doutrina de Monroe, permite-nos reconhecer nella um factor permanente da independencia externa do continente americano. Por essa razão, ao celebrar o centenario dos seus primeiros esforços em prol da independencia, a America Latina envia á sua grande irmã, a nação norte-americana, uma expressão de agradecimento pela sua nobre e desinteressada actuação, sobretudo benefica para o Novo Mundo."

Muito infelizmente, a delegação chilena propôs uma substituição á Proposta Nabuco e, depois de infrutíferas discussões, nada se chegou a realizar, nessa IV Conferencia Panamericana, que viesse frisar a importancia e a alta significação da Doutrina de Monroe, principio basico do Direito Internacional Americano.

* * *

Não se veja nesta nota nenhuma orientação chauvinista.

Abordando, muito de passagem, um assumpto que tem sido fonte das mais interessantes theses do direito das gentes, apenas tivemos o intuito de vulgarizar, na parte que se relaciona com o Brasil, alguns dos seus aspectos interessantes.

ENSAIO SOBRE A THESE DE MACHIAVEL

OCTACILIO ALECRYM

(Introdução ao "Machiavel e o Brasil")

"A despeito das apologias que modernamente têm apparecido da sua obra, a reabilitação de Machiavel está ainda por fazer".

GILBERTO AMADO, Grão de Areia, 1919, p. 103.

Em meio do anno de 1931, reflectindo toda a gama de desespero de uma geração que se iniciou pensando nos horrores da guerra, um môço de cultura surgiu no Rio carregando consigo o rumor de um grande livro...

Munido de uma legitima penetração de eslavo e de uma imaginação forte no bloquear as perspectivas da Historia e os seus "desequilíbrios", o sr. Octavio de Faria, com um salto digno de um moderno, (o "outro" para Maritain é o antimoderne) recuou á epocha do Renascimento italiano nos limites do Quattrocento para fazer reviver entre nós a sua característica interessante reconhecida no chamado "individuo de excepção".

Para isso elle enfrentou não só o dilacerante espectáculo do Brasil de nossos dias como também teve de arrostar o seu proprio neo-espiritualismo mutilado e sujeito ás maiores restricções, tanto dos espiritalistas integraes como também dos que não o são, para concillar na "terra radiosa" de Paulo Prado as dissensões radicaes de um homem com uma "ordem" que elle proprio procurou dissociar desde a sua orientação inicial, no que tange ao plano politico e de onde emergiu o estatismo absolutista do Renascimento.

Quero referir-me ao dialectismo do ensaista em pretender accommodar a scisão de Machiavel (devido justamente a esse erro fundamental é que os catholicos dizem com o sr. Octavio de Faria que o "Renascimento é essencialmente uma perda de equilibrio — desse equilibrio interior que a Idade Média conseguira manter durante seculos sob a forma cristã".) com os postulados politicos do catholicismo...

Para os lideres da Igreja a desordem do mundo actual está vinculada ao rompimento entre a ordem natural e a ordem sobrenatural.

Esse rompimento porém, essa scisão foi aceita claramente por Machiavel, tornando-se elle, assim, um decidido precursor do naturalismo historico que o seculo XVIII colheu e ampliou com o famoso discurso de Turgot, na Sorbonne, no anno de 1750.

A concepção materialista de Machiavel oppôs a Igreja pela voz de Bossuet a sua concepção monistica das "causas sobrenaturais" como dynamica da Historia, esboçando-se então o providencialismo pelo qual todos aquellos que governam estão subordinados á mão misteriosa da Providencia.

Procurando justificar o individualismo pontif do politico florentino, (p. 45) o sr. Octavio de Faria revela-se no seu livro um agilissimo pres-tidigitador mental, "driblando" a propria conceituação da doutrina thomista sobre o assumpto, o que iremos destacar. Diz elle, ás paginas 45 e 46:

"Onde Maritain, com a doutrina tomista vê a pessoa (—"in quod est perfectissimum in tota natura", segundo São Thomaz), esse individua-

lismo naturalista que podemos chamar de superior, vê o homem de excepção, o individuo dotado de taes qualidades que mimetize a "pessoa", se assim se pode dizer, e se torna capaz de agir por si, imprimindo aos acontecimentos o impulso e a marca de sua personalidade especial".

Aqui, o sr. Octavio de Faria incorre num erro imperdoavel quando pretende, espiritualista que é, lançar mão da "pessoa" de Maritain para confundil-a com o "individuo de excepção" de Machiavel.

A "pessoa" de Maritain tem um sentido profundamente "interior" possui um sentido integralmente espiritual e está ligada ao Sêr. E' um "complexo". Nunca poderá viver isolada porque assim seria mutilar o infinito...

O "individuo de excepção" de Machiavel é o padrão de uma classe de individuos. E' uma noção "exterior" e anormal do individuo mesmo. E' uma cathegoria humana que a vista commum póde enxergar e até admirar.

A "pessoa" de Maritain está na ordem das chamadas "verdades eternas", está na "ordem sobrenatural", enquanto o "individuo de excepção" de Machiavel é apenas uma verdade historica e está incluído na "ordem natural".

Nesse confusioismo palmar do sr. Octavio de Faria resta o depoimento mais curioso de uma geração que no Brasil continua a se decidir nos debates das theorias mais por attitude do que por conhecimento mesmo.

E' incrivel que um jovem "chefe de fila" desconheça que uma das mais rudes batalhas de Jacques Maritain no terreno da theorização thomista foi justamente argumentar a differença total que existe entre a noção de individuo e de pessoa, o primeiro com o merito de "superficie" e a segunda com o valor de "profundidade".

Eu mesmo não faria nunca essa injustiça a Machiavel, como a de esquecer a lição de sua "experiencia" com os homens do Renascimento e com os "tigres" da Historia Romana, e com a sua propria orientação de cultura, dando-nos um Principe com virtudes de excepção em quem seculos depois machiavelicos iniciantes thomistas descobrissem uma "profundidade", elle Machiavel, que foi um dos supremos geradores da scisão entre o natural e sobrenatural na ordem politica, e nessa ordem foi que elle concebeu o "homem de excepção", elle Machiavel, cuja cultura "essencialmente romana, o (levou) á superficie, ao homem exterior". (1)

Ainda na mesma phrase citada esplende uma incoherência de ordem philosophica que constitue uma "perda de equilibrio", desse equilibrio doutrinario com que o thomismo se enrosca sempre que desafia e postula.

Defendendo o individualismo naturalista de Machiavel, ao qual apelida de superior, (p. 47) o sr. Octavio de Faria, depois de engulir o sentido exacto do conceito de São Thomaz sobre "pessoa", affirma adeante sêr o "homem de excepção" o individuo de taes qualidades que mimetize a "pessoa"! Ora, se para o thomismo "pessoa" tem um sentido interior, espiritual, de "profundidade", e tanto assim é que faz depender della a salvação de um grupo, de uma sociedade, da humanidade mesma, e individuo uma noção de classe, um accidente historico, sem nenhum attributo "divino" como a "pessoa" que pertence ao Sêr, de que modo se comprehender a asserção de um puxa-fila da doutrina insinuar que o individuo mimetize a "pessoa"?

Releia o sr. Octavio de Faria o seu tão citado Maritain para melhor verificar que entre o individualismo de Machiavel e o personalismo de Maritain existem differenças basicas em materia philosophica que (separam) os thomistas dos que não o são!

(1) — O. Faria, Machiavel e o Brasil, p. 48.

Para o rehabilitador do impenitente missionario florentino, emquanto Nietzsche attinge o "fundo "divino" que o homem traz em si" (p. 48) "o italiano, ao contrario, fôge dessa tragedia para a superficie da vida e em vez de arrancar a materia dentro de si, busca-a nos acontecimentos exteriores"; não chega a uma "vida, mas a uma theoria" — (p. 48-9).

E' curiosissimo o comportamento philosophico desse môço espirituallista que depois de uma incisiva apologia de Machiavel, o homem que só experimentava o drama exterior, vivendo e se devorando numa perpetua "disponibilidade" (para os "amantes de Deus" na phrase de Chesterton, a "disponibilidade" é a chaga dos tempos modernos, é mais sombria e funesta do que a duvida cartesiana) abstrahindo por completo daquillo que um clérigo chamaria "fôro intimo", tenta erigir uma "revolução interior" como unica solução para o "caso" brasileiro...

Apologista do "immediatismo" tão immanente ao genio politico de Machiavel e tão condemnado pelos doutrinadores da "revolução interior" que até indicam o soffrimento como um depurador para a ascensão do espirito; apologista do individualismo naturalista que culminou com o seculo XVIII e orientou a chamada philosophia impia; apologista do politico que remontou ao paganismo helenico desprezando o socialismo christão da Idade Média; apologista do pensador indicado como um dos precursôres do materialismo historico; (1) apologista de uma virtuosidade que se modelava como sistema ideal na figura de Cezar Borgia, o sr. Octavio de Faria despenha-se pela espinha dorsal do seu livro com uma tão accentuada desarticulação philosophica que as suas idéas, sob certa etiquêta de Nietzsche, lembram um grande rebanho que passa pastando... Todavia, retomando o conselho do sr. Gilberto Amado escrito em 1919 no sentido de rehabilitar Machiavel, elle nos deu um livro impressionante.

A THESE DE MACHIAVEL

"Machiavel não crê no homem commum mas acredita sem vacilar no homem de excepção."

Estas palavras com que o sr. Octavio de Faria inicia um dos capitulos da primeira parte do seu livro constituem portanto o que eu chamo a These de Machiavel.

Estamos pois deante de uma concepção essencialmente individualista que nega o valor das massas, firmada na theoria geral das "excepções".

Estas "excepções" são individuos extraordinarios, especialmente dotados pela natureza, (p. 45) que surgem em certas epochas da historia conquistando povos e descobrindo países, fazendo leis e dominando nas sciencias e nas artes e somente elles influindo nos acontecimentos.

Para isso porém, isto é, para que elles consigam o exito possivel nos seus commettimentos é preciso que possuam qualidades especiaes, designadas sob o nome de "virtús" e que operem nos seus "momentos excepcionaes".

Por mais bem architectado que seja este sistema ethico-politico de Machiavel, gravitando em tórno do "individuo de excepção", preferimos como objecto de estudo ao autoxoon de Platão na era apollinea e aos autôres de nações de Vico em tempos menos remotos.

Dentro de sua anthropologia, Platão fixa o autoxoon como o archetipo dos seres viventes...

A sua apologia de Socrates vale como uma prova applicada de sua concepção anthropologica do autoxoon, modelo de homem em quem as

(1) — M. N. Pokrovski, Pages d'Histoire, p. 31.

"virtudes" perdem o seu sentido commum para valerem como "conhecimento". (1)

A perspectiva historica de Vico pode sêr caracterizada como uma demonstração da Providencia, dessa Providencia para elle eterna e infinita, de cuja contemplação o seu methodo colheu provas de que ella commanda a grande cidade do genero humano.

Dentro dessa cidade foi que o sistematizador da "scienza nuova" pôs os **autôres de nações**, homens eleitos que agindo pelo providencialismo de Deus que são "virtudes", como sêjam as indicacadas por Vico — a eterna bondade e a sabedoria infinita — provam que nelles a "virtude" é o reflexo de uma Virtude maior, ordenada das coisas humanas. (2)

Estas duas cathogorias de homens eleitos estão muito mais approxima-das de qualquer plano espiritualista do que a these pagã de Machiavel geradora de **homens dotados especialmente pela natureza**, tão decantada pelo sr. Octavio de Faria. Na concepção do italiano, a "virtú" é uma acção materializada pois ella se confunde com **fins immediatos** e resvala na **superfície**, no exterior, enquanto na éthica platonica e na **ordem eterna** de Vico as "virtudes" só valem ou como "conhecimento", attingindo assim a finalidade do Sêr, ou se regulam como emanacões de uma ordem suprema que para elle reside em Deus.

Açotado por multiplas incoherencias em face da palavra disciplinar da philosophia christã o sr. Octavio de Faria chega em fim a uma noção de individuo superior (**baptizado com o nome de bom tirano**, p. 65) que em nada se afasta do cazarismo hoje tão rudemente combatido.

Outro aspecto de inferioridade que sulca o "homem de excepção" é a sua deficiencia na capacidade de agir, ou melhor, de **influir** na História... E' preciso antes de tudo sêr um "homem extraordinario", "dotado especialmente pela natureza", depois, possuir "virtús" e, por fim, agir, entrar em acção nos "momentos excepcionaes"!

Esta theoria dos "momentos excepcionaes" deveria ter sido modelada para os homens communs e nunca para os Eleitos que só com o "genio" coseguiram surgir em meio dos grandes acontecimentos e actuar sobre elles...

Stefan Zweig, focalizando o genio militar de Grouchy no "minuto universal de Waterloo" (3) observa que as "virtudes" da gente commum todas ellas se fundem impotentes á sombra do "grande momento providencial" que só exige o genio.

Eis porque, pelo facto de ter possuido esse "genio" e de ter aproveitado quasi sempre os "momentos excepcionaes" para agir é que, Napoleão mesmo, ao invés de figurar historicamente como um "individuo de excepção" foi julgado pelo maior de seus biographos apenas como um **suprême avertissement**. (4)

Examinando o panorama da Guerra de 14, Brunhes (5) exalta na marcha allemã uma parada de legitimos Nietzches, o que nos leva a postular que o seu "é preciso sêr duro, sêr fôrte", longe de se firmar como uma variante do "Poder da Vontade" quando applicado falhou, sobretudo em face da experiencia historica a que elle se reportou, porque o Super-Homem de Nietzche por effeito mesmo de sua modelagem cultural jamais teria uzado o capacête de um "grilhêta do Kaizer"... O "êrro de Brunhes" é uma lição. Lição dura para aquelles que empolgados por uma "experiencia" historica, seja ella do Quattrocento ou dos tempos modernos como por exemplo a "experiencia" fascista, querem

(1) — Platão, Dialogos, ed. esp. Pref.

(2) — J. B. Vico, **Princípios da Philosophia da Historia**.

(3) — Rev. de Occidente, n. XCVI, 931, p. 255)

(4) — E. Ludwig, **Napoleon**, trad. fr. Stern, p. 560.

(5) — La Geographie de l'Histoire, p. 455.

por um singular mimetismo transplantal-a para um "caso" exótico como seja o chamado "caso" brasileiro, praticando aquillo que Nietzsche chamaria uma **inversão de valores**... Em si mesma, a These de Machiavel, arranjando um "indivíduo de excepção" para **influir na Historia**, está francamente caduca não só em face das modernas interpretações historicas como ainda perante a decadencia da civilização occidental.

Na epocha do Renascimento, quando ainda a "cultura" faustica mantinha o seu "homem", e ainda quando o Imperio Romano fazia desfilar os seus cezares, cada um encerrando um cyclo de morte para a sua civilização, o Eleito de Machiavel seria possivel porque elle mesmo tem uma significação idealista.

Hoje, porém, extremo fim do mundo faustico, o Super-Homem de Machiavel é um final, (sentido spengleriano) uma **dissolução gradual de formas já mortas, de formas que se tornaram inorganicas**. (1)

A EXPERIENCIA DO SUPER-HOMEM E O VALOR DAS MASSAS

... "essa massa, acinzentada, incapaz de grandeza no bem como no mal, de nada vale, nada é, nada faz. Vale, é, faz, — o individuo. Para o bem e para o mal, bom ou mau tirano, só o individuo existe, só elle influe na historia".

OCTAVIO DE FARIA

Desde as éras mais remotas se espraizou a noção romantica de que a historia era feita pelos "grandes homens". Na idade apollinea com o apologismo plutarchiano e na idade romana com as deificações virgilianas essa noção era o unico roteiro dos historiadores...

Modernamente, quando em torno do processo historico se ensaiaram novas interpretações de caracter objectivo, condensando o material de uma nova philosophia da historia, outras theorias surgiram cada qual decorrendo de uma concepção fundamental.

Abstrahindo porem dessa multiplicidade de orientações, cuja explanação excederia os limites do nosso ensaio, procurámos apenas focalizar aqui as duas concepções relacionadas com a These de Machiavel: a experiencia do Super-Homem e o valor das massas no **développement** dos successos humanos.

"Deux grandes doctrines se partagent, ou plutôt se disputent le domaine de l'histoire: l'une, enseignant le culte des hautes individualités et la foi en la Providence ou en l'Inimane; l'autre, attribuant aux masses la part d'influence qu'elles ont en réalité". (2)

Foi, assim, sob a egide da concepção idealista da historia, que Machiavel modelou o seu "indivíduo de excepção", que equivale ao Super-Homem da concepção commun.

Apologista permanente do cazarismo, através de toda a sua experiencia no "desequilibrio" do Renascimento. Machiavel não nos deu um "indivíduo" capaz de vencer a morte da civilização que lhe servio de estufa, elle não nos deu um "indivíduo" capaz de atravessar as idades com um "sentido" universal. O "indivíduo de excepção" como feto da civilização faustica, cujos cyclos de agonia se contam com cada Cezar, só existiu como **croquis** desses cezares, teve uma vida puramente "local", foi uma das creações intellectuaes do proprio Renascimento...

Machiavel, mesmo, pela sua cultura "essencialmente romana" só

(1) — O. Spengler, *La Decadencia de Occidente*, Calpe, V. I, p. 54-5

(2) — Paul Mougelle, *Les Problèmes de l'Histoire*, ed. Schleicher.

poderia conceber um tabú **intellectualista** como o seu "indivíduo de excepção" pois "los griegos tienen alma, los romanos, intelecto". (1)

Abstracta, como reflexo condicionado de uma época decadente, a These de Machiavel foge também á percepção realista da história, pois ella envolve no seu rythmo monolínear a conceituação ideológica do Super-homem como motôr dos acontecimentos.

Sob o angulo de ampla relatividade que esconde o sentido historico do Super-Homem varias são as concepções que partem d'elle, se bem que todas ellas revelando causas de identidade quanto ao seu finalismo.

No entretanto, apesar de parecer paradoxal para a concepção idealista da história, dentro da qual os homens agem sobre o mundo, esta foi a primitiva orientação do materialismo historico.

"La thèse initiale du matérialisme, comme nous l'avons répété maintes fois, dit que l'histoire est faite par les hommes. Et si elle est faite par les hommes, il est clair qu'elle est faite, entre autres, par les "grands hommes". Is ne reste qu'à se rendre compte par quoi précisément l'activité de ces hommes est déterminée." (2)

Eliminada a tradicional concepção christã que fazia inflectir para o céu todo o movimento historico, incluindo as causas sobrenaturaes como cathogorias historicas e acceitando a collaboração dos factôres religiosos, succedeu esse sentido relativista que fazia depender do individuo e das idéas toda a marcha do mundo.

Sistematizador eminente do primeiro plano, do plano idealista, Hegel, escudado na sua dialectica e imprimindo á história a noção de que ella era a effectivação do Espirito através da these, antithese e synthese, esboçou a theoria da Immanencia, flagelada por Spengler como sendo uma **dialectica abstracta de conceitos...**

Já Fuerbach notára: "La doctrine de Hegel d'après laquelle la nature "est posée" par l'idée ne représente que la traduction en langage philosophique de la doctrine théologique suivant laquelle la nature est créée par Dieu, la réalité, la matière, par un être abstrait, immatériel" (3)

Ao lado do immanentismo hegeliano que não foi senão a recomposição dialectica do theocentrismo historico já abolido então pelos theóricos da Revolução Franceza, vamos agora estudar a concepção individualista considerada no "grande homem".

Essa noção do "grande homem" em face da cultura moderna é uma pura ficção emanada tão somente daquelles que ainda vivem com a ferradura do pensamento burguez.

Intransigentes nos seus pontos de vista de cultura hereditaria, sulcada de todos os prejuizos para a formação de um sentido "puro", sentido esse que não poderá deixar de reconhecer o "valor" das massas no **rush** da história, os intellectuaes burguezes fixam-se aos seus interesses immediatos e, ao invés de acceitarem a realidade do **tudo que é** (Biélin-sky) submettem-se por uma **especial adhesão** (Berl) ao plano orientador da classe á que pertencem. Para isso bastaria citar o caso de Bossuet que idealizou a sua philosophia do providencialismo historico para tornar o Delphin de França um representante de Deus!

E ainda a "fuga" de Boutroux que, tendo sido em toda a sua vida um extremado epigono kantiano, desprezou todo o seu kantismo ao tempo da guerra de 1914 só porque Kant era um philosopho allemão!

Dahi a profundeza daquelle postulado de Emmanuel Berl quando prophetizou a morte do pensamento burguez: "Todo pensamento está determinado pela realidade ambiente e as necessidades do pensador".

(1) — O. Spengler, obr. cit, p. 55.

(2) — G. V. Plékhanov, Les Questions Fondamentales du Marxisme, ed. fr. p. 64)

(3) — Oeuvres, II, p. 262, ed. fr.

Procurando defender as origens do regime social em França, regime a que pertencia pelos seus princípios e de cuja historicidade foi um dos maiores sistematizadores, Taine tentou explicá-lo através da **psychologia social**, no que mereceu de G. V. Plekhanov estas incisivas rectificações:

"Les idéalistes de tous les pays n'aiment pas Taine maintenant. On comprend pourquoi: par le "milieu", il entend la psychologie de la masse, la psychologie de l' "homme moyen", d'une époque et d'une classe déterminées, et cette psychologie est chez lui la de dernière instance à laquelle le savant puisse faire appel. Par suite, chez Taine, le "grand" homme pense et sent toujours en s'inspirant de l'homme "moyen", des "mediocrités". Or, cela est faux, et, de plus, desobligeant pour les "intellectuels" bourgeois, toujours enclins à se situer plus ou moins dans la catégorie des grands hommes. Taine a été cet homme qui, ayant dit A, s'est révélé imprudent à prononcer B, ruinant ainsi sa propre fortune". (1)

Uma das observações mais penetrantes no sentido de comprovar o enunciado de Berl foi a seguinte, feita por Flint: na época da Restauração em França quando imperava o sensualismo de Condillac a burguesia catholica esparramou o mais possível as idéas da escola theocratica porque estas idéas eram a **expressão ideologica dos seus interesses...**

Eis porque a noção do "grande homem" é simbolica: os democratas vêem nelle o gerador das elites, os liberaes, o estímulo ás dictaduras, os monarchistas, o retôrno aos "enviados da Providencia", os fascistas, a estatua dos Césares e os pensadores burgueses, a fascinação pelo intellectualismo, a vertigem pelos "conceitos".

Elles mesmos, os da escola idealista, emergem de onde em onde, lavrados de contradições e imitam o velho Nicoláo Machiavel que apesar de saber que **existem excepções, conhece o que a massa vale...**

O maior dos esthetas platinos, intellectual em quem o contingente de sensibilidade era maior do que o panorama de cultura pura apesar de partidario do individualismo historico que regula a concepção dos chamados homens providenciaes (nova e divina porção da suma das coisas) reconhece tambem que "Hay algo de inexacto en la theoria de los héroes de Carlyle". (2)

Cousin, o apologista hegeliano dos "nomes propios" na Historia, depois de passar em revista toda uma formidavel trupe de "chefes", Carlos Magno, Gregorio VII, São Luis, Henrique IV, Richelieu, Gustavo Adolpho e Napoleão incorre numa conclusão condicional que deixa romper flagrantemente a sua impotencia no querer desprezar o valor das massas. Vêjamos este periodo colhido na sua **Introduction**: "— si les masses ne font rien que pour elles-mêmes, elles ne font rien par elles-mêmes".

Deante porém da insistencia com que temos marcado de idealista a concepção de que a **historia é feita pelos grandes homens**, perguntarão por ventura: não foi esta a these inicial do materialismo historico?

Em verdade, esta foi a orientação primeira do materialismo historico, mas, os proprios theorizantes da escola consideraram uma questão fundamental o modo pelo qual a actividade desses homens é determinada.

Para Engels, "sur la base d'un niveau donné de développement des forces de production, les hommes forgent eux-mêmes leur histoire." (3)

Os historiadores marxistas mesmo deixaram certos logares para a actividade do "grande homem". O que elles não admittem é o individualismo historico de que só o **individuo influe na historia...**

Armada porem a questão entre a experiencia do Super-homem e o valor das massas a orientação mais realista é a que nos legou a escola

(1) — Obr. cit. ps. 70 e 71.

(2) — I. E. Rodó, **Ariel**, p. 153.

(3) — Apud. M. N. Pokrovski, **Pages d'Histoire**, trad. fr. Pref.

de Durkheim, por onde veremos mais uma vez que o "grande homem" não poderá **influir isolado**. (Hegel também reconheceu a **passividade** do homem providencial.)

Ou existe como "instrumento dos deuses", como se encontra em Virgílio e na doutrina anthropomorphica, ou existe com a sua actividade determinada pela necessidade economica ou existe como "instrumento das massas":

"Pour être compris et suivi, pour transmettre à la masse ses idées et ses sentiments, il est de toute nécessité que les sentiments et les idées du grand homme ne soient pas très différents de eux de la masse.

Le grand homme n'a donc de pouvoir effectif sur son milieu que dans la mesure même où il en est la creation". (1)

A massa plasmando o Super-Homem e dirigindo-o, galvanizando-o e levando-o até á Historia, imprimindo-lhe uma actividade e fazendo com que elle influa nos acontecimentos, faz-nos recordar e repetir com Blondel no Congresso dos Historiadores allemães em Inusbrück: **la creation que devient le createur...**

Os "feitos" das massas já constituem até um surpreendente plano de literatura, convindo destacar não só o "populismo" de Therive, e a poética pluralistica de Whitman, como também as "cidades tentaculares" de Verhaeren, onde as fabricas, os transatlanticos e as machinas estadeiam o espectáculo das "fôrças tumultuosas".

Fedor Gladkov no seu grande romance (2) descreve de uma vez o espectáculo das massas:

"L'important ce sont ces rafales du travail de la fourmilière humaine, montant comme des marées. La voilà cette masse: on n'y peut ni distinguer, ni compter, ni percevoir les individus. On y peut dévisager chacun. Et ces foules innombrables sont aussi des pienes vivantes.

Chefe de fila da escola unanimista francesa, Jules Romaines conseguiu transfundir uma emoção lirica aos "feitos" das massas, (3) inspirado nas verdades do determinismo historico.

Eis porque, deante, do documentario delineado, a these livre-arbitrista do sr. Octavio de Faria, de que só o **individuo influe na historia**, cede lugar a uma outra mais bem conjugada com a moderna interpretação dos theoricos.

Isto é, a de que, a massa, como a Tempestade no drama shakespeariano, é uma grande personagem na Historia...

A EXPERIENCIA DE MACHIAVEL NA PHILOSOPHIA DA HISTORIA

Na sua mal dissimulada apologia do cazarismo fascista, diz o sr. Octavio de Faria: "O que Mussolini tem para mim de fóra do commun, e que ao mesmo tempo que é o homem que Machiavel ideou para salvar a Italia é também elle proprio o Machiavel que viveu a "experiencia" da sua época ou que "reviveu" a de Machiavel e que em vez de deixar uma obra escripta, realisou-a pela acção". (5)

Matriz de todo o seu pensamento com referencia ao Duce este periodo precioso define bem os pendores do sr. Octavio de Faria pelo tão inactual processo do paralellismo historico que elle acaba de ressuscitar, comparando Mussoline com o homem idealizado por Machiavel.

Nada mais inquietante para os modernos sistematizadores e philoso-

(1) — D. Draghicesco, Du rôle de l'individu dans le determinisme social.

(2) Le ciment, trad. V. Serge, p. 167.

(3) — Guillermo de Torre, Literaturas Europeas de Vanguardia, ed. Raggio, p. 350.

(5) — Machiavel e o Brasil, p. 98.

phos da historia do que esse processo pontif usado pelos chronistas de hontem restabelecendo épocas e figuras que os seculos já devoraram para comparal-as com épocas e figuras actuaes...

Escapa flagrantemente á orientação realista da historia essa norma de pesquisa, sobretudo, porque se presente na mesma a ausencia do conceito legitimo em que se tem hoje a historia e sua methodologia.

Despresando todas as novas adaptações, que não foram senão a resultante da observação e da constatação das chamadas "mentiras historicas", todas ellas advindas da incapacidade do processo porque vinham á tona e insculpidas nos annaes famosos, o sr. Octavio de Faria penetrou-se de que a historia verdadeira do Renascimento era a que transbordava dos livros de hoje e que Machiavel é de facto esse que elle mutilou, recolhendo para o seu livro não a personalidade total do italiano mas um "aspecto" delle...

"De facto a "Vida de Castruccio Castracani" é um dos grandes argumentos contra a perfeita veracidade historica de Machiavel. Por mais que e sua leitura agrade — e creio que só Plutarcho tem paginas que igualem essas de Machiavel, que aliás o lembram — não se póde deixar de concordar que o historiador fantasia demais a vida do tiranno de Lucas. Tem-se a impressão de que conservou tal e qual alguma narração ouvida na infancia sem operar mais tarde as correções necessarias. Buckhardt fala a esse respeito em "retrato fantasiado". (1)

Se Machiavel foi culpado porém na sua admiração por Cesar Borgia, não foi por immoralidade politica nem por "machiavelismo". Terá sido uma especie de erro no julgamento, de visão deformada (via de muito perto), que o faz julgar Cesar Borgia maior do que é, seus intuitos diferentes, mas nobres, seus inimigos peores do que o são. Ha erro sem duvida. Mas esse erro é muito mais intellectual do que moral. Falhou no julgamento". (2)

Dessas duas opiniões documentaes do proprio sr. Octavio de Faria desprende-se uma conclusão que tende a desmoronar todo o plano geral do seu livro e talvez a restabelecer o verdadeiro do individuo que Prezolini "acanalhou"... Porque para o seu tropical apologista, Machiavel não possuia a maior virtude do historiador que é a veracidade historica e por isso falhou quando, ao invés de nos dar um Castracani real, fantasiou-o para poder incarnar nelle as "virtús", do seu individuo de excepção, pois só em romance poderá elle existir, (Machiavel não poderia nunca deixar de ter soffrido intensamente da superstição intellectualista tendo surgido no "mundo" de Da Vinci, o mago iniciador do intellectualismo moderno) mas, ao contrario, revelou possuir o seu grande defeito que é a visão deformadora no julgamento dos factos e dos homens e por isso mais uma vez falhou quando nos desenhou a "rehabilitação" de um filho de papa, incestuoso e fraticida, elle Machiavel que no cap. VIII d' O Principe, diz: "não é possível chamar "virtú" ao facto de massacrar os seus concidadãos, de trahir os seus amigos, de não ter fé nem piedade, nem religião — meios que podem conduzir ao poder mas não á gloria."

Si Machiavel falhou no observar os acontecimentos de maior projecção historica da época em que viveu, tentando ambientar Cesar Borgia

(1) — Octavio de Faria, Machiavel e o Brasil, nf. p. 207.

(2) — Octavio de Faria, Machiavel e o Brasil, p. 61.

no seu sistema ético-político, (!) si Machiavel falhou descrevendo a vida do seu "herói" com "imaginação ardente", á maneira de um moderno Conan Doyle, ao invés de descrevel-o com imaginação realista, á maneira de um Ranke, como poderemos hoje incorporar veracidade historica á sua "historia" á margem do Renascimento e mais ainda de captar a "experiencia" contida nessa falsa obra e portanto sequencia do mesmo erro para investirmos confrontos actuaes? Aliás, no Prefacio de seu livro, que é uma especie daquelle original manifesto de paradoxos com que Oscar Wilde apresenta o seu "Retrato de Dorian Gray", (o que aliás, o sr. José Americo já pretendeu entre nós imitar com aquelle melting-pot de reticencias de introdução ao "Bagaceira") o sr. Octavio de Faria diz o seguinte:

"Tudo depende de uma certa honestidade intellectual que exige, além de fidelidade ao texto, fidelidade ao espirito da obra".

"Pois não é concebivel que o homem de pensamento esteja, sujeito a ver as suas idéas mutiladas e interpretadas ao bel prazer de quem precisa dellas, muitas vezes fazendo-o defender o que atacou e atacar o que defendeu."

"Essa especie de "calumnia posthuma" na ordem intellectual, merecia realmente ser prevista nos codigos dos homens".

Ora, o sr. Octavio de Faria sempre foi o homem das theorias...

Investindo contra o "preconceito" universal de que Machiavel foi o creador do "machiavelismo", com o sentido de repor o original do pensador florentino, elle alojou em quatro paginas uma theoria da "calumnia posthuma" na ordem intellectual de que os periodos citados são uma curiosa synthese.

Quem dos nossos modernos "fans" não sabe da historia da theoria da continuidade absoluta que o sr. Octavio de Faria mobilisou só para amparar o seu entusiasmo pelos "films" de Murnau, theoria essa que foi por terra só com o apparecimento do "Tempestade sobre a Asia", onde o rythmo poderoso da "montage" aniquilla toda a velleidade da continuidade absoluta?

Agora, para defender Machiavel das recriminações fulminantes que os historiadores lhe fazem a proposito de sua "camaradagem" com o incestuoso Cesar Borgia, o ardiloso apologista é de um "machiavelismo" intellectual impressionante:

"Nós hoje, que julgamos o Renascimento de fóra sem penetrarmos nelle, (o grypho é meu) não podemos sentir senão com difficuldade e muito esforço quanto ha de relativo á epoca nessa attitude sympathica de Machiavel em relação a Cesar Borgia".

"Seu "optimismo" em julgar Cesar Borgia foi o mais forte e o mais pernicioso dos seus "erros".

Cesar Borgia é para Machiavel o mesmo que para nós o Estado quando institue a pena de morte. E' a justiça social, é a razão de Estado". (4)

(4) — Machiavel e o Brasil, p. 60.

Perante a sua propria theoria sobre a honestidade intellectual, o sr. Octavio de Faria deixou-se impressar, falseando-se e contradizendo-se; primeiro, quando tendo affirmado a impossibilidade de se penetrar no Renascimento, elle lobrigou-lhe o "relativismo" historico, o que importa na sua penetração, num juizo acerca da época e por isso faltou com a sua decantada fidelidade ao texto; segundo, quando tendo definido Machiavel na sua admiração por Cesar Borgia, invocando e "humanisando" uma fria "razão de Estado", elle culmina por atacar Machiavel pelo mesmo motivo, chegando até a reconhecer no "optimismo" do julgamento de Machiavel sobre Cesar Borgia o mais pernicioso dos seus "erros", atacando portanto o que havia defendido, e por isso mais uma vez falhou não tendo revelado fidelidade ao espirito da obra que nesse caso é a "rehabilitação" de Machiavel, plano geral do seu livro...

Incinerado assim o argumento inicial da discussão, isto é, de que o documentario historico de Machiavel sobre o Renascimento e sobre o seu proprio sistema ético-politico não poderá servir de base para uma correspondencia exacta com épocas e organizações politicas actuaes, devido aos erros do autor (imaginação ardente, superstição intellectual, visão deformada, critica contemporanea, interesses partidarios, etc.) e por lhe faltar veracidade historica, estudemos agora o decadente processo do parallellismo, de que se serviu o sr. Octavio de Faria para comparar Mussolini com o homem imaginado por Machiavel e o periodo do Renascimento com a Italia de após-guerra, testemunha do en avant dos "camisas pretas".

Longe de querermos seguir integralmente as surprehendentes reflexões de Paul Valery num livro recentissimo (5) a proposito da historia que para elle é o "produit le plus dangereux que la chimie de l'intellect ait élaboré", pelo motivo de aproveitar como materia prima factos recolhidos por algumas testemunhas e virem esses factos classificados e relatados por cerebros impregnados de habitos, preconceitos e tradições, longe de querermos seguir o seu conselho de epigono intellectualista (não foi Valery quem avançou a terrível proposição para o mundo moderno: *tout par rapport à l'intellect?*) confiando a direcção do mundo á razão pura, achamos no entretanto que Valery é formidavel quando debruçado sobre um atlas exclama: "Si l'histoire "des origines à 1930" fut une maitresse d'erreurs sombres, l'histoire "de 1930 à 2500" vaudra peut-être mieux..."

A aguda penetração de Valery nasceu justamente da observação que elle fez de que muitos frutos máos da historia passada têm sido aproveitados pelos politicos até aqui e quem sabe se esse regard não tera attingido tambem o fascismo em gatinhas que o sr. Octavio de Faria está se atrevendo a ensaiar entre nós?

Aliciado mais esse elemento contra o processo do parallellismo historico iremos agora considerá-lo em face da concepção spengleriana.

"Siempre se ha tenido conciencia de que el numero de las formas, en que se manifesta la historia, es limitado; de que las edades, las épocas, las situaciones, las personas se repiten en forma tipica.

Pelo todo esto no pasa de ser fragmentario y caprichoso. Obedece generalmente a um momentaneo afán de expressar-se em forma poetica e ingeniosa mas que a um profundo sentido de la forma historica. (6)

(5) — Vide *Regards sur le monde actuel*.

(6) — O. Splengler, *La Decadencia de Occidente*, ed. Morente I V. I, p. 10.

Reforçando e ilustrando o seu ponto de vista, Spengler, depois de citar varios cesares que se compararam e se achavam parecidos entre si, Napoleão com Carlos Magno, Cecil Rhodes com o Imperador Adriano, adeanta o caso curiosissimo de Carlos XII da Suecia que carregando no bolso desde muito joven a **Vida de Alexandre** de Curcio Rufo, foi de uma desventura lamentavel... Em nossos dias, quando um Theodoro Kock Krunberg passa dez annos na intimidade dos indios da Amazonia para redescobrir Macunaima, quando um Freud desce de sua immensidade para dizer aos seus alumnos que nada sabe e um Spengler prophetisa a decadencia de uma civilização revendo em 30 annos a palavra official de uma ronda de seculos, ainda existe um homem que ao lado de uma leõesinha domesticada fala ás suas legiões com o mesmo gesto pomposo dos antigos cesares romanos: um dia avista o Quirinal e exclama: **O Principe é o Estado!** Outro dia olha o Vaticano e diz bem alto: **A Italia sou eu!**

Foi esse homem que o sr. Octavio de Faria comparou ao "individuo" de Machiavel, vendo nelle o architecto da nova Italia como o "outro" seria o "salvador" do Brasil...

Apenas, ao lado do seu idealismo, minguaou-lhe aquella poderosa **technica de comparação** de que fala Spengler e á sombra da qual se forjaram os gigantescos "parallos" de Ranke... e de mais ninguem.

MANIFESTO DA DESORDEM

Assim como Jacques D'Arnoux se deixou possuir pela "furia" de Miguel Angelo, dando-nos a nós, geração do após-guerra, um espectáculo e uma transfiguração no plano dos chamados valores espirituaes, assim tambem o sr. Octavio de Faria foi-se na vertigem do "rithmo catastrophico" de Berdiaeff.

Açoitado pelo minuano russo, possuido mesmo dó abysmo que elle parece lhe infudir, o joven clérigo (sentido bendaneano) agudéce mais ainda a sua tréfega pupila de eslavo, desgarrado no paiz do sol e da imaginação, para nos arranjar o dramático "caso" brasileiro. (1)

Nessa sua flagelação do Brasil, através mesmo das verdades que por vèzes estalam ao rumor da coivara, nota-se porém um desespero que marcha...

O autor, num arranco de romantismo, quer que o quadro fale e para isso tinge-lhe a moldura, a paisagem e os angulos, deixando apenas um refugio que depois vem de se tornar o "pathos" de toda a creação.

Impressionado pelo drama do homem brasileiro que continua para elle a não sentir e viver os dias tragicos e sombrios, renunciando a toda e qualquer experiencia de "soffrimento" para a sua depuração integral no sentido de uma salvação providencial; retalhado de angustia pela desordem do mundo moderno, dessa desordem que está cupinando o Brasil da hora presente e precipitando-o na revolução communista; sacudido de penuria pela nossa historia, por onde os **sub-homens** (sentido hitleriano) da Colonia, do Imperio e da Republica deslisam, arrancando dentes, suicidando-se com cadaços e lendo o tenebroso Codigo de Napoleão sem ao menos terem animado a argila do "colosso agonizante"; dilacerado de tortura ante a "pôse" classica da burguezia que só se compraz em commungar de almoêda, esquecendo a onda que vem e o contingente formidavel do seu messianismo, olhando-a através do evangelho sem vertebras de sua dispo-

(1) — Machiavel e o Brasil, II Parte.

nibilidade; emfim, destinado a pesquisar o "para onde vamos" de uma nação que ainda não foi conquistada pela sua raça nem descoberta pelo seu homem, o sr. Octavio de Faria deu-nos porém a correspondência do seu estado de sêr.

Esta correspondência enfeixa portanto as suas "afirmações" a proposito do "caso" brasileiro.

Nas mãos árdegas do pamphletario a paisagem dos conceitos tomou o nome de estigmatização e converteu-se numa das "introduções" mais lúcidas feitas até hoje á Historia do Brasil.

Se o sr. Octavio de Faria possuísse um "estyllo" poderia formar ao lado desse ultimo renaneano que é Paulo Prado... pois no mais elle accieita até certas theses fundamentaes do "Retrato do Brasil".

Em meio de toda essa realidade, de cujo cêrne irrompe toda a desorientação de nosso destino e sangra um feixe de dilemmas para a nossa futura marcha historica, no instante universal em que a propheta spengleriana coincide com a de Berdiaef no annunciar o fim da "civilização futurista", a voz de uma geração, de uma geração lanhada dos mesmos erros tremendos que assaltaram as outras que se fôram, entoou entre nós o seu apêllo trágico, cujos signaes de desespero recordam o Discurso Nocturno de um "homem acabado"... (1)

De um homem, sim, que tendo sentido a "desordem" de um paiz ainda infante mas já nirvanizado pela burguezia não fez senão sentir a "desordem" universal... desordem essa comprehendida num sentido triphásico: crise do espirito, crise do intellecto e crise de civilização.

Toda essa experiencia dolorosa por que nós estamos passando, carregados de pessimismo e afundados em contradicções, polarizados de duvida e desnorreados pela rajada de multiplas reivindicacões, longe de sêr uma coisa puramente nossa, decorrente de nossos proprios erros, não é senão uma sombra dessa "dannação de Fausto" que ha alguns annos vinha tomando conta da alma europeá, até que a guerra fê-la jorrar para a superficie, desde quando principiou a grande agonia...

Assim declama o Anjo de São Thomaz nas suas "Reflexions sur le temps present":

"A vrai dire, depuis le declin du moyen âge, l'histoire moderne est-elle autre chose que l'histoire de l'agonie et de la mort de la chretienté?

"Dans l'ordre de l'esprit la courbe de l'histoire des trois derniers siècles a une forme semblable. En trois grands etapes — Luther, Descartes, Kant — l'homme s'isole de la vie surnaturelle (qui n'est plus qu'un manteau de dissimulation) et devient sourd á Enseignement révéle, — il se soustrait à Dieu par anthiteologisme et á l'être par idealisme, — il se replie sur soi, s'enferme comme un toutpuissant dans sa propre immanence, fait tourner l'univers autour de sa cervelle, s'adore enfin comme étant l'auteur de la verité par sa pensée et l'auteur de la foi par sa volonté".

"Entout cas une chose est claire à nos yeux: c'est que nous ne luttons pas pour la defeuse et le maintien de "l'ordre" social et politique actuel. Nous luttons pour sauvegarder les éléments de justice et de verité, les restes du patrimoine humain, les reserves divines qui subsistent sur la tene, et pour préparer et réaliser l'ordre nouveau qui doit remplacer le present désordre."

(1) — G. Papini, Un Uomo Finito.

"Dieu ne frappe que pour vivifier.

Sous le travail de ruine et de corruption dont nous sommes témoins, un oeil attentif peut discerner des germinations précieuses." (1)

Divorciado de Deus e do ser, o homem moderno esqueceu por completo o ensinamento revelado, abysmando-se nessa atordoante crise de espirito, uma das causas geradoras do mal do século.

Esta é portanto a palavra do thomismo. Ninguém poderia esclarecer melhor a posição do Espirito em face da situação actual do que esse claro dialectico da philosophia thomazina.

E' um escolastico que fala debruçado sobre a catastrophe...

No alto mar do Occidente não era somente a miragem do Grande Simbolo que fugia... deixando aquelles que nelle repousavam a esperança lacerados pelo Sermão da Montanha de seu desespero, tão grande era a fascinação da fuga...

Tudo aquillo que os doutôres do Ser haviam recolhido do preciosismo medieval, regalvanizando tudo á luz do espirito moderno para melhor se infiltrarem no choque terrível dos dogmas, das philosophias, das estheticas e das ideologias, acompanhou em cortejo a evasão do Espirito que se despedia do homem occidental.

Mas, ao mesmo tempo os homens da especulação pura principiam a "sentir" que o seu Totem tambem se esvaia, deixando apenas certos transportes de luz, como o Real nas tentativas tzarianas.

A desordem, que fôra irreprimivel em provocar a crise do Espirito, agia em etapas e por isso estava a exigir alguma coisa a mais: o sacrificio dell'Intelletto...

Da exigencia desse sacrificio do Intellecto gerou-se a sua crise que foi de certo uma das maiores surpresas e a mais tremenda decepção para aquelles que lhe captavam a trama imaginosa e subtil.

Nada podia fugir á sua ginastica por vezes iluminada e providencial quando decompunha perspectivas e dissertava sobre a arte deliciosa de mutilar verdades...

Geometra de Dyonizos, o Intellecto armava conclusões a que não chegariam ao tempo de hoje as mais complicadas formulas de um Apeli; dialectico de si mesmo, regeitava os dados das sciencias e das artes para confundir um sentido expresso da razão; impeto de uma dinamica mental completamente isolada dos limites que confrangem a pessoa, o Intellecto foi o maior culpado dessa desagregação do pensamento moderno.

"Une goutte de vin tombée dans léau la colore á peine et tend á disparaître, après une rose fumée.

Voilà de fait physique. Mais supposez maintenant que, quelque temps après cet évanouissement et ce retour á la limpidité, nous voyons, ça et lá, dans ce vase qui semblait redevenu eau pure, se former des gouttes de vin sombre et pur, — quel étonnement...

"Ce phénomène de Caná n'est pas impossible dans la physique intellectuelle et sociale. On parle alors du génie et on l'oppose á la diffusion. (1)

Não era isto o charme fascinante do processo intellectualista, regeitar como no caso presente uma lei estabelecida para submeter o á pura especulação?

(1) — J. Maritain, *Antimoderne*, ps. 198, 9, 200, 216.

(1) — Paul Valery, *Variété*, ed. N.R.F., p. 31.

Para os amantes do idolo, um belo animal pensante seria aquelle que attingindo o mais alto degráo de si mesmo renunciasse o pensamento revelado e affastasse a erupção dos sentidos, devorando unicamente no seu caminho a excitante superstição do intellecto.

"Ce point de vue est faux, puisqu'il sépare l'esprit de tout le reste des activités; mais cette opération abstraite et cette falsification sont inevitables: tout point de vue est faux." (2)

Eis porque elles desprezaram certos modelos refinados de cultura e certos correctôres de civilização para remontarem a Da Vinci, em cuja altura carregada de desordens e de liberdades illimitadas elles encontraram um grande Passaro Mecanico gerando a summa de certos problemas, onde o conhecimento como uma coisa eternamente actual não fôsse submettido á censura e ás revisões do espirito...

Mas, toda essa ordem de pensamento, cravejada de gestos duros e enigmaticos, partindo do **hostinato rigore** e excellindo até a mais subtil chimica mental, teve de ceder logar a outras perspectivas, deixando ao homem occidental mais um abysmo, cavado á sua direita...

Foi então que, apertado entre esses dois accidentes, crise de humanismo e intellectualismo, o nosso mundo esboçou abruptamente a decadencia de sua civilização.

"L'Occident lui-même déchiré, non pas seulement au temporel comme par le passé, mais au spirituel, découvrant avec épouvante que le fond invidis de sentiments et d'idées qui avait maintenu tant bien que mal jusqu'alors, par delà les conflits des princes et des peuples, une certaine communauté européenne, s'était, par un incompréhensible écoulement, vidé de toute substance et réduit à un état voisin du néant; le christianisme ouvertement tourné en déhision par les uns, rabaissé par les autres à des utilisations guère moins désisiores; le Dieu de justice et d'amour divisé et en quelque sorte mobilisé contre lui-même, la religion du ciel mise au service des religions de la terre, (o grypho é meu) les vieux mots les plus vénérables, Droit, Justice, Progrès, Liberté, Humanité, prostitués dans une sorte d'ivresse simoniaque, ce qu'ils relaient encorre de richesses authentiques pillé, gaspillé, éparpillé aux quatre vents; le bolchevisme, l'américanisme, le fascisme, et quoi encore, autant de triomphes du matérialisme moderne ou de l'antique idolâtrie"... (René Gillouin)

Existem certos caminhos no Caucaso, caracteristicos e originaes por onde os cossacos se despenham, tendo como roteiro o proprio labyrintho das curvas. Delineando a crise do Espirito, a crise do Intellecto e a decadencia da civilização occidental para podermos compendial-as como factôres da desordem do mundo moderno, não fizemos tambem senão isto: articulámos variações para tocarmos enfim o ponto de vista esboçado.

Ponto de vista que não é senão esse simoun que está varrendo a Europa da hora presente e que pelo seu effondrement está sacudindo o mundo inteiro, inclusive o Brasil onde foi-lhe applicada uma linda eti-quêta: **rythmo catastrófico**...

JUILLET 1914, DE EMIL LUDWIG

PAULO MALTA FILHO

Eu esperava do livro de Emil Ludwig algo de novidade que não encontrava no "Guilherme II". Quem acaba de lêr a obra, a impressão mais nítida que tem, é de que o livro é um dos mais bem construídos que já se têm feito sobre o início da guerra. Ao contrário do que se esperava, ele não nos mostra a quem coube a responsabilidade da guerra. Mostra que todas as nações envolvidas no conflito são responsáveis, se bem inteligentemente deixe claro que, em primeiro plano, são responsáveis Vienna e São Petersburgo.

Escritor de uma objetividade admirável, analisa os estadistas europeus envolvidos na conspiração de uma maneira tão plástica, tão minuciosa, tão detalhada, que, às vezes, nós perdemos o interesse pelas qualidades do homem, para nos deliciar pela fotografia. O que esses homens pensam não nos interessa. Apenas a nossa atenção está fixa no que eles poderiam fazer na sua ação presente e na possível atitude que poderão tomar futuramente.

Tem-se a impressão de que os homens estão de pé dentro do livro. A preocupação de Ludwig é deixar o homem agindo dentro do ambiente o mais estritamente real possível, como se os seus pensamentos e os seus passos não levassem a outra coisa que não fosse a preocupação da hora presente.

O livro é toda essa **presença**. É o laite-motivo. Pelo retrato do homem, adivinha-se a sua próxima maneira de agir e a sua responsabilidade de ação. Vêjam-se a cabeça de Jaurès e a cabeça de Ysvolski. Não enganam. No meio da maior confusão, ha sempre um conde a espera de um telegrama, ou um general a redigir um despacho. O homem que espera e o homem que redige possuem características físicas próprias. E Ludwig deixa claro que pela maneira de agir, conhecem-se as ambições secretas de seus autores. Porém, essa presença interior não se faz notar nos homens de Estado, com excepção de alguns socialistas que ganham na sua lente fotográfica, de um colorido de pintor impressionista.

A propósito, atacaram a Ludwig de parcialidade pelos socialistas. Isso porém parece-me duvidoso, pois sendo o livro um libelo delirante contra a guerra, não seria razoável que fosse ele colocar num mesmo plano os seus inimigos e os seus instigadores. Desses últimos compunha-se a maior parte das "chancelarias" europeas e os primeiros destacavam-se logo, além de outros, em Jaurès, em Liebnicht, em Haase.

A atitude dos socialistas alemães foi das mais definidas e se a idéa de **greve geral** fracassou é porque, consequentemente, eles não se consideravam a maioria. Mais do que nunca o espírito do bismarckismo vingadôr absorvia a Alemanha nesse tempo. Foi a Alemanha o ponto de convergencia de todas as excitações populares. O povo não foi completamente alheio á guerra como quer Ludwig. — O que é fáto indiscutível, é que a **élite socialista** estava com os seus chefes e se não o acompanhou foi porque sentia a desnecessidade de suas atitudes diante de uma geração militarizada até a raiz dos cabelos.

O principal alvo de "Juillet 1914" é deixar bem claro a irresponsabilidade do povo e a consequente responsabilidade dos soberanos europeus. Assunto dos mais difíceis, Ludwig teria deixado a obra incompleta, se não tivesse em mão a documentação necessaria e o seu maravilhoso senso de agudêza analítica.

Os fatos que se desenrolam em "Juillet 1914" e seus naturais efeitos saltam á vista. O que se torna difícil (e sómente um escritôr do calibre de Ludwig pôde realizar) é justapor nos seus verdadeiros logares esses fatos dentro da documentação mais honesta, e sem fugir ás responsabilidades que lhe possam vir das ousadias dos comentários.

Eu não conheço a orientação política de Ludwig. E nem isso seria necessário para maior clarêza do livro. Nesse ponto, prefiro olhar o escritôr, o biógrafo. A mesma cousa não aconteceria nas mãos de um Romain Rolland ou de um Barbusse, ambos apologistas da paz, ambos atacados dos mesmos furôres anti-militaristas, mas ambos, também, politicamente definidos. Prefiro colocar Ludwig junto a Stefan Zweig porque se identificam no horrôr á guerra, porque sendo ambos alemães são europeus, e porque ambos, acima do sentimento nacionalista, colocam o sentimento da humanidade. Porque se tornam internacionais á força de nacionalismo, e porque, finalmente, ao invés do falso conceito de **pátria ofendida**, eles possuem, acima de tudo, o sentimento de fraternidade européa.

Sómente uma sensibilidade poética como a de Zweig seria capaz de escrevêr um "Jérémiás", como também sómente um escritôr de latão tãorico como o de Ludwig, nos daria um livro de tão comovedôra revolta. E' profunda a exclamação do herôe de Zweig: — Pourquoi Dieu jette-t-il les peuples, les uns contre les autres? N'y a-il assez d'espace sous le ciel? ... Qu'est ce qui met la mort entre les peuples? Qu'est-ce qui sème la haine, quand il y a tant de place pour la vie et tant de pâture pour l'amour? Je ne comprends pas, je ne comprends pas... Dieu ne peut vouloir ce crime. Il nous a donné la vie pour vivre... La guerre ne vient pas de Dieu. D'ou vient-elle? ...

Esses gritos de angustia que Zweig põe na boca de um dos seus heróis mais humanos, ganham um sentido de logar comum necessário. Basta corrêr a vista pela literatura de guerra de Duhamel, F. B. Bonjean, Andreas Latzke, Barbusse e outros, para chegar-se á conclusão geral de que todos vivem obceciosados pela idéa da guerra: Porque ha guerra? Donde vem a guerra? Porque ha guerra?... Esses apêlos posuem em Ludwig um interprete magistral.

"Juillet 1914" é um livro eminentemente de superficie. Outro qualquer fracassaria no assunto. Não fossem as suas excelentes qualidades de análise e o livro estaria incompleto. O livro é uma vertical da európa convulsionada. Uma vertical tirada com mão de geometra. A verdade dessa *féroce bêtise* está saliente em toda a construção do livro como se, sendo um valôr de imagem e sendo imagem, ela nos convencêsse á força da realidade. Ludwig não quis tirar partido literário de certas situações comoventes que se serviam otimamente ás explorações desse genero. O pedaço da morte do archiduque Francisco Fernando D'Austria acontece num logar onde as garrafas de champagne estão refrigerando. Ludwig acentuando o contraste, procura tirar de fáto tão literário, efeitos puramente visuais, dando-nos a idéa (tal é a força de visão) de um moderno cineasta de ação.

Nada de mais honesto num escritôr realista que esta sua preocupação de ordem media. Ele doma certos assuntos como nós determinamos certos enrêdos. E o maior mérito intelectual de Ludwig é ter conservado no livro a sua verdadeira unidade material, quando a realidade dos acontecimentos nos pederia desordens e confusões.

Nunca é demais, (principalmente criticando-se o biógrafo) falando-se de Ludwig, resaltar-lhe as qualidades de literato realista. Literato no sentido mais requintado do vocábulo, porque seria estúpido que nós fôssemos confundir-lhe o livro com a literatice de guerra, de que, de 1919 para cá, têm sido tão pródigos certos escritôres europeós. Dessa literatura não conseguiu afastar-se o humanista Duhamel, dando-nos um livro onde os heróis são mártires e onde ele faz a auto-apologia de cirurgião habil que é, sempre com a vontade do médico profissional, de ter pernas para arrancar. Por causa disso, passou Duhamel a ser chamado de Dostoiewski francês e os adjectivos como *profundidade*, *substancia*, *humanidade*, lhes foram conferidos com uma prodigalidade tão fácil, que nós (não sem uma leve ponta de ironia) ficámos sem saber quais os adjectivos que, fugindo ao comum, posam adaptar-se á obra imensa de um Proust ou de um James Joyce.

Eu ainda verei (pois acabo de lêr o seu último livro de

viagem) Duhamel redigir o Diário do Congo á maneira de Gide...

Conforme tentei demonstrar, o livro de Ludwig é um livro áparte. Áparte do geralmente comum, já realizado por um escritor. A certêza dessa conclusão veio-me logo após á leitura que eu fiz das Memórias do Príncipe von Bulow...

A FAMÍLIA E O REGIMEM COMMUNISTA

CARLOS J. DUARTE

Apesar da sua posição secundaria em organizações de tal especie, uma das questões mais discutidas hoje em dia do regimen bolchevista é positivamente a que se refere á familia. Com o triunfo rapido e perturbador do plano quinquenal — triunfo, aliás, assegurado de ha muito pelas opiniões insuspeitas de Lloyd George e Raymond Bye — a critica a serviço do capitalismo, na impossibilidade de sofismar com cifras, voltou a explorar o assunto que durante longo tempo lhe serviu de tema. E essa campanha de planos fundamentais absolutamente falhos tem constituido um dos tormentos das clásses operarias estranhas á Russia. Saber se o Estado comunista aboliu a familia ou se esta é a mesma e com missão identica á que tinha até 1917, eis o que preocupa de modo particular os espiritos do mundo proletario.

* * *

Em principio, tomando-a no seu sentido usual, a familia não existe no maquinismo soviético. Como não existe tambem na maior parte dos países imperialistas.

Desde os fins do seculo XIX que as condições gerais da vida veem modificando pouco a pouco os velhos habitos e costumes domesticos. Antigamente o homem era tido como o unico esteio da familia. Sómente ele era o responsavel pelo sustento da mulher e pela educação dos filhos. Sómente ele, portanto, sentia-se compelido ao trabalho.

Dia a dia, porém, com o aumento acentuado da população, a concorrência e o "chômage" começaram a provocar reduções constantes nos salarios, tornando-os insuficientes para responder ás necessidades mais imediatas da familia. E a mulher, por sua vez, viu-se obrigada a trabalhar, afim de equilibrar honestamente este estado de coisas. Assim, ela, que fôra até então apenas uma especie de ama-de-casa com direito de assento a mēsa nas horas de refeição, perdeu essa feição subalterna e comoda, para dar entrada nas fabricas e nas oficinas, igualando-se aparentemente em tudo ao homem. E anualmente a proporção de mulheres que abandonavam o lar para engrande-

cer as filheiras operarias avolumava-se consideravelmente em prejuizo da familia do passado.

Antes da guerra, diz Radek (1), encontravam-se nos Estados da Europa e da America cêrca de setecentos milhões de empregadas. E o curiôso é que mais da metade dessas mulheres que viviam de um trabalho independente era casada, o que importa em dizer que os seus lares achavam-se inteiramente abandonados e os seus filhos entregues a toda sôrte de perigos, dada a ausencia completa de vigilancia.

Depois do espetaculo dramatico de 1914, esta estatistica dilatou-se exageradamente. Abalada a civilisação ocidental com a iminencia de uma rutura no seu edificio economico, o capitalismo, em pleno desespero de causa, compreendendo proxima e francamente visivel a sua decadencia, tratou, como era natural, de reconstruir o mais breve possivel o seu exausto e já bastante gasto aparelho industrial.

Estabelecida esta nova ordem economica, mais nitidas fôram se tornando as transmutações profundas da sociedade. O trabalho assalariado da mulher, generalizando-se, difundindo-se universalmente, decompôz de maneira absoluta a familia. Os afazêres domesticos, que constituíam a ocupação quasi exclusiva da mulher, principalmente da mulher solteira, passaram a ser de todo desnecessarios. Nenhum interesse podiam provocar mais ao Estado nem tampouco á coletividade. Tudo o que se fazia antes no seio da familia principiou a ser elaborado em grande quantidade nas fabricas e em outras emprêsas e sindicatos capitalistas. A maquina, diminuindo a mão-de-obra e aumentando espantosamente a produção, absorveu com vantagem a habilidade feminina, por isso que as condições em que manufatura os artigos são mais higienicas e economicas, apesar da vontade permanente das sociedades anonimas burguêsas de altiar os preços com a concentração do capital em "stock".

Ao capitalismo, pois, tão sómente a ele, deve mulher operaria de nossos dias o esfacélamento da antiga familia á moda romana.

O fáto de apontarem o atual regimen slavo como responsavel pelo desaparecimento da casa-individual não procede de modo algum. O governo da Russia moderna o que fez foi apenas suavisar uns cem numeros de arestas e defeitos de que esta decomposição violenta se revestiu. E, de todas as realizações do Poder Soviético em tal sentido, é sem duvida a elevação do nivel social da mulher proletaria a mais importante. Ela acha-se presentemente cercada na Russia da mesma comodidade, da

(1) Carlos Radek — "A evolução do socialismo".

mesma higiene e do mesmo conforto material que rodearam até ontem as damas da corte de Nicoláu II (2).

"Na sociedade comunista, como escreve A. Kolontay (3), a obreira não ocupa as suas raríssimas horas de ocio em trabalhos inúteis e ingratos. Os departamentos populares e centrais de tudo se encarregam. Desde a lavagem de roupas á reparação dos mais insignificantes utensílios de uso particular. E a mulher operaria pôde consagrar assim os seus momentos de descanso em leituras instrutivas e distrações sãs..."

* * *

Emancipada economicamente graças ao espirito egoista e utilitário do capitalismo, era racional que a mulher proletaria experimentasse na U. R. S. S. uma mudança semelhante nos seus costumes civís e sociais. A independencia exterior provocada pelo trabalho obrigatorio deu margem a uma outra de natureza diversa. De origem interior.

O sentimento amorôso, que segundo a moral burguêsa basea-se em um principio de propriedade, tornou-se progressivamente uma força social e psiquica. A familia deixou de ser o agregado estreito e mequinho, em que o instinto de posse do homem sobre a mulher era tudo e a afinidade psiquica uma creação novelêscã, para traduzir-se como uma unidade de ação. Um fenomeno puramente social.

Em virtude do decreto dos commissarios do pôvo de 18 de Dezembro de 1917, o divorcio entrou para o rôl das legitimas reivindicações da clãsse pobre e sacrificada, cessando de ser um luxo susceptivel sómente aos ricos. A mulher operaria não tem mais hoje em dia de solicitar durante mêses ou anos um passaporte absolutamente simples, como é a certidão de divorcio, para vêr-se apartada de um marido brutal e incompativel com as suas maneiras fisicas e morais. O divorcio se concede atualmente na Russia na espaço de uma a duas semanas. Como deve ser concedido.

Mas precisamente essa facilidade de divorcio é que tem trazido em alvoroço o môfo dos juristas conservadores. Principalmente entre nós.

No Brasil ha uma mania de tudo se reduzir ás chamadas soluções juridicas. A unica noção que temos da vida é essa inferior e lirica. O nosso senso comum é o senso juridico. O que é de véras lamentavel. Porque, como notou um dos nossos sociologos mais perfeitos, o sr. Gilberto Freire, tal noção, quando se especialisa, apresenta dois aspectos abominaveis: o mo-

(2) A. Lunacharsky — "A educação na Russia dos Soviets".

(3) A. Kolontay — "O bolchevismo e a Ditadura do proletariado".

ral e o intelectual. O seu processo de julgar as coisas, não é o dos valores intimos, mas o dos preceitos e formulas, segundo as regras de "ortografia". E a sua maneira de persuadir é feita pelo malabarismo verbal ou logico, raro pela sincera convicção ou sondagem honesta das coisas. Daí ser a imaginação nos grandes juristas o que um critico chamou "utopica ou vocabular" para distinguir da "imaginação tragica dos intuitivos".

E essa imaginação utopica e vocabular, servida intencionalmente por um processo superficialissimo, é que caracteriza as razões apresentadas pelos ulpianos tupiniquins contra a situação economico-social da mulher russa.

* * *

Encarada a questão pelo seu lado objetivo e pratico, porém, sem o cabalistico de linguagem que constitue a literatura juridica, vemos que a posição atual da familia russa fôge inteiramente do terreno arido e teorico dos Codigos.

A sociedade contemporanea é um reflexo da imensa transformação por que tem passado a produção nestes ultimos tempos. O tipo fundamental da mulher de nossos dias relaciona-se diretamente é com o desenvolvimento economico que atravessa a humanidade. E sendo o Direito, como afirmou o velho Tobias Barrêto (4), "o conjunto de condições existentes na sociedade, coativamente assegurado pelo poder publico", ou, como quer Edmundo Picard (5), "o que pouco a pouco se transforma em costume, depois em obediencia e por fim em instinto", está claro que a sua missão — digamos social — acha-se limitada a esse conjunto de condições.

Ora, edificada como está a sociedade comunista sob um principio de camaradagem reciproca, nada mais absurdo e ridiculo do que o direito de propriedade de um ser sobre outro. As condições existentes na sociedade teem de ser outras, portanto. E, variando essas condições, consequentemente varia a psicologia dos conjuges. O amôr deixa de ser uma tranzação humana, um fenomeno biologico, ocasionado pelos postulados individualistas mais secretos, como nas sociedades burguêsas, para apresentar-se, em sua fisionomia interior, como um fator social. E tal só obter-se-á com uma união facilmente dissoluvel.

A indissolubilidade e a idéa de propriedade, elementos essenciais do chamado matrimonio légal, exercem, como observa Alexandra Kolontay (6) numas considerações inteligentes feitas á margem d'"A crise sexual", o recente e divulgadissimo

(4) Tobias Barrêto — "Estudos de Direito".

(5) Edmundo Picard — "Les constants du Droit".

(6) A. Kolontay — "A mulher moderna e a moral sexual".

livro de Grete Meisel-Hess, um efeito nocivo sobre a alma humana. Estes dois fatores exigem "poucos" esforços psíquicos de pessoa de cada conjuge, pôsto que cada um sabe de antemão está ligado indissolivelmente ao outro por laços exteriores.

Por outro lado, é demasiado comum o fáto de uma creatura que nos satisfizes plenamente até ontem não nos interessar absolutamente hoje. Nada mais variavel — e isso é um aforismo científico rudimentar e incontestavel — do que a psicologia humana. Dentro da propria idéologia burguêsa, inchada de hipocrisia e de falsa ingenuidade, encontramos cabalmente expressa tal proposição, quando ela nos assevera em tom categorico, através da quasi unanimidade dos seus "filosofos" e "sociologos" improvisados, que "é impossivel harmonisar os interesses individuais e sociais, a pobreza e a riqueza, o capital e o trabalho, o dinheiro e o sentimento. Não é nem á arte, nem á ciencia, nem á industria que devemos atribuir os entraves destes nossos tempos de exploradores e de miserias, mas á volubilidade da nossa natureza que desvirtua tudo quanto ela mesma imagina, descobre e inventa"...

A forma do matrimonio legal não faz mais, por conseguinte, do que empobrecer a alma, e não contribue de modo algum para acumular na humanidade aquilo que Tolstoi qualificou de "grande amôr", e que foi, por sinal, a profunda nostalgia de sua vida genial. Nem busca tampouco converter-se naquella força que quanto mais se gasta mais cresce, de que nos fala Hess...

Ele géra, ao contrario, com essa certeza de eternidade emprestada as relações do casal, toda uma série de miserias sociais.

Que ocasiona o adulterio sinão a falta de harmonia e de plenitude de sentimentos entre duas creaturas que se ligaram para sempre por laços ditos legais? E o lenocinio por que é motivado na maioria das vezes sinão pela impossibilidade de uma mulher contrair novas nupcias, quando abandonada pelo esposo? E essa praga moderna, a esterilidade, que é sinão uma resultante da moral burguêsa, uma consequencia dos matrimonios tardios provocados pelas exigencias absurdas dos codigos "democraticos" e "liberais"?

* * *

Contra toda essa sôrte de degradação é que investem as leis promulgadas e applicadas na Russia de hoje. E sómente elas — instituindo a independencia economica da mulher, a verdadeira proteção e seguro á maternidade e á infancia, a luta contra a prostituição em sua base economica e moral, a supres-

são da estreita noção de filhos legítimos e ilegítimos, e o casamento civil em substituição do casamento religioso — podem solucionar, queiram ou não os Vicente Ráo e os Léonel Franca com todo o seu amontoado de razões jurídicas, o drama sexual tremendo que conturba a sociedade capitalista de nossos dias.

A luta partidária de sexo está terminada, com a união livre, no regime comunista. **Homem e mulher**, no conceito feliz de Raquéel de Queiroz, fundem-se socialmente numa entidade única — o **indivíduo**. (7)

E ele descreverá a curva da nossa sociedade futura...

(7) Raquéel de Queiroz — Introdução ao livro "A mulher na U. R. S. S." de S. Dmitrieva e N. Poutoukova.

O HOMEM CHAPLINIANO

EVALDO COUTINHO

A minha personagem é o homem perdido no mundo.

CHARLES CHAPLIN

Aceitar Chaplin totalmente é uma grande tarefa. E' desprender um esforço consideravel que sempre tem sido rejeitado, pela comprehensão subtil e sensibilidade acuradissima que são precisas para abordar um genio tão pouco estudado, qualidades primarias que talvez nem meia duzia de pessoas consiga reunir. Dahi ser Charles Chaplin, dos grandes vultos que têm surgido, o mais desconhecido.

Extranha affirmação parecerá esta em torno de um nome que figura pelas esquinas, em cartazes, e que é sempre opportuno para acalantar os gury's traquinas. Mas a essa maneira defeituosa de conhecer deveria ser preferida uma completa ignorancia. Desconhecel-o, mesmo de nome, porque conhecel-o dessa forma, a cada passo, é u'a maneira abominavel de deformação. Não existe nada mais mediocre ou mais irritante do que uma platêa diante de *City Lights* ou de *The Pilgrim*, a usar a mesma attitude que teria na frente de um lamentavel Procopio, esperando apenas a satisfação mediocre dos sentidos.

Si aceitar Chaplin totalmente torna-se uma tarefa pesada, rejeital-o, como cineasta é comprometter-se lamentavelmente. Vae além de centenas o numero de fanaticos pela arte da imagem que recusa um apoio incondicional a Chaplin em muitos pontos por achal-os deficientes. Mas é que esses pontos — os geralmente apontados — são talvez os pontos essenciaes, que formam a estrutura mesma de todo o conjuncto chapliniano, em cuja homogeneidade, digamos desde já, não se pode nem vislumbrar um possivel lapso. Dessa forma as restricções feitas áquelle cuja vida interior é um complexo magico de emotividades, implicam num excessivo desconhecimento daquillo que devia ser o abc do cinema — de todo o cinema: a estrutura essencialmente cinematica do pensamento chapliniano. Na transposição desse pensamento está todo um cinema, o maior que existe entre outros motivos, pela transcendencia philosophica que as imagens passam a exprimir, utilizando-se dos seus proprios recursos.

A arte de Chaplin é uma sublimação do sentimento. Os motivos adaptam-se ao que a sua affectividade revela. Exceptuando-se essa modalidade genial do cinema o que existe em imagens é, talvez em unanimidade, um recuo imposto ao sentimento, ou melhor, uma adaptação do sentimento aos motivos.

Num trecho do artigo "Como eu comprehendo Chaplin", publicado nesse numero, ha uma censura a um gesto inoffensivo de um gato que derruba uma vasilha na cabeça de Carlito. No lugar de um defeito existe ahi, como assinalaremos mais adiante, um toque caracteristico, necessario mesmo, sem o qual a sequencia deixaria a desejar, por ir de encontro ao proprio pensamento chapliniano. E notamos ainda ahi mais um valor, talvez somente utilizado por Chaplin, o do emprego facil de imagens, opportunas e presentes á imagem principal, de onde se conclue a simplicidade genial a que uma vez tivemos a oportunidade de nos referir. Num só quadro, sem o menor desvio de camera, a exposição de mil coisas. Assim como esse exemplo, todos os momentos da obra de Chaplin exigem uma dissecção cuidadosa que não dispensa as condições necessarissimas de que tratamos ha pouco: comprehensão e sensibilidade.

Assim chegaremos á conclusão que, fazer restricções á obra de Chaplin no que ella tem de basico é eliminal-o totalmente.

City Lights, como *The Pilgrim*, como *Gold Rush*, precisa ser analysada apenas com elementos empregados na technica de Chaplin e não com o ardor, ou melhor, a displicencia infantil com que olhamos para os "interiores" de Robert Wiene, ou para a pseudo-genialidade de F. W. Murnau. Diante de *Gold Rush* devemos nos esquecer da existencia de uma seria perigosissima de cineastas para não exigirmos de Chaplin cujos "films são obras primas e realizações de um genio", as panaceias photographicas que uns senhores suspeitos empregam para encobrir a propria mediocridade.

Esses que põem restricções á grandeza de *The Circus* são os que aceitam Chaplin em parte. Estão nesse caso os medianamente versados na materia porem que não se aprofundam até as bases primeiras, e se acaso o fazem, guiam-se por um sentimento mais de intuição (quando muito) e que somente uma coisa attestam: a ausencia de sentido transcendental na seleção dos valores. Haja vista a extraordinaria admiração que esses cineastas, ás vezes interessantes, dedicam aos elementos de mais destaque no cinema, que, usando de uma terminologia ainda inedita, chamamos de dupont-poudowkiniano. E' a exaltação quase infantil pelas angulações de *Sunrise* ou pelo rithmo vivissimo das primeiras sequencias de *Napoleão*. Mas que valor intrinseco tem uma das grandes scenas de Abel Gance — a da Convenção, por exemplo — comparada com o riso desfeito de Carlito diante de um guarda da policia? Falta no realizador francez o pensamento altamente philosophico que em Chaplin é uma constante preocupação. Não basta o polimento intelligente em angulos e rithmos. A ideia se impõe, formando todo um fundo de substancias, que, sendo o motivo primeiro e capital dispensará nas mais das vezes as disposições bonitas de forma.

Antes de abordarmos Chaplin como fazemos com Murnau, espreitando os menores detalhes das imagens no seu emprego e no seu sentido, torna-se-nos necessario uma visão mais ampla possivel do porque das imagens, uma justificação do seu motivo que Chaplin é o unico a exigir. Acima de tudo o porque das imagens, a intensão como inicio. Um guarda da policia correndo atraz do *straggler*, é, como imagem em si, usadissimo, banal mesmo. Em Chaplin essa fuga de sua personagem passa a exprimir algo de genial, isto é, a representação do pensamento chapliniano. Quem mais no cinema exige essa justificação antecipada? Dupont, Pabst, Abel Gance, ou René Clair, esforçam-se em dar uma razão de ser ás suas imagens, com os proprios elementos contidos no encadeiamento dessas imagens, não havendo portanto, a transcendencia de motivos profundamente philosophicos. A personagem de Pabst assassina porque a perverteram e aconselharam, ao passo que o *straggler* recua, obedecendo á sua timidez porque o universo lhe é contrario. Como que sobra a esse universo, assim diria qualquer um de nós que a elle estivesse adaptado. Ou, dirá o seu autor, o *straggler* foge desse mundo por encontral-o pequeno demais. E essa affirmativa ultima, que se nos depara como a mais extranha, é precisamente uma conclusão exacta que vem sempre até nós depois do fade-out de qualquer obra de Chaplin. De *The Pilgrim* a *City Lights* o seu homemzinho continúa achando o nosso mundo bastante escasso, paradoxalmente fazendo as vezes do dilettante mais refinado...

Ha annos que essa figura amarga de vagabundo, com os mesmos sapatos, a mesma indumentaria e talvez o mesmo bigode, continúa irreprehensivel nessa attitude que, digamos logo, é a mais difficil e tambem a mais genial por ser instinctiva. Charles Chaplin, na celebre entrevista a S. Mom, affirmara: o meu heroe vive inconsciente de seu drama.

Quem a não ser o homem de Chaplin vive numa fuga tão perigosa e

além de tudo ignorando-a? Ha muitos anos que Chaplin traçou esse delineamento, essa "posição" para qualquer um de nós irremediavel, onde o menor vestigio de uma contradicção ainda não foi divisado. Nós, ás vezes, não sabemos mesmo a que admirar mais si aquella attitude, si a sua manutenção firmissima. Uma coisa, porem, entra claramente aos nossos olhos: é a consciencia profunda que Chaplin possui, ao contrario do seu straggler, do drama delineado, da angustiosa comedia que é a fugida de um mundo... Essa ausencia de contradicções é um dos grandes meritos de organização de que Chaplin dispõe, ao mesmo tempo que uma armadura vigorosa para o seu pensamento sempre correcto e medido, negando assim a desordem que não se personaliza e a complexidade difficilmente isenta de defeitos.

Collocando um homem defronte de um mundo Chaplin identifica-se ao lado de todos os philosophos que têm existido. A grande missão de qualquer pensador ao redigir o seu systema é a de explicar a vida num mundo que só elle sente e consequentemente só o seu autor pode modificar-o, alterando-o ou simplificando-o, conforme a sua necessidade interior, ou a existencia de seus valores. Assim todo o systema philosophico é uma exteriorização de um sentir muito intimo onde uma intromissão de mãos alheias será sempre indesejavel. A grande lição de Nietzsche foi a consciencia da individualização da philosophia, em contraste com o velho anseio de universalizar um conjuncto unitario de ideias como se um só sentimento congraçasse todos os individuos.

A philosophia de Chaplin (e elle tem a consciencia disso) não é um campo de proselitismo. Carlito surprehender-se-ia num momento si se defrontasse com alguem que possuísse os seus desejos e todas as suas tendencias. Ao contrario elle segue o seu caminho sem ter quem o comprehenda, no seu fatalismo de "homem perdido no mundo".

O mundo de Carlito, espiritualizado e sempre ao seu alcance, leva o seu character de indistructividade, sem carecer dos preambulos justificativos nem das doze categorias de Kant. Uma philosophia sem experimentação nem observação, puramente espiritual, interior.

Uma occasião já fizemos o esforço de escrever sobre a simplicidade de uma obra como *The Circus*, principalmente quanto ás imagens em si e quanto á technica e todos os recursos de representação do seu pensamento. Nada mais simples do que todos os processos postos em pratica em qualquer de seus films, sem a audacia das movimentações nem a violencia dos rithmos. Justamente o opposto a Raymundo Cannom ou a Poudowkine. Mas, em se commentando essa simplicidade, o que mais se julgará exquesito é um contraste, (é essa a primeira impressão que nos fica) talvez um desequilibrio entre o grau de intenção e o modo da sua manifestação. Uma ausencia de proporcionalidade entre o pensamento chapliniano na sua enorme intensidade e o seu processo, nada complicado, de exteriorização. A grandeza do straggler fugindo quase em opposição ao seu modo de fugir. Uma disparidade que a nada compromette ou contradiz, pelo contrario, sobrepuja. Sobrepuja a maneira usual de se fazer arte, onde existe como que uma rhetorica velada na preocupação desse proporcionalismo entre a complexidade ou a simplicidade dos motivos e a complexidade ou a simplicidade da exposição desses motivos. Pabst complicado no seu pansexualismo e complicadissimo no formato de uma *Caixa de Pandora*. Abel Gance fazendo de Napoleão uma obra gorda de imagens, dramalhão até no rithmo, em perfeito accordo com a dramaticidade indigesta que foi toda a vida do primeiro imperador francez.

Essa medida exacta de intensidades não existe em Chaplin. A maneira de pensar e reproduzir impõe, aqui, uma completa libertação dessas disposições classicas, que tambem se nos aparece como um dos seus aspectos rigorosamente caracteristicos. Quem, a não ser Chaplin, teve esse empreendimento de tanta audacia? Audacia é precisamente o ter-

mo que definirá esse lado maravilhoso de sua arte. E Chaplin, depois que o estudamos dessa maneira já se nos afigura como um revolucionário, como anti-revolucionária é toda a sua arte, com respeito á intenção. Porque apenas a sua personagem se afasta do mundo sem, em momento algum lhe oppor resistencia.

Na intenção de Chaplin está implicitamente encerrada uma grande attitude. Uma attitude, que, como já dissemos, qualquer um de nós rejeitaria, por precaução ou por temor. Quem se atreve a fugir do mundo? A attitude do straggler chapliniano é essa: a de um homem correndo do mundo como quem corre do mal. Porque seria attrahir-se ao mal quem permanecesse displicentemente encostado a um mundo ou num mundo por essencia inadaptable ao seu temperamento. Poucos como a personagem de *City Lights* têm a disposição de animo positivamente heroica para se ausentar e fugir. Alguns têm já rejeitado o mundo. Mas esses, semelhantes no inicio, differem na attitude posterior.

Eis ahi o ponto primeiro a ser estudado na obra de Chaplin. Um ponto que exige, pela sua transcendencia, um cuidado subtilissimo, u'a maneira de encarar e julgar essencialmente philosophica. De tal modo deve ser apreciada essa attitude genial do homem diante do mundo.

Não é a primeira vez que encontramos essa desharmonia flagrante. O numero dos inadequados ao nosso universo já se destaca, formando uma serie de heroes ou de super-homens. Heroe ou super-homem pelo impulso de revolta que preside a tal attitude, perigosissima, de alhelar-se das visões diarias, dos acontecimentos para nós seductores, que a todo o instante nos approximam ou nos distanciam das realidades concretas. Quem assim procede, sem temor, possui alguma coisa de extraordinario e de bello — como no caso de Chaplin — que o eleva acima de qualquer um de nós, que formamos, consequentemente, na ordem dos facilmente saciaveis. Dos vulgares ou mediocres, concluiremos, raciocinando. Dos que levam a vida na displicencia commoda dos braços cruzados.

A recusa, portanto, sobrepassa a acceitação. E porque não recusamos? Talvez por temperamento ou por indisposição — Chaplin não cogita disso — e nós, em nossa inercia costumeira, confessamos o absurdo lamentavel que reside numa comparação possivel entre um de nós e o straggler, assignalando a nós dentro de uma enorme inferioridade... E o que fica patente — nós é que o dizemos — é a altura em que surge a personagem chapliniana, elevação que somente esse homemzinho singular attingiu: o homem que Chaplin creou — talvez o maximo que um pensamento de estheta pode crear — (é um homem diferente algo mais extranho que um mexicano primitivo nas ruas de Madrid) o homem que o vulgo não vislumbra e cujo valor alguns chegam a medir e muito raramente abordar no seu conjuncto quase inacessivel. Carlito é um homem como não vislumbrará ou comprehenderá aquelle que (ignorancia ou snobismo?) lhe impõe restricções, chama-lhe commodamente de comico, confundindo-se ahi com o vulgo que o utiliza apenas como divertimento que é a maneira usual de satisfazer os desejos mediocres.

A extranheza que emana da personagem chapliniana, essa exquisitice em si não basta para eleva-lo. E' necessario que essa extranheza tenha uma causa que, como que, passa a ser tudo e esse principio creador no homem de Chaplin é a inadaptação. A attitude do straggler recusando um universo (ha desprendimento maior?) differe da de um certo numero de desprendidos que passa a seguir uma outra direcção. Começa aqui a segunda preocupação de Chaplin, talvez a mais genial. Surgem do mesmo gesto de recusa, confundindo-se para desmembrar-se depois.

Stendahl teve como Chaplin um mesmo pensamento inicial. Julien Sorel e Carlito são dois senhores extranhos, incomprehendidos a vagarem por um universo de surdo-mudos. *Rouge et Noire* e *City Lights* são dois grandes poemas da incomprehensão. Mas a disposição de animo de Sorel

para com esse mundo de bronze revela impulsos agressivos, um genio irascivel de rebellado. E' um inadaptado que quer adaptar o mundo á sua pessoa, violentamente, sem medir as consequencias possiveis dessa tarefa desvairada. Possui somente um anseio, o de attingir o fim almejado, á maneira de Parsifal. Mas ao contrario de Wagner, Stendahl, em logar de redempções, nutria o seu heroe ou super-homem com obstaculos a vencer. A presença de obstaculos é o unico objectivo da existencia dessa personagem. A sua vontade de vencer para adaptar exige a presença de estorvos. Animo, fortaleza, eis os caracteres da alma infeliz de Sorel que não conseguiu vencer. Caracteres que não se encontram no homem de Chaplin.

Si Sorel affrontava conscientemente todas as asperezas da vida, provocando-as ás vezes, Carlito evita-as. Afasta-se do nosso mundo por precaução e por não comprehendel-o, mas, sobretudo, se afasta para ser feliz. Para que reagir si elle não necessita de que esse mundo se adapte a si (querer o que Sorel não conseguiu), elle, que possui um universo só para as suas meditações, tão maravilhoso, tão intimo, como se fôra o seu proprio prolongamento?

O straggler ausenta-se fugindo, as costas voltadas para o nosso mundo, olhando sempre para traz, com uma nova perseguição a todo o momento. Toda a obra de Chaplin é a exposição desse drama sem limites na sua emotividade. De *The Pilgrim* a *City Lights* os seus films todos retratam essa fuga de que ninguem seria capaz. Somente um fraco e maltrapilho corre dos mais fortes e receiam os homens de presença vistosa. Reparemos como Carlito sente-se mal, angustiado, na presença de um senhor de casaca que de modo nenhum podê sympathizal-o (e quando isso acontece é que esse senhor está fóra de si...). Notemos a sua precaução exagerada diante de um mantenedor da ordem: a simples presença de um guarda é um motivo de grandes apprehensões. E' que esse homem de casaca, esse guarda, etc., representam o nosso mundo em suas diversas modalidades, mas sempre com as feições carrancudas de quem não sympathiza. Si o straggler procura a solidão, o alheimento, a murada de um caes, por exemplo, o mundo implacavel, como que notando a sua ausência, procura-o, encontra-o e persegue-o. Ha sempre um trans-torno a annuiar-lhe a solidão consoladora, momento unico que permite esthesiar-se no seu universo, que elle leva dentro de si a todos os logares sem possibilidade de perdê-lo nunca... O seu universo, a unica coisa que lhe explicará o motivo da vida. Não seria admissivel a existencia de um vagabundo tão pobre, (Carlito só trabalha para alimentar o seu mundo, nunca a sua pessoa) se elle não provocasse ou procurasse os seus deliciosos instantes para afogar toda uma angustia que o mundo adverso, lhe sacode no coração por demais emotivo. Que transformação maravilhosa não se teria operado nos olhos commovidos do straggler no close-up ultimo de *City Lights*? Uma transformação de quem se sente feliz que vae da magua á alegria, um alheimento de tudo que o rodeava e que nós adivinhamos porque Chaplin sempre nos deixa esse trabalho de comprehensão e sensibilidade. Chaplin, aliás, nos menores detalhes expõe, aos que o entendem, subentendimentos geniaes: o ponta-pé na estrella de papel na ultima sequencia de *The Circus*; a falta de logar para onde ir, na scena final de *The Pilgrim* — talvez de todas as suas obras o ponto que mais claramente exprime o seu pensamento inicial; o homenzinho, resignado, querendo afoitar-se á tempestade para procurar viveres, sabendo a restricta possibilidade de voltar; aquelles titulos falados opportunissimos de *City Lights*: enfrente a vida! o mundo amanhã lhe sorrirá! — (e cita o seu exemplo: mas a esse ligeiro entusiasmo elle tosse, enfraquecido, contradictorio.)

Chaplin indica nesse ultimo detalhe o grande absurdo que existe nesse enfrentar a vida. O mundo no dia seguinte lhe sorriria, somente a

elle, o *straggler*, porem o seu mundo, differente do outro que elle não comprehende, o qual somente elle (de tão pequeno quase invisivel) tem a felicidade de possuir...

O homem de Chaplin é um anti-revolucionario quanto á intenção, resignadamente pacifico, o opposto a Sorel. E, collocados á preferencia, a quem escolher, Sorel ou Carlito? Nós preferimos o recuo de Carlito ao avango de Sorel. Nesse modo de proceder (Nietszche abominal-o-ia) creado por Chaplin divisamos uma attitudo preparatoria, sem o que o objectivo esperado estaria eternamente numa distancia inatingivel. Si Carlito offerecesse resistencia? Morreria antes de tudo... A fuga emprehendida inconscientemente pelo homem chapliniano é uma immensa apresentação duma sensibilidade sempre orientada para o maravilhoso, para o bello a seu modo. Esse recuo da vida exterior é um manancial constante de esthetica. Esse alheimento do nosso universo traduz-se numa genial attitudo artistica. Está genializado assim um proceder aparentemente de pura fraqueza, de relaxação. O modo de actuar de Julien Sorel ausenta-se de valor predominantemente esthetico e reduz-se a uma disposição louca de animo sem um objectivo de pura criação pessoal. Essa finalidade que falta a Sorel, em Carlito é positivamente a sua existencia, ás vezes incisiva, que faz da obra de Chaplin um todo completo, ou mesmo um perfeito systema philosophico que um insignificante entezinho usufrue, nos momentos precisos, como um remedio providencial. Nós achamos que Carlito possui, senão o elixir da longa vida, pelo menos o philtro que lhe traz a felicidade quando esta lhe foge, o que sempre acontece...

O *straggler* de Chaplin já não se espanta diante do occorrido. Habitou-se de ha muito com os contrastes diarios, com os gestos impulsivos de um ambiente adverso. Acostumou-se de tal modo que nos apparece como uma figura precisa de fatalista. Crê firmemente no que imagina que tem de acontecer, como um predestinado sem solução. Em *Gold Rush* Carlito desde muitos dias que habitava numa cabana, rodeada de neve, em plena tempestade. Vivia com mais dois homens e era necessario que alguém se atrevesse a romper o vento e a neve para buscar alimento a muitas leguas de distancia. Havia noventa e nove possibilidades de não voltar. Tiraram a sorte num baralho. Coube ao *straggler* uma das ultimas cartas mas que comtudo não era a mais baixa. Porem o homemzinho que não ignorava a sua má estrella apromptou-se para a incumbencia terrivel sem procurar saber o que o baralho indicara aos outros. O desfecho dessa sequencia foi uma surpresa para elle.

Si, porventura, o *straggler* affrontasse aquella tempestade vagaria sem destino e o temporal talvez o trouxesse de novo á cabana solitaria, porém sem os viveres, ou o conduzisse a um novo atropelo. Mas de qualquer modo elle não se lamentaria, ao contrario, esboçaria um sorriso á simples lembrança da figura de Virginia, ao grande desaffogo de u'a melguice, numa cela, pelo Natal... De qualquer maneira escaparia daquella tempestade rigorosa.

O homem chapliniano abandonará a vida no instante em que tiver conhecimento do drama que desempenha. Chaplin mesmo já o disse claramente: no dia em que a minha personagem possuir a consciencia do que realmente é, fallecerá. E essa morte, tudo nos leva a assim affirmar, será através de uma grande commoção. Elle não sobreviverá a esse choque inaudito. Por uma questão de principios a ideia do suicidio não nos passa pela memoria, como tambem não ferirá a lembrança emotiva do homemzinho. Como se contrapor a si mesmo elle, que nunca oppoz resistencia ao menor obstaculo? Uma contradicção notaríamos nesse caso, consistente como está todo o delineamento psychologico dessa personagem. Chaplin jamais exhibirá ao seu *straggler* o texto exacto de toda sua vida. O seu humanitarismo recusar-se-á a tanto. Talvez Carlito morra de velho...



NOTAS DE UM ESTUDO SOBRE D. PEDRO II E A ABOLIÇÃO

EDESIO GUERRA

D. Pedro II foi um grande lutador em prol da extinção da escravatura no Brasil. Não foi, pelas circunstâncias, um partidário extremista da emancipação ou abolição extemporanea, mas sempre desejou e trabalhou pela liberdade dos escravos, enfrentando serias oposições.

"Apesar da sorita de Nabuco de Araujo demonstrar que em ultima analyse a Corôa era o unico e verdadeiro poder, immensas restricções soffria este. Como os delgados cordeis que em Lilliput reduzião Gulliver á immobillidade, os laços de mil conveniências politicas e administrativas tolhiam-lhe os movimentos e peavam-lhe a iniciativa. O seu poder discrecionário em muitos casos era apenas apparente". (1)

Grande foi a luta que o Imperador sustentou com varios ministerios afim de conseguir a victoria do seu grande ideal — o Brasil sem escravos. E' bastante ter uma idéa geral do ardor com que se travaram no parlamento as discussões em torno da questão.

A emancipação, ou a abolição, feria de perto o problema agrícola do paiz. A situação em que ficariam muitos fazendeiros não dava logar a um movimento abrupto. Era forçoso contemporizar. O ultimo golpe "só veio em 1888, mercê do character quasi pacifico da sua successão e das cautelas que exigia a organização economicamente agrícola de uma nacionalidade cujas exportações consistiam em productos tropicaes que requeriam o braço robusto do negro africano e do mulato da terra, dadas a extinção gradual do elemento indígena e a insufficiencia do factor portuguez em quem o commercio exercia muito maior, senão exclusivo appello". (2)

"O que é facto, declara Oliveira Vianna, é que os grandes chefes partidários evitavam a principio, systematicamente, já não diremos propugnar pela Abolição, mas sequer alludir incidentemente a ella". (3) E isto porque a abolição iria ferir interesses tanto de conservadores como de liberaes. Até mesmo os republicanos como os paulistas, por exemplo, desejavam que o caso fosse resolvido, com moderação. Ainda em 1867 os liberaes consideravam a abolição como ameaça á riqueza publica. E depois affirma o sociologo brasileiro: "o unico que, neste ponto, não tergiversou, o unico que, com tacto, habilidade, delicada insistencia, representou sempre o papel de "animador" do movimento — foi o Imperador". Sente-se que ninguém mais do que elle estava empenhado em expungir do selo da nacionalidade a macula escravista. Elle deu á idéa abolicionista, por assim dizer, o elemento dynamico da sua propulsão — porque lhe deu o prestigio da sua autoridade e o calor da sua sympathia. Póde-se dizer que lhe deu mais do que isto — porque lhe sacrificou o futuro da sua propria dynastia". (4)

"Admittido, como tem de ser, si se quizer discutir de boa fé, que a extinção da escravidão desorganizaria o trabalho, produziria um abalo formidavel na fortuna publica e privada e encheria o paiz de ruínas, per-

(1) Baptista Pereira, "Civilização contra Barbárie", pag. 37.

(2) Oliveira Lima, "O Imperio Brasileiro", pag. 117.

(3) Oliveira Vianna, "O Occaso do Imperio", pg. 80.

(4) Oliveira Vianna, "O Occaso do Imperio", pg. 82.

gunta-se: podia um chefe de Estado constitucional, oppondo-se ás classes que representavam os interesses conservadores do paiz, decretar de um golpe a extinção do elemento servil? D. Pedro II julgou que não. E sopitando os seus impulsos pessoais esperou pelo momento opportuno", escreveu Baptista Pereira. (5)

Era preciso, pelo menos, indemnizar aos senhores, pois elles tinham fortunas representadas em escravos e a escravatura era considerada como cousa legal. (E' bom assignalar que a historia deve ser estudada, tomando em consideração a época em que se desenrolaram os factos.) Os proprios representantes dos proprietarios no parlamento não tinham coragem, mas sim acanhamento, de confessar a necessidade da indemnização. Ainda em 1884 Saraiva recusou a chefia do ministerio porque julgava que a abolição traria graves consequencias para a economia nacional. E com elle pensavam grandes vultos de então. E a verdade é que, mesmo em 1888, com a lei de 13 de Maio, muitos proprietarios ficaram na miséria.

D. Pedro II foi um inimigo terrivel do trafico de negros. Desde que a lei o prohibiu elle tomou todas as medidas necessarias para evital-o. Os povos civilizados haviam chegado a considerar o trafico como pirataria. O imperador não queria de maneira alguma que as outras nações soubessem que ainda se traficava nas costas do Brasil, tomando medidas repressivas. "Por isso tambem ninguem tomava maior interesse do que o Imperador n'essa questão — foi o trafico que o fez cortar os maiores desgostos do seu reinado — ; elle lia tudo, era o primeiro a indagar de tudo, nenhum incidente lhe escapava". (6)

Até 1854 os escravos eram julgados por um jury formado de senhores. O ministro Nabuco de Araujo, neste anno, baixou um decreto, determinando que no caso de sentença condemnatoria não houvesse recurso algum senão para o poder Moderador, exercido pelo imperador e isto porque "elle via mais garantia para o escravo no recurso ex-officio ao poder Moderador do que n'um segundo jury". "Nada irritará tanto o Imperador como esses conluios de jurados para substituirem a justiça publica pela dos proprios senhores". (7)

Ruy Barbosa, em artigo no "Diario de Noticias de 10 de março de 1889, escrevendo sobre o gabinete de 10 de Março, fez o que elle chamou "a philosophia historica da lei 13 de Maio", affirmando que o throno e o ministerio foram obrigados a decretar a abolição da escravatura, forçados pela attitude do exercito que recusou prender os escravos foragidos e pela vontade da nação que impoz a medida.

"A lei de 13 de maio constitue um trophéu revolucionario; trophéu em que não ha sangue, porque foi arrancado ás consciencias da politica imperial, desarmada pela rebeldia incruenta dos escravos, com o apoio da opinião publica e do exercito brasileiro". (8) "E' a maior de todas as nossas leis, a segunda constituição do Imperio. Diremos mais; é a verdadeira constituição da nossa nacionalidade; porque tudo é provisorio e embryonario em um Estado, que assenta na escravidão". (9) Não se deve "attribuir-lhe o merecimento á corôa", porque "seria esbulhar a nação a verdadeira redemptora".

Elle não quiz reconhecer a grande contribuição da princeza Isabel, que sacrificou o proprio throno pondo a assignatura na "Lei Aurea", reconhecimento que o proprio Joaquim Nabuco fez, na sua conferencia lida perante o Congresso Anti-esclavagista de Paris", em 1900. (10)

Mas foi Ruy Barbosa quem, no artigo sobre o gabinete 7 de Março,

(5) Baptista Pereira, ob. cit., pg. 37.

(6) Joaquim Nabuco. "Um Estadista do Imperio", vol. I, pg. 234.

(8) Ruy Barbosa, "Queda do Imperio", vol. I, pg. 44.

(9) Ruy Barbosa, "Queda do Imperio", vol I, pg. 47.

(10) Joaquim Nabuco, "Escriptos e discursos litterarios".

publicado no dia 7 de Março de 1889 no "Diário de Notícias", deixou perceber claramente que o imperador foi um grande propulsor da emancipação. Affirmou elle que "o paiz legal era absolutamente dominado pelo paiz official; de modo que, se, a mão do rei não tocasse á porta dos destinos da raça escravizada, a propulsão inicial da era abolicionista ficaria de certo retardada, não se sabe para quando". (1) Reconhece que o Imperador tomou attitude decidida em favor dos escravos, utilizando-se mesmo de tão decantado "poder pessoal".

Ruy Barbosa, orador fluente, rico de imaginação, nos seus discursos inflammados ou nos seus escriptos ardentes, nem sempre fez, como é natural nos espiritos exaltados, uma apreciação justa daquelles factos.

Como bem accentuou Oliveira Lima, a abolição no Brasil é comparavel ás conquistas democraticas da Inglaterra, pois neste paiz desde que uma medida se torna precisa mesmo os conservadores tratam de applical-a. E uma prova de que D. Pedro II trabalhou pela abelição surge no facto de que elle foi victima tanto dos ataques dos abolicionistas como dos anti-abolicionistas "por haver, para uns, demorado, para outros, apressado a reforma fatal. Joaquim Nabuco mais de uma vez o castigou em discursos e escriptos como um duro inimigo da liberdade da raça opprimida", enquanto Coelho Rodrigues e o conselheiro Furtado o fustigavam de outro lado. (12)

Foi D. Pedro II quem "em 1850, aos 25 annos de idade, declarava, por occasião de querer Euzebio de Queiroz pôr cobro ao trafico, que preferiria abdicar a manter-se á frente de um imperio repellido pela humanidade" (13)

A historia está ahi para provar cabalmente o desejo que tinha o Imperador de resolver o problema da libertação dos negros. Em 1865 elle suggeria a Pimenta Bueno uns ante-projectos que foram entregues ao Marquez de Olinda, presidente de um ephemero ministerio, mas este trabalho foi posto de lado.

Joaquim Nabuco, escrevendo sobre a emancipação dos escravos, affirmou que a idéa de emancipação surgiu pela primeira vez "nas altas regiões durante o ministerio de 12 de Maio de 1865. Foi em 1886 que Pimenta Bueno "apresentou ao Imperador os seus cinco projectos que se hão de fundir mais tarde na lei de 28 de Setembro de 1871, e esses projectos, essa exposição de motivos, datada de 23 de Janeiro de 1886, suppõe estudos anteriores, meditação, e trabalho aturado de mezes, o que indica que foi em 1865 que Pimenta Bueno emprehendeu a obra". E Nabuco asseverou que tudo foi de inspiração de D. Pedro II. "Pimenta Bueno é o redactor imperial". O momento politico, a politica de Pimenta Bueno, são provas de que o "que exerce influencia, acção, sobre o outro, o que chama a si o outro, é o Imperador". "De Pimenta Bueno não se sabe, antes d'isso, nenhum impulso abolicionista; do Imperador, ha a sua constante attitude (quando não fosse senão de reserva) em relação á escravidão". Falando ainda do ministerio de 12 de Maio de 1865, affirmou que Nabuco (o velho) ficou certo de que o Imperador trabalhava ardentemente para vencer a resistencia dos conservadores em face da escravidão. (14)

Algum tempo depois o imperador respondia ao appello da "Junta de Emancipação Franceza", promettendo trabalhar pela causa da abolição.

Em 1867 D. Pedro II expressou outra vez o seu desejo a Zacharias de Góes e Vasconcellos. Este, no dia 1 de Fevereiro de 1867 "dirigiu a todos os conselheiros de Estado ordinarios uma "confidencial" com os seguintes

(11) Ruy Barbosa, ob. cit., pg. 13.

(12) Oliveira Lima, ob. cit., pg. 119.

(13) Oliveira Lima, ob. cit., pg. 120.

(14) Joaquim Nabuco, "Um Estadista do Imperio", vol II, pgs. 338 a 395.

questitos: "Convem abolir directamente a escravidão? No caso de affirmativa: Quando deve ter logar a abolição? Como e com que cautelas e providencias cumpre realizar essa medida?". Acompanhavam cada uma "confidencial cópias dos ante-projectos elaborados por Pimenta Bueno, por inspiração de Pedro II". (15) Mas a conferencia dos conselheiros não deu resultados positivos.

Ainda em 1867 foi inserida na fala do throno uma referencia ao problema, que suscitou opposição tanto na Camara como no Senado. "Nada, entretanto, demovia o imperador de levar avante a reforma, aliás dentro dos limites da maior prudencia. Constantemente "apertava" Zacharias, e este, por seu turno, "apertava" Nabuco de Araujo, relator da commissão que organizara o projecto, nascido das discussões no Conselho de Estado". (16)

Mas o ministerio Zacharias cahiu e ascendeu ao poder um outro presidido pelo Visconde de Itaborahy. José Wanderley de Araujo Pinho publicou na "Revista do Brasil" uma documentação interessante e opportuna que dá uma idéa bem clara da luta que se travou entre D. Pedro II e o chefe deste novo ministerio. O Imperador condescendeu em que a questão fosse discutida depois da Guerra do Paraguay.

"As disposições do imperador eram decisivas. Elle queria encabeçar o movimento era de opinião que ao governo competia agitar e resolver a questão. Haveria talvez ahí alguma vaidade: á Europa, aos abolicionistas francezes que lhe haviam dirigido uma representação — queria mostrar clara a sua direcção nesse mgno assumpto. Não se conformava em ser, ou parecer, o príncipe que se rendesse ao voto da opinião de seus governados — queria sim ser o imperante que fizêra a libertação dos captivos do seu Imperio, mesmo arriscando o seu throno (com risco de ser "esmagado" como elle proprio o disse numa das conferencias logo descriptas)". (17) Estudando-se attentamente a attitude do imperador não parece que elle se inflasse de vaidade, mas que era sincero.

"O Sr. Wanderley Pinho, com a benemerita divulgação do archivo de Cotegipe, que protocolizou cuidadosamente a discussão do elemento servil no gabinete 16 de Julho, vem entre outras acabar com a lenda de que a vontade imperial não conhecia obstaculos", assevera Baptista Pereira. (18)

D. Pedro II, em carta de Maio de 1870 dirigida a Itaborahy, insistiu pela necessidade de ser feita alguma referencia em torno da emancipação na fala do throno. O resumo das conferencias realizadas nos dias 4 e 5 de Maio de 1870 entre o imperador e os ministros feito pelo barão de Cotegipe é uma affirmativa poderosa da importancia que aquelle dava á emancipação, chegando a declarar que na primeira occasião opportuna applicaria a medida do ventre livre aos escravos da sua Casa. Alguns ministros obtemperaram-lhe que elle não podia proceder desta maneira. "Então S. M. replicou que se não tivesse o direito de dar liberdade aos escravos da casa, renunciaria os seus serviços, e os mandaria para os arsenaes; mas que não se lhe podia contestar esse direito, e que o manteria ainda que fosse á custa da sua dotação", annotou o barão de Cotegipe. (19)

J. W. de Araujo Pinho, commentando as annotações do barão, escreveu: "E" de salientar aquella formal declaração do imperador de persistir nas suas idéas (ventre livre), mas que tambem não iria além, e que se ha-

(15) Evaristo de Moraes, artigo em "O Jornal" do Rio de Janeiro, edição especial do centenario de D. Pedro II, de 2/12/1925.

(16) Evaristo de Moraes, trabalho indicado.

(17) J. W. de Araujo Pinho, "Revista do Brasil", n.º 63, pg. 234.

(18) Baptista Pereira, ob. cit., pg. 38.

(19) J. W. Araujo Pinho, trabalho cit., pg. 240.

(20) J. W. Araujo Pinho, trabalho cit., pg. 241.

via de oppôr até a ultima a que se fosse além". (20) E' possível que até então D. Pedro II se contentasse com o "ventre livre", mas a verdade é que depois da lei de 28 de Setembro de 1871 continuou a bater-se por novas medidas que tendiam á abolição completa.

Mas o ministerio desattendeu ao imperador e a fala do throno de 6 de Maio não disse nada sobre o assumpto. Tornou-se acirrada a luta entre S. M. e o ministerio até que este cahiu devido á resistencia que oppunha aos desejos do imperador, subindo ao poder Pimenta Bueno que esposava as idéas de D. Pedro II. Os seus companheiros de ministerio porém, não o comprehendiam ou não quizeram auxilliar-o e, assim, depois de cinco menses e cinco dias Pimenta Bueno cedeu o logar ao ministerio Rio Branco.

O imperador retirou-se para a Europa, deixando D. Isabel como regente do throno. S. M., escreveu Evaristo de Moraes, soube escolher com tino o novo chefe do gabinete ministerial, pois já conhecia as suas tendencias emancipacionistas. Rio Branco trabalhou muito. "Ninguém ignora a emergencia sobranceira, o esforço infatigavel, o tacto aprimorado, com que elle se houve em toda a porfiosa luta, até attingir á meta desejada: a passagem do projecto em que se consubstanciavam as idéas mais liberaes, no tocante á emancipação, o que se transformou na lei admiravel de 28 de setembro de 1871". (21) A discussão do projecto no Parlamento, especialmente na Camara, evidenciou que a luta para vencer a opposição chefiada por Andrade Figueira, José de Alencar, Ferreira Viana, Paulino de Souza, e outros, foi grande e, portanto, não podia a lei ser obra exclusiva da vontade imperial ou do seu "poder pessoal".

A lei do "ventre livre" não foi respeitada devidamente, de forma que a questão tomou um character francamente abolicionista a partir de 1879. Tornou-se preciso, pelo menos, uma modificação nesta lei e varios ministerios discutiam o caso que interessou bastante ao imperador. "Tudo ia contribuindo para determinar a vontade do imperador, que sentiu, afinal, a necessidade de avançar, no terreno da emancipação, além do que estabelecera a "lei do ventre livre", evitando predominasse, como predominava, o movimento popular". (22)

O conselheiro Dantas assumiu a direcção do gabinete ministerial de 6 de Junho de 1884 e, disse Oliveira Lima, "era o homem indicado para chamar a si o sentimento popular, guiar os moços ao assalto e affrontar as difficuldades por pura ambição de gloria". (23) Subiu o novo chefe ministerial com o intuito de levar adeante a causa da abolição e "o Imperador não só lhe concedeu toda liberdade de acção como lhe prometeu todo o apoio constitucional. Falou-se de um "pacto" entre o soberano e o presidente do Conselho, cujo programma comprehendia além da extinção do trafico interprovincial e da conversão do fundo de emancipação, para o qual só contribuiam os senhores de escravos, numa fonte alimentada por um imposto geral, um artigo novo, que era a libertação incondicional dos escravos sexagenarios". (24) E' facil, portanto, assignalar o desejo que tinha o imperador de ir além da "lei do ventre livre", como já foi assignalado.

Neste mesmo anno S. M. era alvo de ataques formidaveis dos chefes conservadores por ter a camara votado uma moção de desconfiança ao gabinete Dantas. E tendo ficado resolvida a dissolução do Parlamento, esta resolução não foi logo posta em pratica porque era preciso que a Camara votasse "os credits necessarios á administração", desde que o orçamento não fôra votado. Tudo isto era consequencia da ancia do Imperador em vêr resolvida a questão da escravatura.

(21) Evaristo de Moraes, trabalho cit.

(22) Evaristo de Moraes, trabalho cit.

(23) Oliveira Lima, ob. cit., pag. 127.

No dia 28 de Setembro de 1885, sendo presidente do ministerio o barão de Coteigipe, foi concedida liberdade aos sexagenarios. E a onda abolicionista foi-se avolumando até que a 13 de Maio de 1888 foi assignada a "Lei Aurea". D. Pedro II, doente em Milão, ao receber a noticia, segundo é corrente, exclamou: "Grande povo!". O magnanimo imperador sentiu na verdade a alegria de vêr concluida a luta na qual pelejara com tanto ardor.

O movimento parlamentar, através o segundo imperio, demonstra cabalmente o importante papel que coube ao imperador para a emancipação dos escravos brasileiros. Os partidos liberaes sempre têm representantes nas assembléas afim de gritarem, berrarem, e... espernearem. E muitas vezes combatem o adversario de qualquer maneira, sem uma orientação digna.

O partido liberal do imperio, por exemplo, varias vezes appellou para o proprio "poder pessoal" do imperador, "poder pessoal" que era justamente um dos pontos de assestamento das baterias liberaes para combater D. Pedro II.

Joaquim Nabuco, affirma Oliveira Lima, escrevia em 1886 o seguinte: "Aquillo de que accuso o Imperador não é de exercer o governo pessoal, é de não se servir do mesmo para grandes fins nacionaes. A accusação que faço a este despota constitucional e de não ser um despota civilizador, é de não ter decisão ou vontade de romper as ficções de um Parlamento nascido da fraude, como elle sabe que é o nosso, para ir buscar o povo, nas suas senzalas ou nos seus mucambos e visitar a nação no seu leito paralytico". (25)

Mas Oliveira Lima tambem affirmou que neste mesmo pamphleto em que Joaquim Nabuco atacou a attitudo de D. Pedro II, reconheceu "que o pouco que havia sido legalmente feito (pela emancipação) lhe era principalmente devido". (26)

E foi Nabuco mesmo quem, na sua conferencia realizada no "Congresso Anti-esclavagista" em Paris, em 1900, fez estas declarações importantes, como que para expiar os seus excessos de liberalismo no Parlamento: "A abolição do trafico e a emancipação das creanças por nascer foram dois actos exclusivamente politicos, inspirados um e outro aos estadistas — sobretudo ao Imperador, que os sustentou com todo o seu poder, pelas necessidades da situação nacional deante do mundo, pelo gráu, tão adeantado da nossa civilização, e pelo cuidado futuro. A agitação popular, como motor, distincto da razão de Estado ou da consciencia dynastica não começa sinão em 1879 ou 1880". (27)

Joaquim Nabuco disse tambem que "o primeiro e immenso contingente para a obra da abolição não foi precedido de nenhuma agitação, de nenhum sopro que percorresse o paiz, foi resolvido inteiramente na esphera governamental, e a influencia maior que o quiz e que o determinou, foi incontestavelmente o Imperador". (28)

André Rebouças, um dos mais intrepidos abolicionistas e grande amigo do imperador, escrevendo a este em 13 de Maio de 1892, quatro annos depois da "Lei Aurea", rememorando a abolição, dizia: "Em 1880 começa a Propaganda Abolicionista. Nós, tribunos ardentes, só tínhamos uma certeza e uma esperança — o Imperador". (29)

Baptista Pereira asseverou e com muita razão: "A historia da Abolição no Brasil é a historia do Imperador". (25) Julga este escriptor que

(24) Oliveira Lima, ob., cit., pg. 127-128.

(25) Oliveira Lima, ob. cit., pg. 63.

(26) Oliveira Lima, ob. cit., pg. 64.

(27) Joaquim Nabuco, "Escriptos e discursos litterarios", pg. 266.

(28) Joaquim Nabuco, "Escriptos e discursos litterarios", pg. 271.

(29) Joaquim Nabuco, "Minha Formação", pg. 237.

D. Pedro II errou por não "tel-a feito muito antes, custasse o que custasse, contrariasse a quem contrariasse, resistisse a quem resistisse", como si tudo dependesse exclusivamente da vontade imperial, quando a verdade é que elle não podia proceder dessa maneira, desde que o Brasil era uma monarchia constitucional representativa e as leis, portanto, não dependiam unicamente do Imperador.

Era preciso vencer a resistencia parlamentar e resolver a questão de maneira que não acarretasse uma terrivel crise economica. Assim pensava D. Pedro II, e com elle concordavam grandes pensadores politicos da época.

ASPECTOS DA MUSICA MODERNA

DIEGUES JUNIOR

Desde o classicismo, passando pelo romantismo e chegando até o modernismo sempre teve a musica a tendencia de acompanhar o movimento social. Como todas as artes, aliás. Tudo aquillo são nomes convencionaes, dados a grupos de artistas que viveram naquella meio, naquella epoca.

Bach tanto foi classico no seu tempo como poderia ser moderno hoje. Se elle vivesse agora não escreveria mais o seu "cravo bem temperado". Iria escrever um "Rugby" ou coisa parecida.

Aliás tanto se sente o modernismo bacheano da "Fantasia chromatica", como o classicismo do "Tombeau" de Ravel em cuja obra Jean Cocteau encontrou tudo que pode encontrar um ouvido pelo lugar significativo que elle dá aos graves e agudos. Aquelle foi classico, isto é viveu numa epoca de classicismo, de regras, de puritanismo mental. O outro não. E' de um seculo de energia, de dynamismo, de agilidade mental.

A musica moderna, portanto, reflecte o movimento social de hoje. Esta a sua principal tendencia. E outra não poderia ser.

Somente o romantismo ainda tem algum reflexo na musica de hoje. Quasi desaparecido elle apenas procura voltar á tona, como se influencia de então valessem hoje. Muito embora um espirito elevado como Debussy procura inspirar-se em Chopin. Ou um talento novo como Aurie inspire-se no classico para exprimir-se modernamente.

Dahi uma observação muito interessante e muito justa de Louis Laloy no seu livro de recordações musicaes "La musique retrouvée". Diz elle que o progresso da musica moderna é de haver reintegrado ao lado da nota o som. Dentro dessa affirmacão pode-se encontrar um espirito genial, moderno pela technica de sua arte, porém, classico pela expressão que lhe deu. Refiro-me a Wagner. Houve mesmo quem o considerasse precursor da musica moderna. Já no seu tempo a sua "musique de l'avenir" soffria o que actualmente soffre a musica moderna dos hoje intransigentemente wagnerianistas... O critico russo Wladimir Stassof escrevia então a Berlioz que a musica de Wagner era um amontoado de coisas banaes, falta de gosto, etc. O mesmo que actualmente o sr. Oscar Guanabario diz de Villa-Lobos.

Porém, vamos mais de perto encarar a musica moderna.

Quando Henri Collet referiu-se numa chronica musical aos cinco russos e aos seis francezes, abriu-se a tendencia mais no-

va musica moderna. Era o eclectismo das chamadas escolas.

Só os nomes mostram o valor da gente dos seis — Darius Milhaud, George Auric, Poulenc, Arthur Honegger, Durey e Germaine Tailleferre. Esta a menos revolucionaria. Mais chegada á tradição de Fauré, Debussy e Ravel. Todos francezes, menos Honegger que é suíço.

Para que conhece a musica desse grupo, o eclectismo é evidente.

Ao lado do espirito sensual de Poulenc, a pureza religiosa, mystica de Milhaud. De par com as construcções em som musical dos ruidos mecanicos de Honegger, o tradicionalismo de Tailleferre. De fora outros nomes apparecem. Strawinsky, Respighi, Erik Satie, Russell, Prokokieff, etc.

Do grupo russo a influencia no modernismo foi forte. Tão forte que levou o sr. Renato Almeida a dizer — “não se pode explicar Debussy sem os russos principalmente Monssorgsky, o mais forte, o mais livre e o mais humano nessa magnifica floração.”

Refere-se o escripto de “Historia da Musica Brasileira” nessa “magnifica floração” ao quintetto formidavel de Balakirew, César Cui, Mussorgsky Borodine e Rimsky-Korsakoff.

Estes, porém, ainda não são os modernos da Russia. São o que se poderia chamar uma geração prémoderna. Nella brotavam as primeiras raizes do modernismo actual que tende a se aperfeiçoar cada vez mais dentro das tendencias da vida moderna.

Os mais novos são Strawinsky, Prokofieff e outros.

A proposito do primeiro um critico interessante o sr. Boris de Schlovezes escreveu um livro magnifico. Aprecia toda a obra de Strawinsky, estudando os aspectos que ella tem na musica russa. A obra de Strawinsky é dividida em duas partes: antes e depois de **Pulcinella**. Antes é a epoca em que o genio russo abraça os motivos da canção popular do seu paiz. Depois o compositor procura crear outros typos. E' quando na musica strawinskyana se nota a sua syncope typica, muito rara na canção russa. Schloezer affirma muito bem, como numa synthese magnifica da obra de Strawinsky, que elle é *le plus genial créateur de rythmes que ait jamais existé*.

Quem tenta escrever sobre os aspectos que tomou a musica moderna não pode de forma alguma esquecer os bailados russos. Não são propriamente arte nova. São no entanto uma das tendencias mais interessantes da choreographia moderna. Diaghilow soube com a grandiosidade do seu espirito reunir musica, cor, dansa, num sonho que elle foi buscar na Russia para tornar realidade.

De qualquer forma, no entanto, podemos encontrar nos

bailados russos a mais sincera beleza musical: a liberdade artistica.

Não foram somente par ao palco em dansa, cor e som, o "Rouxinol", de Strawinsky, nem o "Mercurio", de Satie. Mas ainda "la boutique fantasque", de Rossini, arranjada e orquestrada pelo genio novo de Respighi, com costumes e decorações de Dérain e choreographia de Massine. Ou então "Papillons", de Schumann, orquestrada por Tcherepuine e choreographada por Fokine.

Tudo isso dentro de um espirito reader novo.

E tão perfeita esta arte se tornou que levou Émile Henriot a affirmar: les Ballets Russes ont exercé une vive et profonde influence sur une époque de ce siècle.

E ahi pode ficar a mais real affirmação sobre os Bailados Russos. A melhor e mais eloquente beleza das creações assombrosas de um Korsakow, um Borodine ou um Strawinsky.

E o jazz? este é o representante mais puro da musica negra. O termo que é muito novo, dá explicação a uma orchestra interessante em que os instrumentos podem glissar de um tom a outro. Assim o explica Clemente Lozano. E acrescenta que ninguem melhor que os negros, pode escutar estes glissandos, utilizando os instrumentos para lhes tirar efeitos originaes de percussão.

O jazz encerra a originalidade de uma formula musical que differe de qualquer outra. No jazz não é sinão o executante que toma o papel principal, dando á musica executada interpretação de modo a collocar o compositor em segundo plano.

Esta a these geral que Panassié desenvolveu em interessante artigo para "Grand route", julho de 1930.

A execução é que dá toda beleza á musica do jazz. E é por isso que lhe ouvimos com interesse. De outro lado o jazz teve a originalidade de apresentar instrumentos de efeitos magnificos. O saxophone, por exemplo, de uma vasta riqueza em sonoridade. E a variação com que podem ser utilizados os instrumentos, forma no jazz uma orchestra caracteristica e sobretudo curiosa.

Pode-se distinguir na musica de jazz dois modos de interpretação. (Já explicámos que a interpretação é tudo no jazz). A interpretação *straight* e a *hot*. São termos americanos difficeis de tradução portugüesa como o são tambem no francês. Explica-se porem a significação dos termos — tocar *straight* é tocar corectamente, sem se afastar uma linha do texto musical. *Hot* é a interpretação em contrario. Isto é, mais pessoal, fugindo ás vezes do texto musical para tornar-se mais fantasta. Aqui e ali improvisações ao acaso em que é fertil a in-

telligencia negra. Em resumo, **hot** é a interpretação pessoal, enquanto **straight** é a mais estritamente musical.

Ambas, porém, procuram dar belleza á musica interpretada. E este é o seu fim.

O jazz **hot** se torna mais interessante porque apresenta a inspiração dos executantes na originalidade dos improvisos. E a sua superioridade ao **straight**, sob o ponto de vista de ser original, é indiscutível. Constatam-n'o todos quantos estudam o assumto. O jazz é, na musica moderna, uma expressão feliz da intelligencia negra. Elle, além de ter trazido uma revolução á musica, trouxe toda a belleza de uma arte nova, original e pura, muitas vezes.

A musica moderna tem assim as mais expressivas tendencias. Procura a realidade da vida que se pode sentir no mundo de hoje. A musica que os românticos negaram. E que os classicos procuraram aperfeiçoar.

As varias tendencias que a musica de **après-guerre** tomou enveredaram-n'a por um caminho mais largo, mais perfeito e mais livre sobretudo, sem apego a escolas e a doutrinas.

Justo, aliás, tudo isso. Reflexo social como creio serem as artes, a musica, na sua tendencia de então, só poderia ser o que foi.

E hoje só poderá ser o que é.

COMO EU COM- PREHENDO CHAPLIN

DANILO LÔBO TORREÃO

Os filmes de Chaplin não se discutem, porque são obras primas e realizações de um genio — é uma verdade.

Mas... há certas coisas que obrigam a gente a pensar, discutir, tornar a pensar, e não encontrar uma solução satisfatória para as mesmas.

Foi mais ou menos o que se deu commigo, quando da exhibição de *City Lights*, la dernière éxtase artistique de Charlot...

Eu continuo a achar Charles Spencer Chaplin um genio incomparavel.

O meu prezado amigo Evaldo Coutinho continúa tambem a achar. E é precisamente com Evaldo que eu vou tentar me esclarecer. Na nossa palestra sobre *City Lights* houve um punhado de coisas que eu, por mais que quizesse, não consegui fazel-o comprehender. Ou porque elle não me entendia, ou então porque eu não sabia como me explicar com clareza. E isso é o que é mais provavel.

Dá-se, porém, o seguinte: Confesso que ao tempo de *Gold Rush* e *The Circus* eu quasi não me interessava pelo cinema. Veio *City Lights*. Fui ver o film umas dez vezes. E, pela ultima vez, descobri em Chaplin duas coisas que antes não havia sequer pensando, quanto mais descoberto:

a) Chaplin — será melhor dizer Carlito — não é humano. Sem deixar de ser um typo. Um typo humano deformado. E' comico;

b) Porque Chaplin — agora é Chaplin mesmo — quasi não emprega o primeiro, o primeirissimo plano, ou seja, o *Close Up*.

* * *

a) Carlito é um typo.

Eu disse isso num artigo para o ultimo numero da Revista, acrescentando que todo o valor da obra de Chaplin era Carlito. O typo Carlito.

E fui logo atacado por muita gente, inclusive Evaldo, que não via na gigantesca obra chapliniana unicamente o typo Carlito.

Mas ahi está *City Lights*. *City Lights*, que, como não podia deixar de ser, é o maior film do anno, o maior film destes

ultimos annos, está saturado de letreiros, inclusive uma bôa duzia de sub-titulos. O scenario é de continuidade banal, limitando-se a um rythmo puramente descriptivo. E no meio de tudo isso, uma enorme banalidade — a scena da folhinha voando — que foi motivo, aliás justo, para Evaldo quasi que desclassificar **O Anjo Azul** de Sternberg, mas que em Chaplin admittiu.

Pois bem. Eu tambem estou de accordo com elle nisso. Mas acrescento: **City Lights**, com o seu scenario banal, com a sua scena banal da folhinha, com o seu numero elevado de letreiros, com a sua quasi ausencia de primeiros planos, tem uma enorme, uma indiscutivel grandeza, unica e exclusivamente porque o que prevalece em Chaplin é o typo Carlito.

Em Chaplin, pouco importam as chamadas qualidades cinematographicas, a marcha do cinema d'avant garde. (Todo o mundo sabe que o cinema russo é hoje o maior de todos. E que esse mesmo cinema tende para o **documentario** absoluto. Ausencia de historia e complicação psychologica de romance. Dissolução do artista. Cinema Visual. Dominio da Imagem. Cerebração. Alem disso, os scenarios dos films russos submettem-se ás mais arrojadas theorias de enquadração, como a theoria do **montage**, de Pudowkin, onde se constróem **efeitos** e não **scenas**. Onde as imagens são dósadas devidamente, afim de poderem reagir umas com as outras, fugindo, assim, a todas as regras de scenario pre-estabelecidas e portanto, com mais razão á continuidade.)

Ora, não se admitte em Chaplin nenhuma dessas tendencias do cinema actual. Emquanto que o cinema, á sombra de Pudowkin, Eisenstein, Protazonoff, Dziga Vertov, Taritsch e outros creadores, caminha para a sua independencia absoluta, annullando o artista e a interpretação, dando cabo das historias, seus entrecchos, seus **happy ends** e todo o seu exercito de convencionalismos, Chaplin continúa no enrêdo.

Charles Spencer Chaplin — o mais perfeito dos homens — é Carlito, na forma em que nós o achamos genial e innenarravel. E Carlito precisa da historia, da interpretação. Nos seus films não há **happy ends**. Mas há **sad ends**. Chaplin poderia abandonar o banalissimo scenario-continuidade. Diminuir o numero de letreiros nos seus films.

Mas não é preciso. Porque o que prevalece é o typo Carlito. (Eis porque depois de tudo isso, eu vejo desenharem-se nitidamente na trajetoria do cinema dois caminhos certos: o Cinema e o CinemaChapliniano. Um, seguindo a orientação da U. R. S. S., e o outro, vivendo em Chaplin. Mas isso já é outro artigo e é melhor fechar o parenthesis.)

Vamos á segunda parte da primeira coisa que eu descobri em Chaplin: Carlito não é humano. E' deformado.

Carlito é comico. Não é um typo humano possivel.

Eu não pensava assim. E Evaldo pensa como eu pensava. (Digo mais uma vez que em **City Lights** foi que eu comecei a comprehender um pouco o genio de Carlito. Devia tel-o comprehendido no minimo desde **Gold Rush** e **The Circus**. Entretanto, si assim fosse eu não me aventuraria a este artigo, levando em consideração a primeira phrase do mesmo.)

Não sei si Evaldo considera Carlito comico — é preciso attender á verdadeira significação da palavra comico aqui — e ainda um typo. Mas o que elle considera e eu não admitto é que Carlito seja eminentemente humano. Para mim (não garanto si estou realmente com a verdade. Mas é o que se me affigura nitidamente. A gente pode falhar em tanta coisa, quanto mais em materia complexissima como é Chaplin) para mim, Carlito é um typo humano deformado, como já disse. Tem alguma coisa de individuo (typo humano) e tambem muita coisa de comico (deformado).

Prova: (ou melhor, aquillo que me parece prova.)

1) O seu aspecto physico (maquillage exagerada, lembrando clown.)

2) O que elle faz. Movimentos não-possiveis para serem cabalmente humanos. Há em **City Lights**: a scena em que Harry Myers derrama a garrafa no cós da sua calça; o gato que derruba uma vasilha na cabeça de Carlito; a campa a tocar, enrolada no seu pescoço; a sequencia inicial, da estátua; a scena anterior á luta de boxe, onde Carlito não pode satisfazer certa necessidade, tirando para isso as luvas e se dirigindo afinal a uma fonte dagua corrente; e outras deformidades e efeitos puramente comicos, mas nada logicos.

Eis porque Carlito não é humano, para mim.

* * *

b) Porque Chaplin quasi não emprega o primeiro, o primeirissimo-plano, ou seja, o Close Up.

Carlito é Carlito.

E, como typo, precisa de historia e de interpretação.

Vimos como a grandeza do typo Carlito sepultava completamente as qualidades cinegraphicas que os seus films podiam reclamar.

Mas... Carlito vive da pantomima e da expressão. E a pantomima e a expressão só podem viver no cinema, com o primeiro plano. Eis porque o plano morto e uno do theatro foi a causa do seu fracasso como arte.

Mas o que eu verifiquei foi que, sem desconhecer estes principios, Carlito quer fazer valer sempre a sua figura completa. Emquanto o cinema emprega cabeças somente, ou mãos, ou pés que andam, e ainda todos os detalhes descriptivos e psychologicos, mostrando apenas aquillo que é necessario para uma boa comprehensão do publico, como a obra prima de Dreyer, a **Paixão de Joanna D'Arc**, quasi toda mostrada em cabeças; emquanto o cinema prosegue assim, Carlito emprega o seu typo completo, fugindo, assim, ao **Close Up**, á expressão mecanizada do seu rosto.

E dahi foi que eu concluí que Chaplin considera sempre de enorme importancia mostrar Carlito com todas as partes que o compõem.

E uma prova disso está na grande significação que hoje attingem os elementos componentes da sua estrutura:

A cartola;
O terno rôto;
O par de botas;
E a bengalinha.

* * *

Toda essa tendencia chapliniana de recuar ante o **Close Up**, serve ainda para trazer á baila o motivo por que elle não se aparta da continuidade descriptiva, hoje tão banal.

Si Chaplin, por exemplo, tem em vista um symbolo qualquer, não o focaliza em primeiro-plano. — Limita-se e contenta-se em mostral-o no meio do shot a que elle deve estar ligado.

Tiram-se dahi duas conclusões:

Primeira: Chaplin é demasiadamente sobrio. Tão sobrio que não se serve da theoria do **montage** nem de outras formas transcendentaes de enquadração. Tão sobrio quanto a sua decantada ingenuidade de Homem e de Heróe.

Segunda: Os symbolos chaplinianos são excessivamente simples. Além da maneira simples pela qual são mostrados, todos elles vivem e existem dentro da acção, isto é, dentro do **shot**, da scena, sem exceder os limites topographicos em que se desenrola.

Em **Tempestade Sobre a Asia**, Pudowkin, por exemplo, foi buscar num differente plano topographico uma arvore agitada-dissima pelo vento, que symbolizasse o estado de espirito do individuo, e ainda um poente para symbolizar a morte.

Chaplin, creio, nunca fará isso, porque o seu symbolismo é simples como a sua personalidade e o seu typo (leit-motiv de toda a sua obra) pode perfeitamente dispensar — porque não vive d'elle — o **montage** complicado.

* * *

Agora, para terminar, a questão do symbolismo de Chaplin, que eu sinto existir, que eu vejo como uma realidade, e que Evaldo nega cabalmente. São palavras delle: Chaplin nunca empregou um symbolo.

E' preciso explicar — e eu mesmo faço questão — que em cinema cada scena é um symbolo. Um symbolo simples, vamos dizer assim. Isto é, a imagem physica age como symbolo do sentimento que ella mesma desperta. E portanto, cada imagem tem a sua significação, o que é logico.

O symbolo composto, que é o que nos interessa, e que sem duvida foi o maior motivo da discordia entre mim e Evaldo, é muito mais complexo.

Chama-se geralmente de symbolo em cinema a uma conclusão immaterial e rythmica a que o cerebro chega com a aproximação de duas idéas (duas imagens) que, isoladas, são simples unidades scenicas, mas que juntas, determinam e creãm, em virtude da associação de idéas, essa conclusão ou symbolo propriamente dito.

Assim, o symbolo completo, compõe-se de tres elementos: duas idéas (encerradas em duas imagens), com traços de semelhança entre si, e uma terceira idéa, ou conclusão. As duas primeiras idéas são materiaes e a terceira immaterial — porque é conclusão do espirito.

O symbolo tem como suporte basico a associação de idéas. E parte do material, do sensivel, para o immaterial. Sendo o symbolo uma conclusão que se tira com a aproximação de duas idéas, tem elle, portanto, grande analogia com o syllogismo, nesta parte interessantissima da Logica. E para provar que o symbolo só vem a existir, só vem a se fazer sentir quando a aproximação das duas imagens é realizada, basta considerar cada um desses elementos em separado. Tomemos um dos exemplos mais banaes de symbolo em cinema:

2) — Uma vela se acaba aos poucos no castiçal.

1 — Uma creatura vae morrendo aos poucos;

Ou sejam: A e B.

Vela que se acaba pode comportar, entre outras, a idéa de morte que vae chegando. O doente morrendo (que é a imagem basica A, idéa no caso já completa) não comporta ou não deve comportar idéa nenhuma a não ser a que mostra abertamente — morte que chega.

Assim:

A — Creatura que morre.

B — Vela que se acaba.

A imagem A nós a podemos chamar de imagem Basica, || ||

Completa. Isto é: uma idéa que pode comportar associação, mas uma associação que não nos serve, e de que não nos utilizamos. A segunda imagem, **B**, nós a podemos chamar de imagem Accessoria, incompleta. E' das idéas que ella comporta que nós vamos tirar uma (uma só) que será a idéa **X**, o symbolo procurado.

A escolha dessa idéa **X**, entre a verdadeira multidão de idéas que a idéa **vela que se acaba** comporta ou pode comportar, será facil de fazer, pois a conclusão que a gente tira della terá sempre que combinar, que formar um rythmo, com a idéa **A** — no caso, como já foi dito, completa.

Assim:

A — Creatura que morre.

B — Vela que acaba.

X — Conclusão (symbolo) ou reafirmação da idéa **A**.

Como eu disse acima, o symbolo só se faz sentir quando a approximação das duas imagens é realizada.

Com effeito: A imagem **A** precisa da imagem **B** para formar o symbolo. Ella pode viver sózinha, porque é completa, embora deixando de encerrar symbolismo. Ao passo que a imagem **B**, que é incompleta, não pode viver por si só, pois, isolada, não teria significação nenhuma. E' da reunião de **A** e **B** que se encontra, que se conclúe o symbolo **X**.

Para provar o que foi dito, consideremos que a camera focaliza a imagem **A** numa sequencia, e depois de algum tempo, noutra sequencia, a imagem **B**. A conclusão logica que dahi se tira é que nem uma nem outra scena encerram o mais tenue vestigio de symbolismo, sendo **A** uma imagem simples — um symbolo simples e **B** uma imagem deslocada. Ao passo que si as approximarmos o symbolismo surge exhuberantemente.

Para resumir, convencionemos e seguinte, que deverá agir como synthese de tudo o que foi dito:

b, b', b'',... Idéas que a idéa **B** comporta;

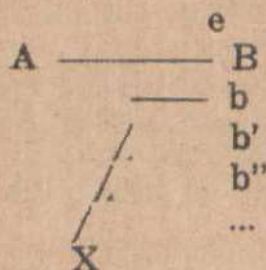
————— Signal que indica a aproximação das duas imagens;

§ Signal que indica a separação das duas imagens.

E temos:

A	§	B
		b
		b'
		b''
		...
	X	

(não existe)



(existe)

NOTA: *b* é a idéa de morte que chega que a idéa *B* comporta.

FORMULA DO SYMBOLO:

$$A + B = X = b.$$

Parece-me que esta theoria do symbolo — como eu a comprehendo — ficou mais ou menos explicada.

E uma vez explicada, vae, por isso mesmo, servir para o caso do symbolismo chapliniano, que Evaldo Coutinho nega e eu affirmo.

O symbolo da rosa desfolhada, no final de *City Lights*, por exemplo. A situação é a seguinte: Como a joven céga, amparada por Carlito, visse, ou melhor, O visse, toda a sua illusão a respeito d'elle parecia desfeita. E o vagabundo, ao encontral-a, tem á mão uma rosa que se desfólha ao mesmo tempo que ella o fita.

Evaldo julgou que a rosa se desfolhando fôsse apenas um motivo para que ella lhe offerecesse uma outra, ainda fresca.

Estou de pleno accordo com isso, excepto quanto ao apenas.

Não é por que o symbolo deixa de existir. Repito o que já disse: os symbolos chaplinianos são excessivamente simples. Além da maneira simples pela qual são mostrados, todos elles vivem e existem dentro da acção, isto é, dentro do shot, da scena, sem exceder os limites topographicos em que se desenrolam.

E' pois, justamente o caso do symbolo da rosa desfolhada, onde *A* e *B* (*A* — encontro e desillusão *della* deante *delle*; *B* — rosa de desfolhando) estão, vamos dizer, sobrepostos numa mesma scena, resultado muitissimo logico da decantada Sobriedade chapliniana.

GERAÇÃO NOVA

ALVARO DE BARROS LINS

Ainda ha quem afirme que a ultima geração é a que começou a pensar com a guerra. E apesar de quasi duas dezenas de anos o *après-guerre* ainda é o ponto de apoio de que se servem os pensadores para situar os multiplos movimentos de intelligencia.

Efetivamente a guerra transformou e quasi mudou a antiga concepção de equilibrio que o Renascimento provocara, com a apparencia de estabilidade.

A Idade Media (parece-nos inutil falar sobre o conceito insustentavel da longa noite) havia realizado uma ordem social que trouxe, como consequencia uma paz absoluta para os espiritos.

A sociedade sentia que tinha base e tinha ponto de partida para um progresso crescente.

Possuia, sobretudo, uma intensa força espiritual que faltára, ás duas civilizações da antiguidade classica.

Economicamente, nenhuma palavra é mais edificante, do que aquele depoimento insuspeito de Karl Marx, sobre a vida segura e feliz dos trabalhadores de Inglaterra.

A Igreja conseguiu firmar uma situação sem inquietações e movimentos inuteis. Essa mesma Igreja, aliás, que "traz uma doutrina para a alma e outra para o corpo", como escreveu o sr. Gilberto Amado, num dos seus momentos de honestidade e sinceridade intelectual. E acrescentou: "Pode-se divergir dessa doutrina e não aceitar essas soluções. Mas fica-se a admirar esse roteiro firme de linhas retas que marca na inquietação contemporanea, em meio de tantos escombros, o seu caminho iluminado pelo céu." (Gilberto Amado, *O Jornal*, de Jan. de 1930.

E, com a reabilitação da Idade Media, que a semi-cultura, mais nociva do que a ausencia de cultura, deturpara conscientemente, nós chegamos á conclusão de que o catolicismo não é aquele sinal negativo á força ou á virilidade, como Nietzsche afirmava. Ao contrario, êle tem sido um sinal positivo a todos os sentimentos puros e fortes.

O homem da Renascença, pagão, livre, desordenado, veio porem, destruir a obra unitaria da Idade Media, provocando o desequilibrio contemporaneo. Sem o controle de uma força interior êle se sentiu livre para todos os movimentos e todas as conquistas.

"Dessa Renascença surgira um homem novo com um novo

modo de pensar e sentir." (Paulo Prado, *Retrato do Brasil*, pag. 11, 4.^a edição.)

E este homem novo trazia consigo dois impulsos dolorosos: "a ambição do ouro e a sensualidade livre e infrene, que, como culto, a Renascença fizera resuscitar. (P. P. — ob. cit.)

O Renascimento foi, assim, uma liberdade perigosa para tudo, fazendo surgir o egoísmo e o individualismo, no que êles têm de mais terrível.

Os choques naturaes, nessa instabilidade crescente, se ergueram, assustadoramente, para culminar na catastrophe que foi a grande guerra, desmoronando tudo o que havia de superficial, de artificial, na civilização que a Europa ostentava como imutavel.

A guerra foi bem aquele terrível apêlo á realidade, de que nos fala Tristão de Ataíde, e que iniciou uma nova era.

Surgiu um homem diferente. Aquêla formula inquiêta e insatisfeita de Marcel Arland define perfeitamente a epoca. Mas do que a insatisfação de qualquer sistema e a angustia ante a ausencia de um sistema, éla mostra a procura do eu, do **homem interior**, que se havia esquecido totalmente.

Este o pensamento da primeira geração de *après-guerre* que culminou no grupo confuso e desordenado de "L'Esprit", com Pierre Morhange, Lefevre, Friedmann, distanciado, no entanto, da revolução anarquica de Aragon.

Mas a verdadeira geração nova tem um ideal mais amplo, mais perto de Deus. Os néo-espiritualistas substituíram a angustia e a duvida por um sentimento forte de renuncia, de sacrificio.

Paul Prist atirou, ha pouco, á Europa uma pergunta angustiada: "Que veulent les hommes d'aujourd'hui, les hommes jeunes surtout, appartenant aux générations nouvelles, les moins de trente ans, qui sortaient à peine des langes quand leurs aînés, épuisés, revenaient des champs de bataille? Que veulent-ils?" (*La Revue Belge*, n.º de 1 de Out. de 1931.)

O grande pensador belga terá uma resposta firme na obra desse admiravel redivivo que é Jaques d'Arnoux. Encontrará na **Ação Francêsa**, chefiada, magnificamente, pelo restaurador da doutrina do Doutor Angelico.

A verdadeira geração nova traz todas as afirmações. E' preciso para o mundo uma ordem social, semelhante á ordem natural. Renunciar a todas as facilidades e sentir o gosto extranho e profundo de todos os sacrificios.

"Os exemplos que veneramos só têm beleza pelo que comportam de sacrificio". (Marcel Arland.)

Saindo do movimento europeu vamos vêr o que a guerra trouxe para a nossa terra.

Olhando o Brasil, com totalidade de vistas, nós, que surtimos, que começamos, poderíamos gritar, como George Philippe Friedmann, numa justa atitude de revolta: "Eis o que se ofereceu aos nossos vinte anos."

Uma formação infantil deturpada pelo laicismo criminoso. Uma inversão absoluta de valores. Total ausencia de hierarquia. Desequilíbrio social e politico com p pequeno.

Paulo Prado apresenta a Guerra e a Revolução como remedios capazes para tantos males.

Da guerra de 14 nós não tivemos a sensação fisica e a participação moral veio, apenas, pelo reflexo.

Se tivéssemos participado, como agentes, concorriamos, tão sómente, para o progresso do imperialismo inglês ou norte-americano, sem um resultado direto.

Da Revolução já tivemos uma experiencia. O Brasil precisava de transformações sociaes e economicas. Deram-lhe, ao contrario, uma revolução meramente politica, de partido contra partido. A revolta de outubro de 930, com toda a sua demagogia, falhou, portanto, pela base. E teve uma desvantagem a mais: abrir logar a infiltração comunista, orientada pela politica de Lénine, de tirar o maximo partido das revoluções burguesas.

O nosso *après-guerre* foi, apenas, literario. Sem que, concomitantemente, o Brasil caminhasse.

O sr. Graça Aranha iniciou o movimento com o manifesto de pregação modernista e de rompimento aos moldes academicos.

A balburdia tão grande permitiu que êle fosse comparado, inexplicavelmente, ao manifesto supra-realista de André Breton.

Graça Aranha teve apenas o gesto forte de doutrinador. A sua alma estava velha de mais para comprehender a alma imensa e angustiada da mocidade que estava ao seu lado. Quasi ao mesmo tempo, surgia o grupo de S. Paulo. A "Klaxon" foi o cartel de desafio á mentalidade academica e o centro de irradiação do movimento modernista. Mario de Andrade realizou depois o que pregara, com a "Paulicéa Desvairada", o primeiro livro moderno que publicou no Brasil.

Ambos os grupos ofereceram-nos, porem, arte mutilada, uma realidade incompleta.

Faltava-lhes o Espirito, no sentido integral e tomista da palavra.

E é este Espirito que a nossa geração pretende recolocar

no seu devido lugar. Geração caracterizada, antes de tudo, pelo sacrifício.

O sr. Octavio de Faria, com seus vinte e poucos anos, representa perfeitamente este pensamento, quando coloca o sofrimento, como ponto de partida a uma obra de salvação nacional.

"E' nossa obrigação avançar logo contra esse mêdo que temos de tudo que de longe ou de perto lembra privação ou dôr." (*Machiavel e o Brasil*, Otavio de Faria, pag. 178.)

Está, portanto, lançado o nosso programa de ação. Já nos sentimos cansados do exterior. Precisamos suscitar o estudo do eu, vermo-nos, por dentro. Substituir o gosto facil da felicidade aparente pelo sacrifício e pela renuncia.

Temos necessidade de refletir, profundamente, sobre aquele conceito altamente humano de Foerster: "Não ha verdadeiro amor, sem grandes sacrificios; não ha comunidade sem renuncia a si mesmo; não ha progresso social sem luta heroica contra o egoismo." (*Ensino Religioso e Ensino Leigo*, P. Leonel Franca, pag. 32.)

Cada um fique seguro do seu sofrimento, do seu destino, sem competições absurdas.

"O primeiro principio a pôr em evidencia, é que o homem deve aceitar com paciencia a sua condição." (Leão XIII, *Rerum Norearum*.)

A alteração desse conceito trará a desorganisação e a anarquia.

A sua compreensão e execução integral trarão, ao contrario, a ordem e o equilibrio para o Brasil.

Deante do dilema a geração nova não vacilará.

A margem de Chaplin

O meu brilhante amigo Danilo Lobo Torreão pertence á classe daquelles que lamentavelmente oppõem serias restricções a Chaplin, confundindo-se, como demonstrei num artigo sobre o homem chapliniano, com os que não o levam em conta.

As primeiras objecções que apparecem no trabalho "Como eu comprehendo Chaplin" são de tal natureza que a gente não fica bem a commodo numa defesa, porque o caso exige toda uma longa explicação detalhada sobre o que representam Chaplin e Carlito. E isso implicaria numa serie de grossos volumes. Foi a affirmação de que Carlito não é humano que me levou a umas ligeiras considerações em torno desse homem chapliniano. Eu creio que ahí existirá o sufficiente para forçar o meu brilhante amigo a desdizer-se.

Mas essa questão assume um aspecto mais grave quando Carlito, deixando de ser "humano", surge unicamente como um "typo". Carlito é um typo. — Affirmativa que é o resultado logico de quem desconhece o que ha mais além, o que certamente representa tudo.

O sr. Danilo Lobo Torreão num artigo sobre a lei cinegraphica dos typos (lei cuja existencia eu daqui nego,) no numero anterior de Agitação, salienta o typo de Carlito como o valor maximo de Chaplin. E voltando agora a repetir esse conceito infeliz, mostra a sua intransigencia que, é de crer, não permanecerá mais a borrar-lhe os conhecimentos em materia perigosa de cinema.

A adoptar o seu ponto de vista, concluir-se-ia que uma simples indumentaria de maltrapilho fosse a finalidade de um genio cujas obras "não se discu-

tem", si é que não existe um alfaiate genial.

De modo nenhum Carlito é um typo. E' mais do que isso, é o homem. Como quer o meu prezado amigo, basta uma photographia do homenzinho, um still, para satisfazel-o, dispensando o enfado de centenas de metros de celluloides.

O articulista tem um geito muito seu de escrever sobre Chaplin. U'a maneira de dizer que se caracteriza pela má vontade. Isso nota-se claramente quando elle observa: "City Lights, como não podia deixar de ser, é o maior film do anno, o maior film destes ultimos annos". Em absoluto. City Lights é o maior film de todos os annos. Affirmo-o sem medo de errar ou desgostar, sem levar em conta o odio que todo o fan reconhecido dedica aos letreiros. Os letreiros em Chaplin são inoffensivos quando não são geniaes. Titulos e subtítulos quando não têm valor indicativo não fazem mal a ninguem. Estão como podiam deixar de estar.

E' o que acontece com City Lights e todas as suas obras. Essa grande restricção aos letreiros se deve a Chaplin mesmo, que é o primeiro e talvez o unico a utilizar somente a imagem. E, ainda mais, nunca se leu no cinema um titulo falado tão profundamente significativo como aquelle "Enfrente a vida!" (Em artigo nesse numero, procurei registrar essa minha observação.)

A continuidade do scenario não tem a banalidade que julga descobrir o sr. Danilo Lobo Torreão. Como chamar de banal a um scenario que encerra tudo, absolutamente tudo que o seu autor crê necessario? O exemplo da folhinha não será bastante para justificar uma inverdade.

The crowd não tinha algo de semelhante? E, que importa a facilidade de representação se a intenção foi genial?

Indagar o motivo que leva Chaplin a não abraçar o *montage* e "outras tendencias do cinema actual" é indagar de mais. Chaplin tem personalidade suficiente para desprezar toda sorte de influencias. O seu modo de fazer cinema é personalissimo, e eu chego a ajuntar que essas "tendencias" actuaes são um modo de afastamento de Chaplin usado por alguns espiritos avidos de originalidades. Assim elle, sem apaixonar-se pelos processos alheios, plasma e orienta um numero elevado de discipulos.

O primeiro plano não tem o valor excessivo que lhe dá o sr. Danilo Lobo Torreão. E mais uma vez quem prova isso é o proprio Chaplin. Em *City Lights*, o seu ultimo trabalho, não houve falta de technica de câmara e o numero de *close-ups* não se salientou como no caso de Dreyer. A escassez de planos ninguem notou. Havia ali o bastante para exteriorizar todo o seu pensamento. "A montagem é a decoração de um sentimento e nunca o sentimento a decoração de uma montagem. O sentimento faz a paizagem, illumina-a ou obscurece-a de accordo com os tons de sua alegria ou de sua dor. Manejar a camera é arte de *photographo*; manejar o sentimento é attributo de artistas. O sentimento não tem angulos de visualidades; existe. Quando existe percebe-se de qualquer parte, e quando não existe, isto é, quando o actor não soube arrancal-o em suas expressões, é inutil que se lhe procurem angulos para manifestal-o. Nós somos humanos, queremos o sentimento bem visivel

na ordem commum das coisas. A melhor obra de arte é sempre a mais simples". Estas palavras foram pronunciadas por Chaplin diante do sr. Arturo S. Mom que o fora intrevistar. Creio que ellas sejam o bastante para convencer os que ainda não perceberam a sua technica. E o suficiente tambem para annullar todas as accusações serissimas do meu amigo Danilo Lobo Torreão.

A questão do symbolo composto (interessante, a classificação de symbolos que o articulista engendrou) não encerra a diffi-culdade que parece existir. A observação de qualquer imagem de Chaplin virá em meu auxilio. A sua simplicidade negará a complexidade dum symbolo. Toda a composição schematica em torno duma rosa se desfolhando é um velho habito de quem dá credito ao Stroheim ou ao Griffith. O velho habito que chama de symbolos ás comparações de Poudowkine, e de que nem Chaplin escapou num toque magnifico de continuidade. Nada mais facil e corriqueiro que symbolizar uma illusão morta com uma rosa se desfolhando. O autor dessa ideia — eu apostaria — deve ter usado punhos de renda, longas costeletas e uma pessima dose de bom gosto. Chaplin é dos nossos dias e não recebe influencias de Griffith ou de Stroheim. Houve da parte do sr. Danilo Lobo um descuido de observação bem evitavel, si ponderasse sobre a facilidade trivial de um symbolo. Uma imagem ou duas serão o bastante para afirmar uma ideia. Mas que sejam imagens diferentes. Nunca uma ideia a se exprimir em diversas imagens, synonymas. O resto não passa de simples processo, sem merito, usado ha uns bons vinte annos. — E. C.

A proposito do nosso atraso pitorico

Máu grado nossa pequena e desprezível tradição, somos um povo conservador por excelência. Dificilmente nos sentimos preocupados por uma idéa nova e interessante. E' sempre a mesma attitude de contemplativo desencantado, a mesma veneração de maníaco por uma herança falha e decadente que nos foi legada por meia-duzia de assimiladores mediocres do seculo passado, do "stupide XIX siècle", como o qualificou León Daudet, e recolhida carinhosamente, inutilmente, por gerações e mais gerações. Esquecidos de antiquissimo conselho do Eça, segundo o qual é preciso que aos vinte anos alguém sêja estroina, nem sempre talvez para que o mundo progrida, mas pelo menos para que o mundo se agite, cruzamos os braços e num gèsto bem macunaíma permanecemos indifferentes aos movimentos de intelligencia que se succedem de modo vertiginoso. E quando ás vezes procuramos conhece-los é já com uma distancia espantosa da sua verdadeira origem.

Daí a nossa injustificavel posição de retaguarda em litteratura, em sociologia, em philosophia, em tudo. Mas é sobre tudo em pintura que êsse atrazo se accentúa mais tónicamente. Uma differença seguramente de quarenta anos nos separa das correntes mais avançadas da Europa. A XXXVIII Exposição Géral de Bélas Artes, recentemente realisada no Rio, deixa, pelo menos, prever isso claramente.

O espanto impregnado de indignação com que os diletantes e os chamados criticos de arte lá do sul receberam as produções de alguns nomes modernos é francamente definitivo. O fracasso da iniciativa intelligente do arquiteto Lucio Costa vem mostrar que estamos ainda, pondo á margem rarissimas exceções, em

pleno periodo clássico, academico. 1931 corresponde artisticamente, entre nós, a 1890. Continuamos a fazer sobre arte-pitórica aquêlê conceito estreito e erroneo que precedeu á primeira manifestação expressionista do occidente, cujas bases foram lançadas por Gogh e Gauguin.

A preocupação exclusiva do nosso artista é ainda a visão geometrica, geradora do equilibrio exterior e da belêza aparente. Êle não procura, por um acto reflexo, transmitir livremente o produto da sensibilidade aos sentidos para que estes venham a transformal-o em sensação. Tudo resume a um estudo objetivo e determinando, alheitando-se, por completo, das forças de comoção latentes e dos factores morais e psicologicos, para imprimir ao quadro apenas uma feição facilmente comunicavel e, portanto, susceptivel de vulgarização.

Por outro lado, o espectador não busca elevar-se, por um esforço de comprehensão, á altura da obra contemplada para com isso obter uma emoção identica á que experimentou anteriormente o artista. Nem tampouco tenta provocar em si um phenomeno muito simples de acção interior, do qual resultaria, naturalmente, a sua colaboração directa, immediata, na parte impossivel de ser objectivada pelo autor. O seu papel é puramente visual. Limita-se, tão só, a julgar o que está exteriormente ao seu alcance, impressionado-se com o effeito. Com o allegorico. E, ao contrario de fazer dos sentidos o elemento receptor, serve-se da intelligencia, que em arte é sempre cousa secundaria, para chegar á finalidade estética.

Dessa visão estrabica provem a confusão que habitualmente se estabelece entre o bello originario da natureza e o bello pro-

priamente dito, o bélé artistico, inteiramente divorciado do tal preconceito de harmonia do conjunto e impôsto por uma ordem natural, desligada, de todo, da intelligência — a ordem subconsciente.

E é isso (é doloroso dizer-se) que os nossos criticos não quiseram ainda aprender. Foi isso que os nossos criticos combateram ingenuamente no Salão deste ano. E disso resulta a nossa nenhuma projeção artistica.

E' uma necessidade, pois, reagirmos. Dos estados mais absolutos de repouso é que brotam geralmente os grandes movimen-

os. Quem sabe se o nosso problema não está mesmo a exigir uma solução identica áquela que Jean Cocteau impôs, em 1922, á arte de França?

Mas por ora procuremos somente educar a mentalidade retardada dos Fléxa Ribeiro e dos Fernando Magalhães. Porque a nossa pintura está afétada é de um mal igual ao do país — um mal economico. Este sente o peso de uma baita superprodução agricola e éla experimenta o fenomeno nada interessante de uma superabundancia de imbecilidade... — C. J. D.

Segfried e a Machina

Vale a pena commentar um artigo de M. André Siegfried, autor do já famoso livro — "Les Etats-Unis d'aujourd'hui" — publicado na revista mensal da Universidade de Yale, com o suggestivo titulo — "O Perigo Americano".

Ao lançar as bases de sua these, M. Siegfried não aborda, como fôra de esperar pela sua epigraphe, o famigerado perigo do imperialismo americano. Muito mais habil que os escribas repisadares de assumptos mil e uma vezes glosados, como esse mal-estudado thema das invasões yankees, investiga o escriptor francez um aspecto de real actualidade — a influencia que a America, por seu espantoso desenvolvimento mecanico, possa exercer sobre a mentalidade europeia.

E a essa influencia é que M. Siegfried denomina de perigo americano.

Com effeito, neste seculo em que todos commettem o peccado das generalizações, faz excepção o douto articulista quando distingue a America de maneira tão caracteristica, vendo nella, em relação á velha Europa, uma feição toda nova, essa feição de uso da mecanica, bem sua, que elle já vae pondo no indice das cousas perigosas.

M. Siegfried chega deductivamente a conclusões que não podem escapar á observação de quem quer que se dê a essas especulações: elle toma nota do combate que deste lado do Atlantico se está travando entre o natural e o mecanico.

De um lado está a Europa apegada ás formulas antigas de uma civilisação conservadora; em opposição, acham-se os Estados-Unidos, representando a ideia nova, que se caracteriza pelo uso extensivo da machina.

Debatendo a these em discussão, não procura M Siegfried caminhos novos, á feição de um Charles A. Beard (Whither Man-

kind, New York, 1929), ou desse chinez phenomenal, Dr. Hu Shih (The Civilizations of the East and the West), que perlustram as mesmas trilhas, porém guiados pelo optimismo. M. Siegfried parece antes propender para o lado pessimista dos prophetas á Spengler. Vale-se do que já disseram outros — que o uso abusivo da machina trará como consequencia o embrutecimento das massas.

Observando o triumpho americano da "produção em grande escala", em que o operario se centraliza em uma unica operação affirma aquelle escriptor, sem se importar de não ser o primeiro a dizel-o, que essa pratica bem norte-americana mata-rá o individualismo no homem.

Mas, embora europeu, reconhece que a America, tendo a seu lado a machinaria que tem, vae já levando de vencida os competidores do velho mundo — comercialmente, pelo menos. E vae mais além: affirma que a Europa terá que adoptar a machina na proporção em que já a utilizam os Estados-Unidos, ou terá que capitular na luta desigual com a nova civilisação que se fórma deste lado do Atlantico.

O que M. Siegfried devia ter apontado é que, em primeiro lugar, a civilisação mecanico-cientifica que ora apreciamos aqui é alguma cousa de novo na historia da humanidade, começada a ser praticada, aliás, na propria Europa. A essa civilisação, que não encontra igual em nenhuma das idades do mundo, precisa adaptar-se o homem, bicho rotineiro que pouco ha deixou de ser escravo. E' em torno d'elle, do homem, que gravitam todas as falsas apparencias desse perigo de ultra-progresso.

Em segundo lugar, é cousa sabida, o uso da machina reduz a um minimo determinado as horas de trabalho. O operario, quando livre de sua tarefa, que

é cada vez menor e menos laboriosa, pode empregar o seu tempo no que quizer. Os que o malbaratam, com ou sem machina, terão que soffrer as consequências. Ficarão atrás, como sempre succedeu em todos os tempos.

O progresso está aqui, é movido por força motriz. Não ha oppôr-lhe diques: é aproveitá-lo para a maior felicidade do homem.

E' certo que o uso da machi-

na numa industria diminue o custo da produção com o produzir mais com um reduzido numero de braços, mas, compensativamente, só com a applicação da machina poderemos multiplicar o numero de industrias e assim crearmos novas utilidades para o homem que quer e pode trabalhar.

New York, 1931.

ARTHUR COELHO..

Ligeiros aspectos da crise occidental

Fala-se com insistência numa crise ocidental. Chega-se a propor mesmo uma revisão geral de planos. Uma grande revolução nas idéas e nos sistemas — sinão justificável para muitos, pelo menos para todos ponderabilíssima — vem tentando subverter os velhos moldes da vida atual para impor uma outra ordem de coisas ao universo.

Estamos atravessando, indiscutivelmente, uma hora dramática. Um deses minutos intensos de dúvida e de ansia, que a humanidade tem vivido, já por diversas vezes, durante o curso da sua história. Chocam-se doutrinas. Corrigem-se sistemas. Crêam-se novos princípios econômicos. Procuram-se estabelecer formas novas de governar. Chegamos, na verdade, ao momento preciso em que, de acordo com o pensamento de Spengler, a humanidade lançará o marco terminal duma cultura.

O velho sonho socialista de Platão volta a embalar a fantasia dos homens que se esforçam, hoje como hontem, na busca a um eterno e inalcançável velocino de ouro. Thomas Moore, Fourier, Saint-Simon, Nungesser e outros regressam ao cartaz, corrigidos ou modificados pelos seus continuadores de hoje. Entre elles, Marx e Lénine ocupam lugar de relevo. O operário — vítima inexperiente dos burgueses e dos reformadores — é como sempre, o ponto de referencia da alavanca socialista. O remedio do mundo está na igualdade e fraternidade dos homens! Nunca o cerebro ardente dos visionarios esteve tão pejado de palavras bonitas e sonóras...

A estas horas, Eric Maria Remarque, o famoso alemão, é quem estará convencido da grande inutilidade do seu for-

midável "sucesso literario". As mesmas vozes aclamadoras daquella sua gigantesca tese socialista, que a estupidez burguesa mesma se encarregou de espalhar pelo mundo, estão neste momento tomando aperitivos selvagens para as attitudes medonhas que são de tomar amanhã, na qualidade de especuladores do drama oriental que se inicia. Drama tremendo, que não caberá nos horizontes da Mandchuria, e que talvez venha a descobrir o X da difficil equação contemporanea.

E com Remarque, Ludwig. E com Ludwig, os outros...

Foi Oswald Spengler quem annunciou com mais pessimismo do que nenhum outro, a queda do ocidente. E de fátó, pelo rumo que estão tomando as coisas, si algum episódio notavel não sobreviér com a força precisa para desviar o curso dos acontecimentos, nós havemos de constatar a realização da profecia splengleriana.

E assistiremos assim, mal refeitos do saculejo terrível que jogou por terra um milhão de condenados, na grande-guerra, o abalo ainda maior, que fará reventar o esqueleto desnudo duma civilização.

Muita gente pode continuar a pensar que ainda não ha novidade no front ocidental. Mas a verdade é que se sente por toda parte um grande desassossêgo, uma inquietação intensa sobre os destinos dos povos.

E' esse desassossêgo, é essa inquietação que está a invadir todos os escaninhos sociais, perturbando, dessa forma, a vida economica dos paizes. Até mesmo a daquêles de estrutura mais sólida e inabalavel como a velha Inglaterra, por exemplo, que ainda ha pouco sofreu um declive

na sua balança cambial, com a falada quebra do padrão-ouro.

Um complexo de causas extranhas á vontade dos chefes europeus está a produzir tremendo abalo no organismo politico das nações combalidas, decrepitas e exaustas do velho-Mundo.

E' preciso um dique para conter a avalanche do diluvio moderno. E uma arca de Noé talvez já não seja capaz de realizar o milagre dessa salvação.

Testemunha autorizada do que se desenrola no cenario politico moderno, Benito Mussolini, o homem-stal da nova Italia, disse o que sentia sobre o assunto. As declarações do antigo lider socialista são categoricas e firmes. Valem por um toque de reunir consciante e energico. — "Si a humanidade sofrer mais um inverno de privações e misérias, grande parte da Europa corre o risco de se tornar bolchevista" — foram as palavras do illustre tutor do monarca saboiano.

Não passemos de largo sobre o S. O. S. mussolinico. Meditemos na dureza que essa frase-prenuncio significa para o nosso seculo.

Nas perspectivas que ela rasga ao nosso conhecimento e a nossa analise.

O chefe dos camisas-pretas concita aos seus colegas dos outros governos europeus para uma cooperação eficiente no sentido de se realizar o milagre da redempção da burguesia.

Entrevistado por um jornalista de Paris, o sr. Johnnie Walker, prefeito de New-York, fez interessantes declarações a proposito da civilização imperialista. Disse, a certa altura da sua palestra, que vimos marchando sobre erros e que é preciso, portanto, voltar atrás para começar outra vez.

Ha, aí, o desejo evidente de remediar o mal capitalista. Mas resta saber si a situação actual

do mundo permite essa especie de diagnostico ou prefere, como é bem mais facil de convencer ás massas cegas pelo fascinio da theologia comunista, a mudança radical do quadro da civilização.

De qualquer forma, a humanidade está em face de dois caminhos a seguir: ou se lança á emergencia de reconstruir o que foi mal feito, ou verá esmagado o patrimonio colétivo, que representa um acumulo de tantos seculos de evolução.

A união franco-alemã, esse acontecimento incrivel que a imprensa europeia comentou com muita e natural vivacidade, dá bem a idéa do receio que domina neste instante os povos da Europa em presença do perigo russo. No *shake-hand* trocado entre Von Hindenburg e Mr. Laval, está a prova irrecusavel da necessidade da cooperação capitalista, reclamada pelo duce italiano que, enntretanto, não se cança de, com seu espirito belicoso, aticar uma guerra italo-francêsa, viavel desde as famosas intrigas do armamentismo.

A França e a Alemanha, duas rivais seculares, esquecendo-se os odios e os recentimentos reciprocos, procuram formar a resistencia ao derrame dos novos invasores do ocidente. Todos sabem que esses odios e esses recentimentos apenas se conservam em estado latente, prontos a explodir na primeira rusga mais séria. Mas, presentemente, para as duas nações, a Russia sovietica é uma ameaça gravissima contra os interesses de ambas, o que cumpre afastar a todo transe.

A nova politica da patria de Mr. Hoover, concedendo assistencia economica ao Velho-Mundo, é outro ponto interessante que não convem esquecer. Deixa ela entrever claramente, nos seus objétivos, o alento, a energia que procura enxertar na de-

pauperada burguesia européa, na luta de vida e morte contra o inimigo vigilante e altivo que desce das stepes do norte, onde

se apetrecham para a nova invasão os loiros slavos do camarada Stálin...

Andrade Lima Filho

Portuguez da Europa e portuguez da America

A gramatica não ensina a falar; a linguagem é que ensina a gramatica, já dizia velho entendido de filologia. Acontece, porém, que quasi todos os estudiosos da materia, principalmente em nosso país, contrariam tal conceito e se preocupam mais com a gramatica que propriamente com a linguagem.

Cumpra reconhecer, todavia, que, entre nós, se bem em pouco numero, filólogos há, e dos mais competentes, que se afastam de tão erronea orientação e procuram firmar os principios da linguagem. Dentre esses, salienta-se o sr. prof. Clovis Monteiro, catédrico de Literatura, na Escola Normal do Distrito Federal, e docente-livre de Português no Colégio Pedro II, que acaba de reunir num livro e de lançar á publicidade alguns interessantes estudos filosoficos de linguagem. Interessantes porque, além de o autor estudar a linguagem de preferencia á gramatica e de estar estribado nas mais modernas autoridades, chega a conclusão originais e proveitosas.

E' lamentavel, simplesmente, que Marcel Jeusse e Laurand não tenham sido consultados na confecção dos estudos de que falo, o primeiro na applicação dos metodos psicologicos á filologia e o segundo na comparação dos idiomas classicos.

Tais estudos que são intitulados — Português da Europa e Português da America — se dividem em tres partes distintas: Da tendencia analitica, Da influencia do Tupi e o problema que me proporcionou o livro do ortografico. Da ligeira leitura prof. Clovis Monteiro, ficaram-me as impressões que se seguem.

Na primeira parte, estuda o autor a redução das declinações

em sanscrito, latim e grego. Esta redução, diz ele, é uma manifestação do germe da tendencia analitica nas linguas classicas — conclusão a que chega depois de notar a coincidência entre o desaparecimento dos casos das declinações e o aparecimento das preposições. Mostra que semelhante tendencia que existia no latim literario veio a desenvolver-se no popular. Salienta um um fato interessante: vestígios dos casos nas linguas neo-latinas e aparecimento de preposições nos idiomas classicos. Verifica fenomenos analiticos nas linguas romanicas. Trata de novos elementos dessa tendencia, como o pronome da terceira pessoa e o artigo definitivo. Observa, então, a lingua portuguesa. Dentre os fenomenos estudados, nessa lingua, avulta o emprego de certas expressões populares como — não vi ele — em que, de principio, o autor declara que elas são vícios de linguagem, o que, é bom salientar, não é real, para depois dizer, com razão, que representam vestígios da declinação latina. Aliás, o prof. Eladio Ramos, em substancioso trabalho publicado na Revista de Lingua Portuguesa, considera o ponto de que se trata como uma identidade entre a linguagem dos seculos XIV e XV e o falar plebeu do Brasil.

Na segunda parte, estuda o contacto do tupi com o português. Nota a lei de que a lingua erudita vence a lingua barbara. Observa que os nossos colonizadores se utilizaram da lingua falada pelos indios, de preferencia ao idioma que falavam. Cita nomes da lingua indigena de procedencia jesuitica. Fala da adaptação do alfabeto á lingua americana. Salienta as imperfeições de tal adaptação em face da fonetica experimental-cien-

cia, segundo Rodrigo de Sá Nogueira, relativamente moderna mas de créditos já firmados. Procura descobrir relações entre as fases do tupi e as das línguas indo-europeias. Conclue afirmando que, no idioma do Brasil, o espírito analítico se desenvolveu mais que na língua de Portugal.

Na terceira parte, o autor trata da questão ortográfica, ques-

tão essa, que já está sem oportunidade. E', entretanto, um bem elaborado estudo.

Concluindo: No livro do prof. Clovis Monteiro se encontram ventilados, inda que de corrida, esses e outros assuntos merecedores de estudo. Afirmo — inda que de corrida — para não tachá-lo de pequeno tratado.

Jorge Galvão de Oliveira

Domadores de Desertos

Eis ahi, encimando esta columna, um distico que em literatura cinematographica bem poderia servir de titulo a um film de rocambolescas aventuras do Far West norte-americano.

Em technologia geographica, porém, o seu significado muda de figura, á medida que vamos comprehendendo certas necessidades de terras e de climas como a Amazonia e o Nordeste brasileiro, dois continentes absolutamente desiguaes em vegetação, em latitude, em fauna e em homens que os habitam, mas singularmente semelhante no destino dramatico, ferreo e desventurado que sobre elles paira inextoravelmente.

A Amazonia e o Nordeste parecem, com effeito, dois continentes que uma fortuna madrastra encravou na rocha do septentrião brasileiro, afim de soffrem, elles dois, todas as amarguras, todas as crises e maldições que o céu lançasse sobre o Brasil, quando quizesse repetir, aqui na tropical America, o castigo biblico das sete pragas egypcias.

Felizmente que, para minorar a irremediavel fatalidade mesologica, o homem nordestino e o caboclo amazonense foram moldados numa forja energica que lhes encorajou o corpo e o espirito para as formidaveis escaramuças com a natureza hostil e o céu inclemente.

O sertanejo e o seringueiro, estes dois novos heróes de feitos que Homéro não titubearia em decantar, aprazaram-se para a luta naquella Amazonia mysteriosa onde mais cedo ou mais tarde, na austéra prophecia de Humboldt, se ha de concentrar a civilisação do globo. O cearense, o potyguar, o piauiense e o maranhense, expulsos de suas terras pelo decreto irrevogavel das seccas, representaram, além, lá pelas margens do Juruá, do Tapajós e do Rio

Negro, pelas vertentes paludosas do Acre, o mesmo formidavel papel dos paulistas do século XVII; elles foram, rudes exilados, os bandeirantes que, sem a esperanza fagueira do ouro e das esmeraldas faceis, encontradas cascadeando no sopé das serras, subiram o Amazonas por um leito pejado de crocodilos e serpentes, levando em sua infelicidade a propria alma do Norte até os confins da Patria, até perto dos Andes.

Pelos seringuaes inhospitos, golpeando a arvore leitosa da hevea, de instante a instante lutando com as sucuris gigantes e os indios ardilócos, o seringueiro plantou povoados, construiu aldeias, traçou estradas, abriu portos, enriqueceu o Amazonas, domou finalmente o deserto verde, amansando aquella grandiosa planura a que Buckle chamou "inferno do mundo". E em paga, o seringueiro, que era o sertanejo do Nordeste, o torturado da secca e da saudade, teve o beri-beri, o amarellão, toda a sorte de doenças mortaes e desenganos tristes. Muitas vezes os personagens desta Illiada tropical não tinham sequer, como Ulysses teve, a ventura de voltar a sua Ithaca ensolarada e tranquilla, ao seu sertão distante, que o inverno talvez já tivesse abençoado para a eclosão milagrosa dos algodões e dos milharaes.

O drama da Amazonia continúa a ser uma tragedia em todos os seus motivos shakespeareana. Naquella planicie onde Euclides julgou vêr um Moysés redivivo escrevendo as ultimas paginas do Genesis, ha um verdadeiro delirio de elementos a esperarem, no gigantesco de sua inconsciencia, a formação de um mundo novo.

O que se sente, tacteando a epiderme amazonica, são as explosões de fecundidade do sólo, rescendendo e subindo para for-

talecer no alto a seiva das grossas frondes...

Toda a Amazonia é uma seductora exaltação dos sentidos. E o sertanejo, emigrando de um sólo onde as arvores seccam até as raizes, onde os vegetaes sem filhas e sem sombra pendiculam-se na terra por um milagre de equilibrio, soffre a humilhação de sua pequenez ante a magestade absorvente das samaúmeiras...

Mas o heróe não desanima.

Abysma-se audacioso no titanico afan de domar o deserto. E segue pelo Sahara verde, conquistando na matta intratavel e selvagem o palmo de terra consagrado ao homem, as leguas por onde ha de caminhar luminosamente a civilisação do Brasil novo, que penetra pela mão dos sertanejos na immensidade mysteriosa do inferno amazonico.

EDGAR BARBOSA

AGITAÇÃO

DIRECTOR

Gil de Methodio Maranhão

REDACTORES

Nehemias Gueiros

Octacilio Alecrym

Carlos J. Duarte

Evaldo Coutinho

Aderbal de Araujo Jurema

EXPEDIENTE

ASSIGNATURA ANNUAL 10\$000

EXEMPLAR 3\$000

ENDEREÇO

RUA DO PAYSANDU', 356

AGITAÇÃO dá plena liberdade aos seus collaboradores, não assumindo, por isso, a responsabilidade das idéas publicadas em qualquer artigo ou nota assignada.

THE HISTORY OF THE

REIGN OF

CHARLES THE FIRST

BY

JOHN BURNET

OF LINCOLN'S INN

ESQ.

IN TWO VOLUMES

LONDON

Printed by J. Streater, at the

Sign of the Sun in St. Dunstons Church

1679

Vol. I.

THE HISTORY OF THE

REIGN OF CHARLES THE FIRST
BY JOHN BURNET OF LINCOLN'S INN ESQ.
IN TWO VOLUMES
LONDON
Printed by J. Streater, at the
Sign of the Sun in St. Dunstons Church
1679

